

DEFINIÇÃO DE DOCTRINA - VOLUME 2 - Por: C. D. Cole

Informação sobre a Publicação dos Escritos do Irmão Cole

A Igreja Batista de Bryan Station começou a tarefa de imprimir os escritos de Claude Duvall Cole. O primeiro volume de "Definições de Doutrina" foi um grande livro, publicado pela primeira vez em 1944. Há anos que deixou de ser impresso. Este livro é uma grande obra doutrinária que exalta nosso Deus, como poucos livros o fazem. Ele será uma bênção a todos quantos o lerem. Já o usei em cursos de estudo bíblico e foi uma grande bênção para muitos. Estamos imprimindo este livro e também outros escritos do irmão Cole. Cada um deles tem grande profundidade espiritual, que não é encontrada nos escritos modernos. Esperamos que estas publicações sirvam de ajuda a todos quantos as lerem. É por isto que nos comprometemos a fazer este trabalho como parte da obra missionária em nossa igreja. A Igreja Batista de Bryan Station foi organizada em 1786 e permanece firme às verdades ensinadas nestes livros, todos estes anos. O custo destes livros se baseia só no que foi gasto para publicá-lo. Podemos supri-los em qualquer quantidade, para quem assim os desejam, a preço de custo.

Pastor Alfred M. Gormley

Prefácio do Autor

O primeiro volume do autor, intitulado Definições de Doutrina foi publicado há mais ou menos cinquenta anos. Ele esperava que o segundo volume fosse publicado logo a seguir. Contudo, nossos planos não se concretizaram, e o material que possuíamos quase se perdeu. Muito deste material foi preservado por se encontrar impresso em alguns jornais, tais como: A Testemunha Batista da Flórida, em Jacksonville, Florida; A Testemunha do Evangelho, em Toronto, Canadá; O Eco Bíblico, em Orlando, Flórida e outros. O primeiro volume ficou fora de publicação durante vários anos e o autor, devido à idade e enfermidades, perdeu a esperança de publicar qualquer outro livro. Contudo, a Igreja Batista de Bryan Station em Lexington, Kentucky, se tornou interessada em nossos escritos e recebeu a permissão de reimprimir o Volume 1 no mimeógrafo. Isto levou à impressão deste segundo volume, da mesma maneira. Tudo isto tendo em vista a publicação destes e de outros livros, em formato de livro, mais tarde.

Pedimos ao leitor que tenha em mente que alguns capítulos deste volume, foram tirados dos jornais acima citados, ao passo que outros capítulos são de preparação recente. Por esta razão, talvez haja leves discrepâncias. Contudo, serão mínimas, pois o autor defende as mesmas crenças doutrinárias durante os cinquenta anos de seu ministério. Tentamos expressar nossas convicções francamente, e se lerem com cuidado e em oração, entenderão facilmente. O autor também crê que as doutrinas aqui apresentadas honraram a Deus. E se conseguirem fazer com que o homem se humilhe, serão muito mais benditas. "Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado". Lucas 14:11.

Os irmãos que escreveram a Introdução e o Prefácio para o Volume 1 estão na glória, agora. Colocamos no Apêndice um sermão do irmão mais querido que já tive no ministério; um dos maiores pregadores que o Sul dos Estados Unidos já produziu: o Pastor Sebastian, que durante muito tempo pastoreou a Primeira Igreja Batista em Plant City, Flórida. O sermão, por ele pregado, aquecerá o mais frio dos corações e valerá pelo pequeno custo deste livro.

24 de fevereiro de 1968

No Amor de Cristo, Claude Duval Cole

CONTEÚDO

PARTE 1 - A DOCTRINA DO PECADO

- Capítulo 1 - A Natureza do Pecado.
- Capítulo 2 - A Origem do Pecado.
- Capítulo 3 - Depravação - Total, Universal e Inerente.
- Capítulo 4 - O Pecado Imperdoável (O pecado que não tem perdão).
- Capítulo 5 - Incapaz de Pecar ou a Impecabilidade do Nascido de Deus.
- Capítulo 6 - O Castigo pelo Pecado – Parte 1 da Série de 4 Sermões.
- Capítulo 7 - O Castigo pelo Pecado - Parte 2 da Série de 4 Sermões.
- Capítulo 8 - O Castigo pelo Pecado - Parte 3 da Série de 4 Sermões.
- Capítulo 9 - O Castigo pelo Pecado - Parte 4 da Série de 4 Sermões.

PARTE 2 – A DOCTRINA BÍBLICA DA SALVAÇÃO

- Capítulo 1 - A Natureza da Salvação.
- Capítulo 2 - O Evangelho da Salvação
- Capítulo 3 - Eleição
- Capítulo 4 - O Chamado Eficaz
- Capítulo 5 - Regeneração ou Novo Nascimento
- Capítulo 6 - Justificação ou Absolvição Divina
- Capítulo 7 - Adoção
- Capítulo 8 - Santificação
- Capítulo 9 - Arrependimento para a Vida
- Capítulo 10 - A Fé que Salva
- Capítulo 11 - A Segurança dos Salvos
- Capítulo 12 - O Que Vem Primeiro na Conversão: A Vida ou a Fé?
- Capítulo 13 - Justiça para o Injusto
- Capítulo 14 - Predestinação – Profecia – Providência
- Capítulo 15 - Quem Quiser

PARTE 3 - A DOCTRINA BÍBLICA DE SERVIÇO

- Capítulo 1 - As Boas Obras
- Capítulo 2 - Manual para um Viver Santo (Exposição de Romanos 12)
- Capítulo 3 - Adornando a Doutrina de Deus, nosso Salvador

APÊNDICE: SERMÃO POR D. F. SEBASTIAN (já foi para o céu)

“Deus é por nós” – Romanos 8:31.

PARTE 1 – A DOCTRINA BÍBLICA DO PECADO

CAPÍTULO 1 - A NATUREZA DO PECADO

O pecado é um fato patente – sua realidade não precisa de argumento. É um fato de experiência, de observação e de revelação. É algo que sinto em meu próprio coração, algo que vejo nos outros, até mesmo em meus melhores amigos e entes queridos. É algo que se encontra revelado na Bíblia. O policial o persegue, o médico o receita, a lei o descobre, a consciência o condena, Deus o controla e castiga. Mesmo assim, ninguém o quer ter para si. Mas, a realidade nua e crua, é que pecado é tudo o que a gente tem. O homem é o mordomo de tudo o que possui. Embora o pecado seja óbvio, há uma tendência de tratá-lo como algumas pessoas tratam os parentes que não prestam: ou é ignorado ou até mesmo negado.

Pode-se definir o que é pecado, mas não se pode explicá-lo. O modo que começou no universo é um profundo mistério. Ele não existia na criação, pois Deus a qualificou de “boa”. O pecado é um parasita, um intrometido, uma monstruosidade terrível. Ele apareceu na terra num jardim de delícias, após ter contaminado o céu, e transformou esta terra bonita num deserto de miséria. Lemos que na criação só havia céu e terra, mas depois vemos que o fogo eterno foi preparado para o diabo e seus anjos.

O pecado engana, rouba e destrói. Ele promete prazer, mas o pagamento é a dor. Promete vida, mas dá morte. Promete lucros, mas dá pobreza – a perda de tudo o que é bom. Cada pecado cometido visa um lucro. Ninguém pecaria se não visse lucro de uma forma ou de outra. Há lucro no pecado, mas é por tão pouco tempo! Moisés deu uma olhada e fez uma decisão sábia. Preferiu sofrer aflições com o povo de Deus, do que aproveitar os prazeres do pecado, por um tempo. Considerou “o vitupério de Cristo” (Hebreus 11:26) uma riqueza maior do que todos os tesouros do Egito. Fez sua escolha tendo em vista o dia do juízo.

O pecado é perigoso, e isto vai além do que se possa expressar e descrever. Ele transgredir a lei moral de Deus e esta lei transgredida clama por retribuição justa. O pecado é contra Deus, o Juiz de toda a terra, e tem que ser julgado diante de Deus. O crime é contra a sociedade humana. Ela pune e castiga o pecado. A sociedade humana talvez deixe de punir o criminoso, mas Deus nunca deixará de punir o pecador que não tem Jesus como Salvador. Todo crime contra os homens é pecado contra Deus, mas nem todo pecado contra Deus, é crime contra os homens. A sociedade humana castiga os homens pelo que fazem; Deus os castiga pelo que são e de acordo com o que fazem. Cada pecador ou será castigado em sua própria pessoa ou na pessoa de um Substituto e Fiador, o qual é o Senhor Jesus Cristo, o Fiador de uma aliança melhor. O único modo possível pelo qual qualquer pecador pode receber o favor de Deus, como o doador da lei, era que Cristo, o Justo, sofresse pelo injusto. 1 Pedro 3:18.

DEFINIÇÕES FALSAS DO QUE É PECADO

1. Modernismo. John Fiske (1842-1901) diz que o pecado original não é nada mais, nada menos do que a herança carnal (física) que cada homem leva consigo e que o processo da evolução é um avanço na direção da salvação verdadeira. De acordo com esta opinião, a raça humana está a caminho da salvação; não há esperança para o indivíduo, a raça humana será salva, quando o processo da evolução se tornar perfeito. É como tentar domesticar um animal selvagem. De acordo com esta opinião não há responsabilidade individual e, sendo assim, nenhuma salvação individual. Que esperança vai se dar a quem clama: “Que

é necessário que eu faça para me salvar”? É a “guerra fria” e guerras de verdade em vários lugares, com as conseqüências terríveis à felicidade e segurança, que mostram que o processo evolucionário de salvação é uma mentira.

2. Ciência Cristã. (Mary Baker Eddy). “O pecado é uma ficção de uma imaginação pervertida” – “Uma criação imaginária de mentes anormais”. Em outras palavras, o pecado não existe; não é real. Há quem pense que peca e isto é uma doença da mente. O homem convicto de seu pecado é um desequilibrado mental e aquele que se entristece por seu pecado e busca o perdão de Deus está completamente insano. Tal tolice é refutada pela ciência, pelas Escrituras e pelo senso comum. Quando o príncipe caiu em si, disse: “Pequei”. Insano é quem nega o fato do pecado. “Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e sua palavra não está em nós”. 1 João 1:10.

3. A Opinião Popular vê o pecado como apenas um crime contra a sociedade. Os pecadores são somente os que incorrem nas extravagâncias da mocidade: os viciados, as prostitutas, os criminosos e os bandidos. Há mais ou menos setenta anos, os japoneses se ressentiram com a pregação de Paul Kanamoro. Reclamaram de que Paulo falava com eles como se fosse um promotor falando a réus. Confundiram pecado com vício. Não puderam fazer distinção entre pecado e crime. Cada pessoa é um pecador nato, mas nem todos são viciados ou criminosos. Há muitas mulheres virtuosas, mas não sem pecado. Há muitos homens obedientes à lei, mas não sem pecado. Há bebês lindos em toda parte, mas não bebês sem uma natureza pecaminosa. (Salmo 51:5; 58:3; Efésios 2:1-3).

ALGUMAS DEFINIÇÕES VERDADEIRAS DO QUE É PECADO

1. A Confissão de Westminster:

“Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus ou qualquer transgressão desta lei”. Esta é uma boa definição e inclui tanto os pecados de comissão quanto os de omissão. A lei moral de Deus – o padrão eterno do que é certo e errado – se resume em amar, de modo supremo a Deus e ao nosso próximo, como a nós mesmos.

2. A. H. Strong:

“Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, quer em atos, caráter ou natureza”. Esta é uma definição ainda melhor, pois reconhece o pecado como condição da natureza humana. O pecado habita no coração, é uma qualidade do ser.

3. O Apóstolo João:

“Pecado é iniquidade” (transgressão da lei). 1 João 3:4b. Ou mais literalmente: “Pecado é fazer o que é ilegal”. Não pode haver pecado onde não há lei. Se não houver Legislador (Deus), ao Qual devemos prestar contas, então não pode haver pecado, pois pecado é fazer o que é ilegal.

NÃO ATINGIR O ALVO

Há uma palavra na Bíblia que significa “não atingir o alvo”, a qual é traduzida como pecado umas 200 vezes na Bíblia. O homem não atingiu o alvo – não atingiu o propósito da sua existência. Ele foi criado para refletir a glória do seu Criador, mas não atingiu este alvo e está “destituído da glória de Deus”. É como um relógio que não dá as horas; como um carro que não sai do lugar; como carvão que não queima. É um fracasso no maior de todos os empreendimentos – deixou de glorificar a Deus.

O HOMEM ESTÁ LONGE DO ALVO

Há outra palavra usada para descrever pecado e que significa “afastar-se do caminho reto”. Esta concepção de pecado é expressa no Salmo 78:57, onde Deus reclama que Israel se virou “como um arco enganoso”. Mais uma vez em Isaías vemos que “todos estão desgarrados como ovelhas”, “cada um se desviou pelo seu caminho”. O homem está afastado do caminho reto. Em vez de gravitar em torno de Deus, fazendo de Sua vontade o prazer principal, ele se torna uma estrela errante no firmamento moral.

COMPETIÇÃO COM DEUS

Pode-se definir pecado como competir com Deus pela soberania – competir no plano de autoridade. Este aspecto é visto na história do primeiro pecado, como podemos ler em Gênesis 3. A palavra pecado não aparece na narrativa, mas o fato do pecado, sim. Também a natureza do pecado fica claramente revelada. Satanás disse a Eva que se ela e o marido comessem do fruto proibido, seus olhos se abririam e seriam como Deus, conhecendo o bem e o mal. E quando o pecado foi consumado, Deus disse: “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal”. Gênesis 3:22.

Como foi que o homem se tornou igual a Deus quando pecou? É claro que não tem nada a ver com caráter, porque ao pecar, o homem perdeu o caráter bom com o qual fora criado. Também não significa que adquiriu atributos divinos tais como poder, santidade ou sabedoria. Ao pecar o homem perdeu o poder de viver e morreu; perdeu sua santidade original e se tornou imundo ou depravado; perdeu a sabedoria recebida na criação original e se tornou um tolo. O pecado trouxe morte, depravação e desilusão. O pecado é tolíce consumada.

O único sentido possível no qual o homem se tornou igual a Deus foi no espírito e objeto – não na realidade. Adão e Eva declararam sua independência de Deus. Agora teriam suas próprias leis e fariam o que lhes agradasse. Rebelaram-se contra a vontade de Deus para sua vida. Rejeitaram Sua vontade expressa quanto ao que poderiam ter. Determinariam (sabendo por si mesmos) o que era bom e mal – certo e errado. Não mais estariam presos à Palavra de Deus, em relação ao que podiam fazer. Seriam a própria lei e fariam o que quisessem; o que era certo a seus próprios olhos. Deste modo, entraram numa competição com Deus em relação à soberania. Em espírito e objeto se fizeram como Deus. A vontade deles mesmos seria suprema.

Cada pecado é uma competição com Deus no plano de autoridade. Se eu tiver o direito de determinar o que é certo e errado, então sou Deus – sou supremo na questão de autoridade. O pecado é, portanto, uma declaração de independência diante de Deus e isto significa guerra, pois Deus disse: “Eu sou Deus, e não há outro”. Salmo 46:9. Em outro versículo lemos: “Não terás outros deuses diante de mim”. Êxodo 20:3. Portugal não pôde fazer quase nada quando o Brasil declarou sua independência – foi uma coisa perdida. Mas, Deus pode fazer muito em relação a Suas criaturas rebeldes. O pecador entrou numa guerra, já perdida, contra seu Criador. Deus é um Deus zeloso. Ele nunca vai tolerar rivais nem competidores. Ele é a única PESSOA no universo inteiro que tem o direito e o poder de fazer o que Lhe agrada. Somente Ele tem o direito de agir para Sua própria glória. Tudo o que Deus faz, quer em misericórdia ou justiça, é para o louvor de Sua glória. A salvação é unicamente para este fim. Efésios 1:1-14.

A REALIDADE DO PECADO

O pecado é real? Pergunte a Adão e ouça-o lamentar pela perda do Éden. O pecado é real? Pergunte a Caim e o ouça clamar: “É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada”. Gênesis 4:13. Pergunte a Abel. Ele não pode falar, mas seu sangue clama a Deus por justiça contra seu assassino. O pecado é real? Pergunte a Davi e escute-o dizer: “Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim”. Salmo 51:3. O pecado é real? Pergunte ao homem rico, no inferno, e escute o que ele diz: “Estou atormentado nesta chama”. Lucas 16:24. O pecado é real? Pergunte a Faraó e preste atenção que disse: “Pequei”, ao descobrir que em cada casa havia um primogênito morto, por toda a terra do Egito. Somente Gósen escapou, por causa do sangue do cordeiro pascal. O pecado é real? Pergunte a Pedro e escute sua confissão: “Ausenta-te de mim, que sou um homem pecador”. Lucas 5:8. O pecado é real? Pergunte aos pais crentes e ouça-os enquanto oram pelos filhos perdidos. O pecado é real? Pergunte ao Filho de Deus e ouça-O clamar, sob fardo tão terrível; “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Mateus 27:46. O pecado é real? Pergunte aos mártires e deixem que lhe digam o preço que pagaram ao resistirem até à morte.

Quanto mais santo o homem é, mais ele vê o que é pecado. A pessoa que peca menos é aquela que mais se entristece por causa do seu pecado. A. J. Gordon, o grande pregador batista de Boston, era um homem temente a Deus. Mesmo assim, pouco antes de morrer, pediu para que o deixassem sozinho. As pessoas ouviram confessar seus pecados de modo tão exagerado, que parecia estar delirando. Lutero clamou: “Oh, meus pecados, meus pecados”. Jonathan Edwards, que foi o homem mais temente a Deus, em sua época, escrevia em seu diário com tanta aversão a si mesmo, que se podia até pensar que era o pior homem do mundo.

A POTENCIALIDADE DO PECADO

O pecado, como ato de transgressão é somente uma parte pequenina do pecado. Nove décimos da massa de um iceberg ficam por baixo da água, de modo que uma parte muito pequena do total pode ser vista. E há muito mais pecado no homem do que o que aparece na superfície da transgressão real. O mal em potencial é quase igual em cada homem. A Bíblia diz que não há diferença, pois todos pecaram. Se não pecamos tanto quanto os outros exteriormente, é porque a graça de Deus nos restringe e não a algo de bom em nossa natureza. Quando nosso Senhor disse que “do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias” (Mateus 15:19), Ele não descrevia um coração em particular, mas sim o coração de cada homem. Quando Paulo disse que “a inclinação da carne é inimizade contra Deus” (Romanos 8:7), ele falava sobre a mente de cada ser humano.

SALVAÇÃO ATRAVÉS DE UM COOPERADOR

O pecador está competindo contra Deus. O Salvador, porém, é o cooperador de Deus. O primeiro Adão competiu com Deus em busca de soberania e destruiu a todos nós. O último Adão, Jesus Cristo, cooperou com Deus para nossa salvação. O primeiro Adão disse: “Faça-se a minha vontade”. O último Adão declarou: “Todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42). O primeiro Adão desprezou a vontade de Deus. O último Adão disse: “deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus” (Salmo 40:8). E a vontade de Deus o levou pela estrada do sofrimento; do Getsêmani sombrio ao Calvário sangrento. E foi lá que Ele exclamou: “Está consumado” (João 19:30). Todos os homens são vítimas da tragédia terrível do

Jardim do Éden; todos os crentes são vitoriosos através da tragédia do Calvário. Que o autor e leitor deste livro possam se curvar em adoração, diante tal maravilha!

CAPÍTULO 2 – A ORIGEM DO PECADO

Esta é uma das mais difíceis questões em teologia. Deus fez tudo bom na criação. Então como foi que começou o pecado? Como esta criação boa se rebelou contra seu Criador? Por quem e como se originou o pecado? Há muita coisa que não sabemos sobre este assunto. Porém há conclusões necessárias a se considerar.

1. O pecado não é eterno, pois teve princípio. Os gnósticos crêem em dois princípios eternos: o bem e o mal.
2. O pecado não foi criado por Deus. Deus criou tudo bom; não é o Autor do pecado. Os seres morais não tinham pecado ao serem criados. Satanás foi criado de modo perfeito e sem pecado. Ezequiel 28:15. “Deus fez ao homem reto”. Eclesiastes 7:29.
3. O pecado não foi o resultado necessário para a finitude. Há quem diga que porque Deus fez do homem um ser finito, o pecado era inevitável. Mas, se isto for verdade, os homens sempre serão pecadores, pois nenhum de nós jamais se tornará infinito. Este atributo pertence somente a Deus.
4. O pecado teve início num princípio de negação, o que significa que ele não é o resultado de nenhuma força positiva. Os seres morais foram criados bons, mas não imutáveis e independentemente bons. Isto os poria em pé de igualdade em relação a Deus; envolveria o absurdo de Deus criar outro Deus. Somente Deus é imutável e independente. Não pode haver mais de um Deus, auto-existente, auto-suficiente, soberano e supremo.

Os seres morais, anjos e homem, dependiam de Deus para continuarem bons. Um poder sustentador deve fluir continuamente de Deus para que as criaturas morais continuem como foram criadas. Salmo 66:9. Atos 17:28. Colossenses 1:16-17. Hebreus 1:3.

Este poder sustentador não é obrigatório, mas é pela graça. Não é uma questão de justiça. Deus podia exercer esta graça ou não, segundo o seu bem querer. Ele podia ter conservado e mantido em santidade todos os seres humanos. Ele podia ter impedido o pecado de começar entre os anjos, do mesmo modo como graciosamente o impediu de espalhar-se, mantendo em santidade aos que são mencionados como anjos eleitos. 1 Timóteo 5:21. Ele podia ter mantido Adão sem pecar. Não dá para dizer que, porque Deus fez Adão uma pessoa que age com liberdade moral, Ele não podia impedi-lo de pecar, sem violar-lhe a liberdade da vontade própria. Deus impediu Abimeleque, rei de Gerar, de pecar, não permitindo que ele tocasse em Sara. Gênesis 20:6.

E assim, o pecado teve origem na recusa dessa graça necessária para manter os seres morais num estado de santidade. Se Deus não tivesse permitido o pecado, não haveria manifestação de alguns de Seus mais gloriosos atributos. Não haveria manifestação de misericórdia, pois ela deve ter um recipiente de miséria e não poderia haver miséria se não houvesse pecado. Não haveria manifestação de ira, raiva nem ódio, pois todos eles são execuções de justiça e santidade contra o

pecado. Não haveria manifestação de amor tão gracioso quanto o que vimos na dádiva de Deus em dar o Seu Filho, que foi castigado pelos pecadores. Não é muito dizer que Deus permitiu o pecado, a fim de que pudesse subjugar-lo “para louvor e glória da sua graça”. Efésios 1:6. Veja também Salmo 76:10.

O PRIMEIRO PECADOR

O pecado teve origem nos anjos. Esta coisa repugnante, escorregadia, brilhante e sutil, que chamamos pecado, foi tramada no dia em que Lúcifer, o filho da manhã, disse: “Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo”. Isaías 14:13-14. Lúcifer queria ser igual a Deus no governo, e a soberania foi a isca que ele ofereceu ao homem, a fim de fazê-lo voltar-se contra seu Criador. E ao pecar, o homem se tornou ferramenta e aliado de Satanás.

A maioria das pessoas tem uma concepção infeliz e inadequada sobre o pecado. O pecado é uma coisa abominável, que Deus odeia. É mais do que um leve delito pelo qual Deus simplesmente chama a atenção o homem. O pecado é uma espécie de alta traição contra o Todo-poderoso e Triúno Deus, e é punido por consignação com o lago de fogo.

A ORIGEM DO PECADO NA RAÇA HUMANA

O pecado derivou-se no primeiro homem: “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”. Romanos 5:12.

Existem somente duas maneiras concebíveis pelas quais o pecado passa de uma pessoa para outra. Uma é pelo exemplo: Eva fez Adão pecar, do mesmo modo como Jeroboão fez Israel pecar. A outra é ao se participar do pecado dos outros. É lógico que não somos pecadores devido à força do exemplo de Adão. Contudo, na comparação entre Adão e Cristo (Romanos 5:19), pretende-se mostrar que o pecado surgiu através de Adão, da mesma maneira como a justiça veio através de Cristo. Não nos tornamos justos somente seguindo a Cristo como exemplo. Temos que receber Sua justiça imputada. “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. 1 Coríntios 1:30. Isto faz surgir a questão do relacionamento de Adão com seus descendentes.

A AUTORIDADE DE ADÃO

Adão foi o cabeça da raça humana. Esta autoridade tanto foi natural quanto também dada por Deus. Natural, através do princípio da geração (fulano gerou beltrano); e também dada por nomeação divina.

1. **Adão foi o pai (ou cabeça) natural da raça humana.** Atos 17:26, 1 Coríntios 15:45. Cada pessoa estava seminalmente em Adão. Ele gerou filhos à sua própria semelhança física e moral, não antes, mas após a queda. Seus filhos se tornaram herdeiros de todos os males de seu corpo e sua alma. Eles herdaram sua depravação moral e fraqueza física. Sua natureza foi transmitida à sua posteridade.
2. **Adão foi o cabeça designado por Deus da raça humana.** Isto significa que Adão foi nomeado como a pessoa representativa. Ele representou a raça humana no pacto das obras. “Mas eles transgrediram a aliança, como Adão”. Oséias 6:7. A autoridade dada por Deus explica porque o pecado de Adão foi imputado (debitado) à sua posteridade. “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores”. Romanos 5:19. Adão estava agindo em nome de toda a raça humana e o que fez foi debitado a todos os

seus descendentes. Esta é a única maneira de se explicar a morte de criancinhas. Elas morrem ou por causa do pecado de Adão, ou por razão nenhuma, pois não pecaram pessoalmente. Romanos 5:14. Se Adão não representasse as criancinhas no que diz respeito ao pecado, então Cristo não as representaria no que diz respeito à salvação. Se não eram culpadas com a culpa de Adão, também não poderiam ser justificadas com a justiça de Cristo. Os bebês vão para o céu, não porque são inocentes, mas porque a base é o sangue de Cristo. Se Cristo não tivesse morrido, a raça humana, os bebês e adultos, estariam condenados eternamente. Não haverá ninguém no céu que não tenha sido redimido pelo sangue de Cristo. Os bebês receberam a culpa de Adão sem saberem nem consentirem. Mas, com base na morte de Cristo por eles, o Espírito Santo prepara-lhes a natureza (que é pecaminosa) para desfrutarem do céu.

O PRIMEIRO E ÚLTIMO ADÃO

Em 1 Coríntios 15:45 e 47 lemos que Jesus é chamado o segundo homem e o último Adão. Isto não tem nada a ver com existência, mas sim com representação. Se O considerarmos individualmente, Ele não foi nem o segundo homem nem o último Adão. Individualmente houve muitos homens entre o Adão do Éden e o Adão do Calvário, e já existiram muitos homens desde Jesus. Ele é chamado o último Adão porque só há dois homens representantes. Deus trata com toda a raça humana através de dois homens. Nosso destino depende em qual destes dois homens temos posição diante de Deus. Os crentes são aceitos no Amado, Efésios 1:6, e são perfeitos nEle. Colossenses 2:10.

CULPA E DEPRAVAÇÃO

Há dois aspectos ou ramificações do pecado: 1 – O que consiste da culpa por uma ação cometida; 2 – A corrupção ou depravação inerente da natureza adquirida por essa culpa. A **posição** do pecador é de **culpa** diante da lei de Deus; o **estado** dele é de **depravação** ou **corrupção** da natureza.

Houve dois resultados com o primeiro pecado de Adão: 1 – Ele foi imputado com a culpa e condenado pela lei de Deus; 2 – Ele perdeu a semelhança de Deus em santidade e se tornou corrupto. Qual das duas, ou ambas ramificações, veio de Adão? Há quem diga que a culpa do pecado é imputada, por isso batizam os bebês, para que não vão para o inferno. Outros dizem que a corrupção da natureza foi dada (herdada).

Mas nós cremos que o pecado, com as duas ramificações, se deriva de Adão. A culpa foi **imputada** e a corrupção da natureza foi **dada** ou **herdada**. Em outras palavras, a depravação ou corrupção da natureza é uma das conseqüências da transgressão de Adão. Deus castiga o inocente? A resposta é um sonoro: NÃO! Então todos nós estamos representados em Adão, na sua transgressão, ou não seríamos castigados com uma natureza pecaminosa.

O PRIMEIRO ADÃO FOI EXONERADO

Quantos dos pecados de Adão foram debitados à sua posteridade? Somente um, pois está escrito: “Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação”. Romanos 5:16.

Adão só podia transmitir o pecado à sua posteridade, enquanto fosse uma pessoa que representasse a raça humana. Imediatamente após seu primeiro

pecado, ele foi exonerado do cargo e outra aliança foi feita. Gênesis 3:15. Quando Adão mostrou sua fé no Redentor prometido, agia em caráter particular; de outro modo, a fé dele teria sido imputada como seu pecado foi. Vamos então, escritor e leitor, agradecer a Deus pelo último Adão que é o Espírito que dá a vida.

CAPÍTULO 3 - DEPRAVAÇÃO - TOTAL, UNIVERSAL, INERENTE

Depravação é uma palavra que descreve o estado ou disposição do homem, considerado um ser moral. Ser moral é alguém responsável diante de Deus por seus pensamentos, fala e conduta. Depravação significa a corrupção moral da natureza humana. Refere-se ao estado de pecaminosidade natural do não regenerado.

Depravação é o oposto do que a lei de Deus requer. O resumo da lei divina é amar a Deus e ao próximo. Mateus 22:37-39. Paulo diz que amar é cumprir a lei. Romanos 13:8-10. Depravação consiste, então, da falta do amor exigido por Deus e estabelecer outro objeto ou objetos nas afeições humanas. É tudo aquilo que se coloca em competição com Deus pode ser reduzido a um só – o eu. Auto-amor particular, à exclusão do amor supremo de Deus e amor igual aos homens é a própria raiz da depravação. A vontade própria, a auto-admiração e a justiça própria são apenas manifestações diferentes da depravação.

Depravação é o estado da natureza que faz o homem colocar o eu no lugar de Deus e a buscar a auto-satisfação, honra e interesse como o fim supremo de todas as suas ações. Cada ser moral deve viver e agir para o bem maior, o qual é a glória de Deus. Depravação é a corrupção da natureza que leva os homens a agirem para a própria glória. A própria essência do pecado é o egoísmo. A Bíblia muitas vezes emprega a palavra carne, a fim de designar a natureza corrupta do homem. Veja Romanos 7:18 e 8:1-13, Filipenses 3:3, João 1:13 e 6:63.

Quando Paulo descreve os homens com uma variedade de características más, o primeiro elo da corrente é: “amantes de si mesmos”. 2 Timóteo 3:2. Este amor exclusivo do eu é a fonte da depravação, da qual fluem todos os maus pensamentos e ações. É o ventre do qual nascem todos os meios pecaminosos. É a incubadora na qual são chocadas as más invenções.

A depravação é total e atinge a todas as disposições da alma. É universal, atingindo a todos os homens pela natureza. É inerente também. Com isso queremos dizer que é o resultado do pecado original, transmitido pela geração natural ou nascimento físico.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

Depravação total significa que o homem é depravado ou corrupto em todos os aspectos do seu ser. Não é uma questão de grau, mas sim de extensão. Não significa que qualquer homem seja tão mau quanto possa se tornar ou tão mau quanto Satanás. Contudo, o mal em potencial é quase o mesmo em cada homem. A Bíblia diz que não há diferença, “pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Romanos 3:23. Se não pecamos tanto quanto os outros é por causa da graça de Deus que nos restringe e não por haver algum bom em nossa natureza. Quando Jesus disse: “Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias” (Mateus 15:19), Ele não estava descrevendo um coração em particular, mas sim o coração de cada homem. John Bradford, um mártir, certa vez observou os oficiais levando um criminoso até o lugar da execução, e comentou: “Lá vai John Bradford, se não fosse

a graça de Deus”. O ato da transgressão é somente uma parte mínima do pecado. Oito nonos de um iceberg ficam sob a superfície do mar. E, potencialmente, há mais pecado em cada um de nós do que aparece na superfície, numa transgressão real.

Existem graus na depravação. Todos os homens não são iguais no grau ou quantidade de pecado. Pingue uma gota de arsênico num copo de água e ela será totalmente afetada. Cada gota da água fica envenenada. Se colocar mais uma gota de arsênico, o veneno não alcança mais da água, mas se intensificará. O Veneno não vai ficar em mais partes da água, porque já está em toda parte, mas cada gota de veneno dará um grau maior. O mesmo acontece com o homem, que é o filho da ira por natureza (Efésios 2:3), o qual pode se tornar mais depravado.

O homem natural não é depravado em partes, mas no todo do seu ser. A mente carnal é inimizada contra Deus (Romanos 8:7); e o coração é “enganoso..., mais do que todas as coisas, e perverso” (Jeremias 17:9, Mateus 15:19); a vontade humana está presa ao pecado (João 5:40 e 6:44, Filipenses 2:13). A vontade humana não é melhor do que a mente e o coração que a controlam. O homem escolhe o que faz, por causa do estado de sua mente e coração.

A depravação total significa que o homem, como resultado do pecado original, está morto moral ou espiritualmente. E morto, como adjetivo, não admite comparação. Não há grau de morte; mas há grau na morte. Diante de nós está um morto. Há um dia que está morto. Ele está morto totalmente em todas as partes físicas. Eis outro morto. Ele está morto há uma semana. Ele não está mais morto do que o outro, mas o corpo se encontra em uma condição pior. A Bíblia apresenta o homem natural como um corpo morto moral ou espiritual. Vemos uma moça, dezesseis anos, linda, alegre e charmosa. Ela não entende nada da vida de um prostíbulo. Mas essa moça, sem Cristo, está morta moral ou espiritualmente! Ela não tem amor a Deus nem ao próximo. Sua natureza depravada se manifesta na ostentação do que veste, no orgulho da beleza, na desobediência aos pais, na falta de interesse pela palavra de Deus e rejeição ao Senhor Jesus Cristo. Eis outro morto moral. É uma mulher do prostíbulo; sua virtude se foi. Acha-se abandonada a uma vida de pecado e vergonha. Bebe, diz palavrão, fuma, mente, rouba e destrói lares. Porém, não está mais morta do que a de dezesseis anos, mas na morte moral se encontra numa condição pior.

A morte não significa que o homem não existe como ser moral. A morte não significa extinção do ser, mas um estado ou condição do ser. O homem sem ser regenerado realiza ações morais, porém elas são más. Roubo, homicídio e mentira são todos atos de um ser moral, porém são atos maus.

DEPRAVAÇÃO UNIVERSAL

A depravação universal significa que todos os homens são depravados. Cada homem, sem a graça que Deus opera no pecador, não tem o que a lei de Deus requer. Ele não ama a Deus nem ao próximo como a si mesmo. Só os que nasceram de novo amam a Deus (1 João 4:7); entendem as coisas de Deus (1 Coríntios 2:14, João 3:3, 2 Coríntios 4:4); crêem no Senhor Jesus Cristo (1 João 5:1) e praticam a justiça (1 João 2:29).

Na época de Noé “a maldade se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”. Gênesis 6:5. Diz-se da época de Davi: “Não há quem faça o bem, não há sequer um”. Salmo 14:3. E Paulo cita este versículo de Davi e o aplica ao povo de sua época. Romanos 3:10. O único homem livre de corrupção da natureza desde que o primeiro Adão pecou foi o Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus e Seu nascimento não foi

de acordo com a lei da geração natural. Negar o nascimento virginal de Jesus de Nazaré é fazer dEle um pecador. E quem quer confiar num pecador como Salvador?

DEPRAVAÇÃO INERENTE

A depravação da natureza é transmitida a todos os homens pela geração natural. Como “fulano gerou beltrano”; isto é, quem nasce da carne é carne e a mente carnal odeia Deus.

A aparência bem cedo do pecado na criança é prova de que a depravação da natureza é herdada. O primeiro ato que descobre a razão na criança já tem pecado. Observe uma criança, quando a razão começa a manifestar-se e ela se expressará fazendo o mal aos outros, ou mentindo, ou exibindo o orgulho ou pela inclinação natural de se vingar. Todos os pais já aquietaram os filhinhos que estavam batendo naquilo que os machucou ou ofendeu, não foi? Uma criança pequenina, no início da razão, manifesta um espírito de vingança em relação aos outros e aversão a Deus.

No diário de Andrew Fuller, no dia 8 de janeiro de 1785, está escrito: “Fiquei muito agitado hoje, ao ouvir minha filhinha dizer: Como domingo chega rápido! Senti-me triste ao ver a aversão que o coração carnal tem por Deus, mostrando-se tão cedo assim”.

A depravação inerente é vista no fato que a criança peca sem que ninguém a ensine. “Mas a criança entregue a si mesma, envergonha a sua mãe”. Provérbios 29:15. Deixe apenas uma criança agir naturalmente e ela envergonhará a sua mãe. Temos que ser ensinados a fazer aquilo que não é natural. Pegue uma pessoa que nunca foi ensinada a nadar, jogue-a em águas profundas e ela afundará. Mas pegue o cavalo ou outro animal e faça o mesmo. Ele vai nadar, porque a natureza o ensinou. O homem peca naturalmente, mas tem que ser ensinado a fazer o bem.

A depravação inerente é ensinada de maneira direta em muitos versículos bíblicos. “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe”. Salmo 51:5. Davi não reflete sobre a virtude da mãe; ele confessa a natureza pecaminosa recebida no nascimento. “Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, falando mentiras”. Salmo 58:3. Em Efésios 2:3 lemos que “éramos por natureza filhos da ira”. Em Romanos 9:8, a Bíblia nos diz que os filhos da carne não são os filhos de Deus, e se não são filhos de Deus, são filho da ira, filhos da desobediência, filhos de Satanás.

A Bíblia, que ensina a necessidade do novo nascimento, prova que a depravação é total, universal e inerente. A regeneração não é de partes, mas de peessoas; o ser psíquico completo tem que nascer de novo. E cada homem precisa do novo nascimento, porque se não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. João 3:3. Se a depravação não fosse hereditária, o novo nascimento não seria necessário; o treinamento e a educação levariam uma pessoa para o reino de Deus. Se houvesse uma fâsca de bondade que pudesse se transformar em chama, não seria necessário um nascimento do alto para a salvação.

ILUSTRAÇÃO

O seguinte incidente vai ilustrar a verdade sobre a depravação. Os tripulantes de um navio se amotinaram, prenderam os oficiais e tomaram o comando do navio. Vão até um porto distante, vendem a carga e dividem o dinheiro entre si. Mas, enquanto viajam, vêem que é necessário, para a auto-preservação, estabelecer algum tipo de lei que os governe em seu relacionamento uns com os outros. A estas leis eles aderem pontualmente, agindo com justiça uns com os outros. E concordam numa distribuição imparcial dos saques. Mas antes de chegarem ao porto, um dos

tripulantes se arrepende e fica muito infeliz. Ele insiste que estão fazendo uma grande maldade. Pede que libertem os oficiais, implorem seu perdão e voltem a ficar sob seu comando. Os companheiros, porém, alegam sua justiça, honra e respeito uns pelos outros. Lembram que estão obedecendo às leis que fizeram e que há paz e harmonia entre eles. Porém o tripulante lhes diz que não há bem nenhum nisso; que tudo que estão fazendo de certo, é feito na busca de algo que viola a grande lei da justiça sendo, por isso mesmo, uma espécie de iniquidade. Ele lhes mostra que estão cuidando do navio só por interesse egoísta e glória, e não no interesse do dono. Suplica que se arrependam dos maus intentos. Implora que libertem os oficiais e peçam clemência.

A aplicação desta parábola é fácil. Como marinheiros no navio da vida, a raça humana se amotinou bem no começo e cada um que nasce no navio se reúne à rebelião. Embora pareça que há lei e ordem, e algum respeito entre si, cada homem, sem a graça de Deus agindo nele, vive para si e não para Deus, o Criador e Dono de tudo. A necessidade de cada pessoa é se arrepender de seu pecado em relação a Deus, rendendo-se a Ele e esperando misericórdia através do sangue de Seu Filho. Que tanto o escritor quanto o leitor possam odiar-se pelo que eram por natureza e se regozijem no que são pela graça maravilhosa de Deus!

CAPÍTULO 4 – O PECADO IMPERDOÁVEL

“Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não será perdoado, nem neste século nem no futuro”. Mateus 12:31-32.

“Na verdade vos digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e toda a sorte de blasfêmias, com que blasfemarem; qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, mas será réu do juízo eterno. (Porque diziam: Tem espírito imundo)”. Marcos 3:28-30.

“E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado”. Lucas 12:10.

O autor acredita que as passagens bíblicas acima podem todas ser aplicadas à questão do pecado imperdoável. Ele não acredita que Hebreus 6:4-8 e 10:26-31 tenha alguma coisa a dizer sobre o assunto. Sem dúvida, são um aviso solene contra a apostasia, mas não ajudam a definir o que é o pecado imperdoável. Quanto a I João 5:16, não estamos tão certos. O Dr. Broadus achava que se referia a tal pecado. Seja o que for, ele também não esclarece muito o que é pecado imperdoável (sem perdão ou que não tem perdão).

Infelizmente este é um assunto mal-entendido e sobre o qual muita gente abusa. Tememos que seja usado para amedrontar as pessoas não regeneradas (não convertidas ou salvas) para ajuntar-se a igreja tornando-as assim duas vezes filhas da ira. Opiniões erradas sobre o assunto lançam as pessoas no desespero e até mesmo na loucura.

UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA

Devemos fazer diferença entre ***um pecado não perdoado*** e ***o pecado não perdoável***. Há ***muitos pecados que não são perdoados*** ainda, ***mas só um que é imperdoável***. Todos os pecados dos não arrependidos e descrentes levam à

perdição, mas só há um pecado que não tem perdão (que é imperdoável). Nosso Senhor, claramente fez a distinção entre o pecado que “nunca obterá perdão” e todos os outros que serão perdoados em caso de arrependimento e fé em Jesus Cristo.

O QUE O PECADO IMPERDOÁVEL NÃO É

1. Não é **nenhum** pecado contra os homens. Muitos são os pecados que os homens cometem contra os outros, tais como: homicídio, roubo, falso testemunho, maledicência e inveja. Mas, para estes, há perdão. Muita gente é culpada de tais pecados, mas através do arrependimento e fé em Cristo foram perdoados.
2. Não é **nenhum** pecado contra Jesus Cristo. Há muitos pecados contra o Filho do Homem, tais como negar Sua divindade, Seu nascimento virginal, Sua morte expiatória, ignorar que Ele é o Senhor, enfim rejeita-LO como o Senhor Jesus Cristo. São pecados terríveis, mas muitos que são culpados deles se arrependeram e creram em Cristo e foram perdoados. Se rejeitar Jesus fosse o pecado imperdoável, então quase todo mundo o teria cometido! Com certeza alguém que rejeitar Cristo até o fim, não será perdoado, mas isto não significa que ele tenha cometido o pecado imperdoável. Nosso Salvador deixou bem claro que não é pecado contra Ele, mas sim contra o Espírito Santo.
3. Não é **nenhum** pecado contra os dez mandamentos. Não há pecado falado nos dez mandamentos para os quais não haja provisão de perdão. Cristo morreu para redimir os pecadores da maldição da lei, portanto, deve haver perdão para cada parte da maldição.
4. Não é **nenhum** pecado contra Deus Pai. “Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada aos homens”.
5. Não é **todo** pecado contra o Espírito Santo. Há pecados cometidos direta e especificamente contra o Espírito Santo. Ele é entristecido, extinguido, ignorado e resistido. Os crentes O entristecem, extinguem e ignoram. Os descrentes resistem ao Espírito no ministério objetivo de Sua Palavra. Resistem-lhe ao rejeitarem o chamado do Evangelho e ao se oporem e perseguirem os pregadores de Sua Palavra. O Espírito Santo é o autor da Bíblia. Não deixe de abrir sua Bíblia em Atos 7:51-52, que é a única passagem no Novo Testamento onde há menção de se resistir ao Espírito. Aos judeus que o apedrejaram até à morte, Estevão disse: “Vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim vós sois como vossos pais. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais?” Ao rejeitar a pregação de Estevão, os judeus se comportavam como seus pais em relação aos profetas, e Estevão chama isso de “resistir ao Espírito Santo”. Os descrentes resistem à chamada geral do Espírito na pregação da Palavra, até que esta resistência é vencida pela obra subjetiva do Espírito na chamada eficaz. O Dr. Broadus diz que resistir ao Espírito e blasfemar contra o Espírito “são coisas completamente diferentes”.

O QUE É O PECADO IMPERDOÁVEL

1. Diz-se claramente que é a **blasfêmia** contra o Espírito Santo. Blasfemar é falar com injúrias contra alguém. É insultar ou caluniar alguém. Somente a

blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão. Os judeus em Antioquia falaram contra Paulo e sua doutrina: “blasfemando, contradiziam o que Paulo falava”. Atos 13:45. Paulo, antes de se converter, obrigava os crentes a blasfemarem. Atos 26:11. Ele diz que os judeus fizeram com que o nome de Deus fosse blasfemado entre os gentios. Romanos 2:24. Ele mesmo se considerava um ex-blasfemador. I Timóteo 1:13. Mas nenhum destes casos foi blasfêmia contra o Espírito Santo.

2. A passagem no início deste artigo nos dá um exemplo claro e inconfundível do que é a blasfêmia contra o Espírito Santo, sendo, portanto, exemplo de pecado sem perdão. Os fariseus blasfemaram contra o Espírito ao dizerem: “Tem espírito imundo”. Marcos 3:30. Mateus nos diz que eles atribuíram as obras miraculosas do Espírito em Cristo a Belzebu, o príncipe dos demônios. É óbvio, também, que blasfemaram contra nosso Senhor, ao dizerem que Ele tinha um espírito imundo, mas não foi isto que tornou o pecado sem perdão. Eles reconheceram o Espírito Santo no milagre, mas O caluniaram, chamando-O de espírito imundo. E, ao fazerem isto, tornaram-se culpados de um pecado eterno.

CONDIÇÕES SOB AS QUAIS O ESPÍRITO SANTO É BLASFEMADO

1. Deve haver uma obra inconfundível do Espírito. O Dr. Broadus achava que o pecado foi cometido em conexão com milagres públicos, portanto, não sendo cometido em nossos dias. Ele diz: “Não há aqui nenhuma alusão à obra e ao ministério graciosos e peculiares do Espírito em chamar, renovar e santificar a alma; é o Espírito de Deus dá poder para operar milagres”.
2. Deve haver reconhecimento que a obra é do Espírito. Paulo blasfemara de Jesus de Nazaré e foi perdoado, porque “havia feito isso na incredulidade”. I Timóteo 1:13. Ele não acreditava que Jesus nem fazia milagres pelo Espírito de Deus. Ignorava que o Espírito agia em Jesus. Cria sinceramente que Jesus era um impostor e que possuía um espírito maligno. Mas os fariseus não! Eles sabiam que os milagres eram feitos pelo poder do Espírito Santo, e blasfemaram contra Ele chamando-O Belzebu, um espírito imundo. Não era o caso de falha na identidade como foi com Saulo de Tarso. Thomas Goodwyn, um dos puritanos, diz que são necessárias as duas coisas ao se cometer o pecado imperdoável: “Luz na mente e malícia no coração”. Ansiedade ou medo de ser culpado de blasfêmias contra o Espírito Santo já é uma evidência em si, quando não se é culpado. Quem tem medo de tê-lo cometido pode ficar certo de que não o cometeu.

PORQUE A BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO É IMPERDOÁVEL?

1. Não é por ser um pecado tão grande que o sangue de Cristo não possa expiar. Isto limitaria o valor intrínseco do Seu sangue. Cremos que a morte de Cristo é suficiente para a salvação de cada ser responsável, inclusive o diabo e seus anjos, se tivesse sido designada para eles.
2. Não é por ser um pecado tão grande que a graça de Deus não possa alcançar. “Onde o pecado abundou, superabundou a graça”. Isto é óbvio quando pensamos em alguns dos casos que Deus perdoou. Por exemplo: o rei Manassés, o filho mau do piedoso Ezequias, cuja carreira iníqua se

encontra registrada em II Crônicas 33:2-7, 9-10. Com certeza, se fosse por causa da enormidade do pecado, Manassés seria este homem. É claro que se a enormidade da ofensa nos torna imperdoáveis, as que Manassés cometeu devem ser as tais. Com certeza, se houver crimes grandes demais que a misericórdia de Deus não salve, devem ter sido os de que este rei controlado por Satanás era culpado. Se houver um pecador com o qual o Espírito Santo não possa lidar, deve ter sido com este depravado que provocou a Deus de maneira tão grave. E mesmo assim, o capítulo final é a história de sua conversão. Considere também o caso de Saulo de Tarso, denominado o principal dos pecadores, o qual, pela graça de Deus, tornou-se o maior expoente da fé à qual se opunha. Verdadeiramente: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça”.

3. O pecado imperdoável deve ser atribuído à vontade soberana de Deus. E Ele soberanamente (não disse arbitrariamente) determinou que há um pecado ao qual não perdoará. Ele poderia, se quisesse. Cremos como Jó, que disse: “O que a sua alma quiser, isso fará”. Jó 23:13. Há tipo de pecado para o qual não fez expiação. Há um tipo de pecado do qual o Espírito Santo não convence nem converte. Há um pecado que Deus não perdoará. A Bíblia o chama a blasfêmia contra o Espírito Santo e não nos atrevemos a chamá-lo por nenhum outro nome.

O Espírito Santo é assim altamente honrado por Deus. Sua personalidade e divindade podem ser negadas pelos homens e talvez se refiram a Ele com desprezo, mas o Espírito Santo é na verdade uma Pessoa de alta estima na Trindade.

O nome do Espírito dá

A Deus louvor imortal,
E com Seu poder de renovar
O pecador do mal:
Grande obra Seu trabalho completa
E de divina alegria deixa a alma repleta.

CAPÍTULO 5 - “INCAPAZ DE PECAR” OU A IMPECABILIDADE DO NASCIDO DE DEUS

“Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus”. I João 3:9.

Este versículo da Escritura afirma claramente que uma pessoa nascida de Deus não pode pecar. Isto não quer dizer, como alguns ensinam, que tal pessoa não peca. O versículo afirma que aquela parte nascida de Deus, do crente em Jesus Cristo, não pode pecar. É óbvio que se uma pessoa é incapaz de pecar, ela não pode perder a salvação. Há quem ensine que uma pessoa pode se tornar santificada - a tão chamada segunda bênção - o batismo no Espírito Santo - quando a pessoa é capaz de viver sem pecar. Mas, estes também ensinam que uma pessoa que é capaz de não pecar, também pode pecar e se perder. Mas, nosso texto diz enfaticamente que uma pessoa nascida de novo – nascida de Deus – não pode pecar, isto é, não é capaz de pecar. Vamos tentar descobrir o que isto significa.

NOSSO TEXTO REFUTA VÁRIOS ERROS BEM CONHECIDOS E PREVALENTES NAS PREGAÇÕES

DE HOJE EM DIA

1. Ela refuta a doutrina da apostasia, que ensina que o salvo pode pecar e ficar perdido. Citar o texto em qualquer tradução é suficiente para desmentir que uma pessoa salva possa se perder novamente.
2. Ela refuta o ensinamento sobre uma segunda bênção – bênção esta subsequente à regeneração. Este texto não fala de nenhuma segunda bênção, seja lá o nome que seja. Ele fala do novo nascimento e daquele que é nascido de Deus. A incapacidade de pecar não é por causa de nenhuma segunda obra da graça, mas por causa da obra inicial do Espírito na regeneração.
3. Ele é contra a idéia que a fé precede e é a causa do novo nascimento. O novo nascimento é a obra de Deus; é o nascimento do Espírito Santo, seu único Agente. Não existe auto-nascimento, nem no reino físico nem no espiritual. No físico, a mãe dá à luz à criança; nenhuma criança auto-nasce. E no reino espiritual – no reino de Deus – a pessoa nasce de Deus. “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é (tem sido nascido) nascido de Deus”. I João 5:1. “Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade”. Tiago 1:18. Falando sobre os crentes, João diz: “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. João 1:13. A fé não é a causa do novo nascimento, mas sim o efeito. A fé é fruto do Espírito. (Gálatas 5:22).

VAMOS TENTAR ENTENDER O SIGNIFICADO DESTES TEXTOS

Vamos tentar entender o significado deste versículo. Isto significa que uma pessoa nascida de novo não possa pecar de maneira nenhuma? Dar tal significado é colocar Escritura contra escritura. Além disso, faz o apóstolo João contradizer a si mesmo.

Em I João 1:9, está escrito que “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça”. Mas se não formos capazes de pecar, de algum modo, então não há pecado a confessar, e haveria pecado em confessar algo do qual não somos culpados. Em I João 2:1 lemos sobre a provisão feita para o crente que peca: “Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo”. Isto deve se aplicar ao crente, pois nenhum descrente tem Cristo como Advogado. Em Hebreus 7:25, lemos que Cristo intercede por aqueles que vêm a Deus através dEle, o que significa que eles apresentam Cristo como meio de serem aceitos por Deus. “Deus não aceita aparência do homem”. Gálatas 2:6. Nossa salvação é “para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no amado”. Efésios 1:6. Mais uma vez, em I João 5:16, somos exortados, de maneira específica, a orar por um irmão que peca.

Isto também contradiria cada livro da Bíblia e a experiência de cada crente que já viveu, a de afirmar que nenhuma pessoa regenerada jamais peca, seja como for. Por outro lado, nosso texto ensina, sem sombra de dúvida, que de algum modo cada pessoa regenerada não pode pecar (irrepreensível), isto é; é incapaz de pecar, ou melhor que há certo tipo de pecado que ela não pode cometer. Assim, nossa tarefa é descobrir que pecado é esse ou de que modo ela não pode pecar.

AS VÁRIAS INTERPRETAÇÕES PARA ESTES TEXTOS

Há várias interpretações para este texto, e pode-se dizer algo a favor da maioria delas. Há verdade nestas interpretações, mas quanto ao ser a verdade particular do texto é outra questão. Vamos examinar algumas interpretações e dar nossa humilde opinião sobre elas.

1. Há quem ensine que a pessoa nascida de novo – o crente em Cristo – não está sob a lei, mas sob a graça; e onde não há lei, não pode haver pecado. O pensamento é que uma pessoa nascida de novo não pode pecar porque não está sob a lei. É verdade que o crente não está sob a lei. Romanos 6:14. Também é verdade que “o pecado não é imputado, não havendo lei”. Romanos 5:13. “Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado”. Romanos 4:8. É gloriosamente verdadeiro que os pecados do crente não lhe são imputados; se fossem, somente alguém sem pecado podia ser salvo, o que impediria a salvação de quem quer que fosse. O escritor rejeita esta interpretação do texto apresentado, por duas razões. Primeiramente, não é uma questão do pecado ser ou não **imputado**; a questão é se o pecado é ou não **cometido**. Neste texto há um sentido em que uma pessoa regenerada nem mesmo comete pecado. No texto, não é por causa da posição em Cristo, mas da condição, pela virtude de ser nascido de novo. Em segundo lugar, a interpretação acima esmagaria o antinomianismo, que significa ser contra a lei. O crente não está sob a lei como a maneira de ser salvo; mas ele ama a lei como sendo santa, justa, boa e a regra do seu viver. Ele está sob a lei para Cristo. I Coríntios 9:21. Pecado é pecado – não importa quem o comete. Certo pastor batista propôs, um dia, um tipo de conduta vergonhosa a outro pastor batista. Ao ser repreendido por tal proposta, ele disse: “Não seria errado, você sabe que não estamos sob a lei, mas sob a graça”. É isto o que significa antinomianismo.

2. Há outros que interpretam I João 3:9 deste modo: eles lembram que o crente, diante de Cristo, não tem pecado; que Deus nos fez sabedoria, e justiça, e santificação e redenção. I Coríntios 1:30. Esta é uma verdade gloriosa, mas não cremos que seja a verdade apresentada no texto. Com certeza, esta explicação é diferente da linha de pensamento total do apóstolo. João não está tratando da justiça imputada de Cristo ao crente na salvação e sim de conduta humana.

3. Há também a idéia de que a nova natureza não peca e não pode pecar. Esta opinião sobre o texto faz João ter em mente o que Paulo tinha ao escrever sobre o conflito entre as duas naturezas da pessoa que é nascida de novo. Ver Romanos 7:17-21 e Gálatas 5:17. Mas estamos certos de que o apóstolo João não tinha esta verdade em mente. Ele usa a frase: “Qualquer que é nascido de Deus”. Ele não está falando sobre o que a nova natureza não pode fazer, mas sobre o que a pessoa, que nasceu de novo, não pode fazer.

4. Uma interpretação mais semelhante é que a pessoa nascida de novo não pode pecar habitualmente – não pode praticar o pecado como regra ou hábito na vida. Esta era a opinião do Dr. A. T. Robertson (um dos maiores eruditos da língua grega), o qual insistia que o tempo do verbo é o presente de uma ação contínua. Bem, é verdade que alguém nascido de Deus não pode saborear o pecado como se fosse um bocado gostoso – não pode ter carinho por pecado nenhum, nem abraçá-lo ao peito nem levá-lo consigo ao céu. A semente de Deus fica nele e não vai poder viver como um ímpio. Há muito a se dizer a favor deste significado do texto. O contexto também é favorável e ainda o tempo do verbo. Aquele que comete (pratica, vive na prática) pecado é do diabo porque o diabo peca (pratica o pecado) desde o princípio. O diabo não tira férias em sua carreira de pecados.

5. Dr. B. H. Carroll dá ao versículo este significado: “Quem é nascido de Deus não peca para a morte”. Ele pensa que o contexto exige esta explicação. O

pensamento, segundo ele, é que alguém nascido de Deus pode pecar, mas não para a morte; seus pecados podem ser perdoados. “Se alguém vir pecar seu irmão, pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda a iniquidade é pecado, e há pecado que não é para a morte”. I João 5:16-17. O escritor não pode concordar com esta interpretação, pela seguinte razão: o versículo só pode ser aplicado ao nascido de Deus, ao passo que uma pessoa que não foi regenerada talvez cometa pecados que não podem ser perdoados.

6. O escritor é a favor da interpretação dada por Andrew Fuller como a mais provável de todas. Falando sobre I João 1:8 e I João 3:9, Fuller diz: “parece que a palavra ‘pecado’ nestas passagens tem significado diferentes. Na primeira deve ser considerada no sentido literal, como qualquer transgressão da lei de Deus. Se qualquer homem, neste sentido, disser que não tem pecado, está enganando a si mesmo. No último exemplo, parece, no contexto, que o termo quer denotar o pecado da apostasia. Se substituíssemos o termo apostasia por pecado, nos versículos seis ao nove, o significado seria claro. Quem está nele não apostata; quem apostata não o viu, nem o conhece. Quem apostata é do diabo; pois o diabo foi apóstata desde o princípio. Quem é nascido de Deus não apostata; porque a sua semente permanece nele; e não pode apostatar, porque é nascido de Deus.

Fuller continua dizendo que este sentido do último versículo concorda perfeitamente com o que se chama “pecado para a morte” em I João 5:16-18. E ele ainda diz que concorda com o capítulo 2:19: “Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós”. De um modo geral diz Fuller, o que presumiríamos chamar de prova incontestável da perseverança certa dos crentes verdadeiros. O apóstolo está dizendo, que os que abandonam sua profissão de fé e a deixam, na realidade nunca pertenceram a ela nem ao povo verdadeiramente nascido de Deus. É como dizer que o povo nascido de Deus não apostata dos princípios verdadeiros da fé. Quem nasce de novo nunca renuncia a sua fé em Cristo, pois é guardado pelo poder de Deus através da fé. I Pedro 1:5.

“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca”. I João 5:18. Satanás faria o crente se afastar de Deus e renunciar a sua fé nele, mas o crente é guardado pelo poder de Deus e não pode perder a fé. O diabo não pode fazer, os que são nascidos de Deus, apostatarem. “Cristo em vós”, diz Paulo, “esperança da glória”. Colossenses 1:27. Cristo não salva o pecador e depois o abandona nas mãos do diabo. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão”. João 10:27-28. Quem é nascido de Deus persevera na fé. Se perdesse a fé seria o mesmo que dizer que perderia a salvação. Ouvintes do terreno pedregoso (em pedregais) têm somente uma fé temporária e agüentam por um pouco, pois não têm raízes neles mesmos. Mas, quem nasce de Deus não é assim. “Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”. I João 5:4. Uma vitória gloriosa está assegurada para todos aqueles que são chamados e eleitos!

CAPÍTULO 6 - O CASTIGO PELO PECADO

Parte 1 da Série de 4 sermões

Este é um assunto muito sério. A carne não vai se divertir, mas o espírito pode ter lucro. É necessária muita graça para se ouvir, com proveito, a Palavra de Deus; a carne, que para nada aproveita, vai atrapalhar. Fizemos nossa parte com responsabilidade e a leitura deste assunto será pesada. Pedimos ao leitor interesse e esforço, a fim de chegar à verdade. Muita gente já destruiu o gosto pela leitura, ao alimentar a mente com literatura barata. O que muita gente lê revela a preguiça e depravação morais que tem. Exigem o que gratifica a concupiscência carnal. Somos, às vezes, acusados de falar acima da compreensão das pessoas, tratando sobre assuntos que não podem entender. Bem, o único meio pelo qual não falaríamos acima da compreensão das pessoas assim seria falar sobre temas de berçário.

Nenhum criminoso gosta de ser repreendido, falando-se do momento, lugar e natureza do castigo que lhe será aplicado. Nenhum perdido vai gostar de ouvir um sermão que fale sobre o castigo que receberá por quebrar a lei de Deus. Quando o pastor Russell estava falando a uma grande multidão, negando a verdade deste tema, um homem totalmente mundano prometeu-lhe uma doação generosa, porque o que ouvira o fizera ter certeza de que não há inferno. Quando Robert Ingersoll, certa vez, estava atacando a doutrina do castigo eterno; um bêbado levantou-se e disse: “Fale contra o inferno com muita ênfase, Bob, porque um bocado de nós depende de você”. Cada perdido tem a esperança vã de que não haja este lugar chamado inferno.

Existe uma negação geral à esta verdade sobre o castigo eterno. Acho que existe mais literatura escrita hoje contra esta verdade, do que contra qualquer outra verdade da Bíblia. Um grande amigo e irmão, o Dr. T. O. Reese, disse: “O assunto do castigo eterno é declaradamente a doutrina mais horrível e ofensiva que os crentes em Cristo defendem. Ela já foi estigmatizada como irracional, cruel, que desonra a Deus e quem a ensina e prega é chamado de “quadrado”, dogmático, fariseu e teólogo sem coração.

É difícil nomear uma seita moderna que não negue ou então que torne insignificante esta doutrina bíblica. Entre elas citamos grupos como: Testemunhas de Jeová, Adventistas e as religiões do oriente. Há indivíduos nas denominações evangélicas que com muita ousadia e fervor negam esta verdade. Não permitimos que nenhuma verdade seja rejeitada simplesmente porque os hereges assim o querem. Mas, havendo tantos deles de um lado do assunto, com certeza é preciso fazer-se uma reflexão séria e um desafio a “Examinai tudo. Retende o bem”. I Tessalonicenses 5:21.

Devemos pregar sobre este assunto, primeiro que tudo, porque ele faz parte da fé que nos foi entregue. Tudo o que Deus revelou em Sua Palavra deve ser nosso estudo e pregação. Assim, um estudo sobre esta verdade aumentará a gratidão dos salvos por tão grandiosa salvação. Eles verão que foram salvos **de** uma coisa, tanto quanto **para** uma coisa. Além do mais, um sermão sobre este assunto solene pode, querendo Deus, fazer o coração dos pecadores temer, ajudando-os a fugir da ira vindoura. “Porquanto há furor, guarda-te de que não sejas atingido pelo castigo violento, pois nem com resgate algum te livrarias dele”. Jó 36:18. “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo”. Hebreus 9:27. “Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis”. Lucas 13:3.

A NATUREZA DO HOMEM

O homem é um ser composto de três elementos: corpo, alma e espírito. I Tessalonicenses 5:23. Podemos também pensar no homem como um ser duplo,

quando desejamos fazer uma diferença entre o que é material e o que é imaterial. Nosso Senhor dividiu o homem em duas partes constituintes ao nos admoestar a não temer aquele que pode matar somente o corpo, mas “temer antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”. Mateus 10:28.

Sendo a alma a parte principal do homem, muitas vezes ela é usada como ele mesmo. Em Gênesis 2:7, lemos que Deus respirou nas narinas de Adão o fôlego da vida e ele se tornou alma vivente, isto é; uma pessoa viva, ou um homem vivo. Em Êxodo 1:5, lemos que setenta almas “procederam da coxa de Jacó”, significando setenta pessoas. Em I Pedro 3:20, vemos que oito almas, isto é; oito pessoas foram salvas do dilúvio. A palavra alma também é aplicada a uma morta. “Não se aproximará do corpo de um defunto”. A palavra para corpo aqui é nephesh (alma). Se traduzíssemos literalmente, a frase seria: “E ele não se chegará a uma alma morta”, isto é; uma pessoa morta. Contudo, nunca devemos dizer que alma e corpo são a mesma coisa, pois nosso Senhor claramente fez distinção entre estas duas partes.

O Novo Testamento refere-se à parte imaterial do homem como a pessoa real, fazendo distinção do corpo, como a casa na qual a pessoa vive. II Coríntios 5:1 diz: “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. O verbo na primeira pessoa do plural (nós) que ocorre com freqüência nesta passagem representa a parte imaterial e invisível do homem, a qual habita por um tempo no corpo mortal. Depois ela sai para ir ficar com Cristo (os salvos). Com certeza, isto ensina a existência consciente com o Senhor após a morte.

As Escrituras também ensinam a existência consciente do perdido após a morte. O homem rico enfrentava sofrimento consciente, após a morte do corpo e Lázaro estava em conforto consciente. O corpo do homem rico estava sepultado e a alma ou espírito de Lázaro fora levada, pelos anjos, para o seio de Abraão. A experiência deles, após a morte, não podia ter sido corporal, portanto, pois possuíram outro elemento que tinha existência consciente após a morte.

NÃO É UMA PARÁBOLA

Não chamo a história de Lázaro e do homem rico de parábola. Nosso Senhor não disse: “Ouvi outra parábola”, nem o Espírito Santo diz que Ele falava por parábola. O seguinte comentário de bem conhecido escritor é digno de ser considerado.

“Não considero a história de Lázaro e do homem rico uma parábola, embora não crie controvérsia com os que a consideram assim. Ela não é chamada parábola, mas menciona nomes, coisa sem precedentes nas parábolas de Jesus. Prefiro olhar para o homem rico e Lázaro como personagens reais, cuja história neste mundo e no além é solenemente registrada por nosso Senhor, para proveito moral dos homens em todo lugar”.

O que se diz sobre os dois nesta vida combina bem com os fatos reais, portanto, o que se diz sobre eles na morte e depois dela também deve ser verdadeiro aos fatos. Admitimos que o tormento físico é simbólico, mas é um simbolismo do tormento da alma. O simbolismo é terrível? Então a verdade que se pretende ensinar também o é.

ESTÊVÃO, O MÁRTIR

Quando Estevão foi martirizado, seu corpo caiu morto sob uma chuva de pedras, porém ele disse a Cristo: “Senhor Jesus, recebe meu espírito”. Ato 7:59. A

morte física é a separação do espírito do corpo. Tiago diz que o corpo sem o espírito é morto. Tiago 2:26.

A EXPERIÊNCIA DE PAULO

Paulo teve experiências maravilhosas por causa das quais recebeu um espinho na carne, a fim de mantê-lo humilde. Certa vez ele foi levado ao paraíso, onde ouviu “palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar”. II Coríntios 12:4. Ele diz que não sabia se estava no corpo ou fora do corpo; só Deus sabia. Isto ensina, com certeza, que o espírito de Paulo podia existir separado do corpo conscientemente e ser inteligentemente ativo. Então, podemos ver por isso que o espírito do homem continua existindo depois da morte. O espírito do perdido vai para o inferno sofrer o tormento dos seus pecados e o espírito do salvo vai para o céu gozar na salvação e no Salvador para sempre. Paulo, como alguns fazem hoje, não achava que espírito do homem não continua existir depois da morte.

CAPÍTULO 7 - O CASTIGO PELO PECADO

Parte 2 da Série de 4 sermões

“O salário do pecado é a morte”. Deus disse a Adão, em relação ao fruto proibido: “no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Gênesis 2:17. Esta ameaça de pena de morte não foi feita a Adão simplesmente com um indivíduo em particular, mas como uma pessoa pública e representativa. Era a pena imposta a uma raça. “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”. Romanos 5:12. O primeiro pecado foi o pecado de uma raça, portanto a pena também o fora. Toda a raça humana estava em Adão, o primeiro homem, tanto pela natureza quanto legalmente, e o ato dele foi considerado como o de toda a raça, não pessoal, mas representativamente. Cada ser humano, por natureza, é culpado através de Adão, do mesmo modo como cada crente é justo através da justiça de Cristo. Os crentes não são justos pessoalmente, isto é; através de sua própria obediência. Eles são justos representativamente pela obediência de Cristo, que é o Fiador deles.

A pena de morte que Deus falou contra os homens em Gênesis 2:17 e que passou a todos os homens, não é simplesmente a morte do corpo. A morte física é um mero incidente e não é sempre para todos os homens. Houve duas exceções extraordinárias (Enoque e Elias) e haverá muitos vivos, que não morrerão fisicamente, quando o Senhor Jesus Cristo voltar. “Nem todos dormiremos..... porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”. (I Coríntios 15:51-52). Além do mais, a morte física aconteceu uns 930 anos após o pecado ser cometido no caso de Adão; visto que Deus disse: “no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Gênesis 2:17.

A morte que passou a todos os homens foi a perda do favor divino e que o deixou exposto à ira divina. Não era a morte do homem só, mas como ser moral e responsável. A morte moral foi o resultado de uma quebra de comunhão com Deus. O homem quebrou a comunhão com Deus ao tentar agarrar as rédeas do governo e fazer como lhe agradava. O pecado separa o homem de Deus e traz Sua condenação. A morte física é o resultado da separação do homem, como ser moral, de Deus. O pecador, embora vivo fisicamente, está separado da vida de Deus. Efésios 4:18. Colossenses 1:21.

VIDA E MORTE

As palavras vida e morte são antônimas, e é evidente que um homem não pode estar morto e vivo, no mesmo sentido, ao mesmo tempo. Mas, pode-se estar morto em um sentido e vivo em outro, ao mesmo tempo. Isto se torna óbvio, nas palavras de nosso Senhor: “deixa aos mortos o enterrar os seus mortos”. Lucas 9:60. Ele queria dizer que os moralmente mortos sepultassem os mortos fisicamente.

A vida e a morte não são sinônimas de existência e não existência. A morte jamais significa não existência, nem deixar de ser. No sentido moral, a vida é uma condição de existência e a morte a condição oposta de existência. Ter vida, como ser moral, é existir sob o favor de Deus e ser livre da ira porvir. Ser morto moralmente é existir sem Seu favor e estar exposto à Sua ira. Isto se tornará mais aparente na continuação deste assunto.

A SEGUNDA MORTE

A segunda morte é o castigo no lago de fogo. E este será tanto para a alma quanto para o corpo do perdido. A morte física não é eterna, pois “há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos”. Atos 24:15. A morte (corpos mortos) e o Hades (almas perdidas) vão ser lançados no lago de fogo. Apocalipse 20:14. Esta é a segunda morte. Não queremos provar aqui que a segunda morte é eterna. Isto acontecerá em capítulo posterior. Contudo, não parece razoável que o fogo os queimará no sentido de tirá-los de uma existência consciente. Se isto fosse verdade, a única diferença entre os crentes que foram martirizados e os ímpios seria o tempo e lugar do sofrimento. Os mártires (muitos deles) foram sentenciados a morrer na fogueira e, se seus atormentadores apenas serão queimados e deixarão de existir, então a salvação dos crentes não foi tão preciosa como eles supunham. Um irmão que acredita na imortalidade condicional escreveu-me que não conhecia versículo nenhum na Bíblia que ensinasse que os ímpios sofreriam no inferno mais que cinco minutos. ***Que salvação barata! Bocado doce para o ímpio! Se fosse a verdade.***

O homem é um ser tanto físico quanto psíquico, isto é; ele tem corpo e alma. Como ser físico seu corpo foi feito da mesma substância que o das feras no campo. Veja Gênesis 2:7 e 19. Como ser psíquico ele se tornou alma vivente quando Deus soprou em suas narinas o fôlego da vida. Não se diz isto em relação à origem da alma das feras. Os animais têm alma (provaremos isto depois), mas não a receberam como o homem a recebeu. O homem, como o auge da criação, foi feito à imagem de Deus, o que significa que ele tem algo que não pertence às feras do campo. Esta imagem de Deus no homem é o espírito. Deus é Espírito e o homem deve ter espírito, a fim de ser à Sua imagem. Ao fazer do homem um ser vivente, Deus lhe transmitiu o que o fazia à imagem dEle. O homem, pela virtude de sua criação, tem corpo e alma, os quais lhe dão parentesco com os animais, mas também tem espírito, que o relaciona a Deus. F. W. Grant faz uma distinção muito útil entre a alma e espírito:

“A alma é nas Escrituras a base das paixões, emoções, sensibilidade, como o espírito do juízo mental e moral. Este último, em qualquer sentido real, as feras não têm. I Coríntios 2:11. Mas o homem os aprende, reunindo materiais do juízo através da alma ...os sentidos; e à medida que o corpo começa a se desenvolver antes mesmo da alma, assim o faz a alma antes do espírito. O espírito no homem depende, assim realmente da alma; e é extraordinário que só quando ausente do corpo, sua distinção real começa a se manifestar. A alma sobrevive, sem dúvida, ao

golpe da morte; mas agora se chama o que nunca foi antes, “espírito”. Lucas 24:37, 39. Hebreus 12:23. I Pedro 3:19.

Grant nos diz que o homem se chamou Adão, de Adamah na língua hebraica, que significa “chão”, para lembrar-lhe de sua origem: “és pó” (Gênesis 3:19); e chamou-se alma para lembrar-lhe de sua semelhança aos animais; porém nunca se chama espírito, até que saia do corpo. Lemos sobre “espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hebreus 12:23) e “espíritos em prisão” (I Pedro 3:19).

A PRIMEIRA MORTE

O homem, como ser físico e também moral, está sujeito a dois tipos de morte: a saber, a física e a moral. Existe somente uma morte física para qualquer homem. “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo”. Hebreus 9:27. Note a exatidão das Escrituras. Não é “homem”, o genérico, mas “homens”, como indivíduos. A morte física não está designada ao “homem”, toda a raça, mas aos homens. Já mostramos as exceções.

O homem considerado como ser moral pode passar por duas mortes: a primeira e a segunda. Todos os salvos só passarão por uma. Os que não são salvos passarão por duas. “O que vencer não receberá o dano da segunda morte”. Apocalipse 2:11. Ninguém escapou da sentença da primeira morte, pois ela passou a todos os homens.

A primeira morte é claramente definida nas Escrituras. É estar “morto perante a lei”, ou morte jurídica. É estar morto em ofensas e pecados. É a morte no sentido da culpa e da depravação. É a morte da condenação. A antítese da morte jurídica é a “justificação de vida”. Romanos 5:18. “Na verdade, na verdade vos digo quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”. João 5:24. A vida eterna é equivalente à justificação e oposta à condenação. Como ser moral o crente é justificado por Deus e nunca será condenado. Ele saiu da maldição da lei de Deus e existe sob o favor de Deus.

O crente deve se reconhecer como morto para o pecado, mas vivo para Deus através de Jesus Cristo. Romanos 6:11. Isto significa que o crente está morto para a culpa do pecado – não mais exposto à ira de Deus; e que está vivo ou justificado diante de Deus pela virtude da justiça de Cristo imputada a ele. Temos também este aspecto de vida e morte em I João 5:12: “Quem tem o Filho tem a vida; e quem não tem o Filho de Deus não tem a vida”. I João 5:12. “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” João 3:36. A espada da justiça divina está pendurada por sobre a cabeça do incrédulo; as bênçãos do Pai Celestial ficam com o crente em Cristo.

CAPÍTULO 8 - O CASTIGO PELO PECADO

Parte 3 da Série de 4 sermões

Existe, hoje em dia, uma complacência predominante em relação à guerra. Há uma complacência diante de um perigo infinitamente maior. É a atitude complacente em relação ao INFERNO que causa alarme, choque e dor no coração. É nossa convicção firme que esta complacência é o resultado da falha em se pregar a verdade sobre o assunto solene e grave do castigo eterno. As denominações que negam este castigo já semearam, literalmente, muitos países com sua propaganda perniciosa. Já colocaram sua doutrina “inferno não existe” em praticamente cada lar

da terra, enquanto nós, batistas e outros evangélicos, mal erguemos a voz ao pregar a verdade deste assunto.

Temos hinos apropriados a várias ocasiões. Por que não temos textos temas para este perigo atual? E que sejam de acordo com a ordem de Mateus 10:28: “E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”. Muitos sermões hoje são para entretenimento ao invés de informação. Tentamos ter conversões sem convicção.. Chamamos os que seguem a justiça própria à igreja, quando devíamos estar chamando os pecadores ao arrependimento. Quebramos vasos de alabastro e enchemos nossos sermões com o odor do nardo, quando devíamos estar falando a verdade sobre a depravação do homem. Tentamos colocar laços de perfeição no pescoço do povo, quando devíamos estar acenando a bandeira vermelha de perigo. Deixamos nosso preconceito pelo céu esconder as realidades terríveis do inferno.

UM ESTUDO DAS PALAVRAS

Os que se opõem à verdade do castigo eterno fazem um show de sabedoria e confundem a pessoa comum ao usarem palavras hebraicas e gregas. Não queremos reivindicar nenhuma erudição. Quem quiser é só usar uma boa concordância bíblica e poderá nos seguir neste estudo das palavras.

QEBER E SEOL

Encontramos a palavra (palavra hebraica) qeber no Velho Testamento. Significa túmulo e sempre é usada em conexão ao corpo. É traduzida túmulo ou seu equivalente em cada lugar. Nunca é usada em conexão com a alma.

Seol é a palavra no Velho Testamento para o estado invisível, e é o lugar de espíritos que já se foram. Nunca significa túmulo, embora em algumas versões a traduzam de maneira errada algumas vezes.

O homem tanto tem corpo quanto alma e, na morte, “qeber” é a palavra usada para o sepultamento do corpo e “seol” se refere ao estado da alma sem este corpo. Há evidência conclusiva que as palavras não são alternadas. Qeber, túmulo, se refere ao lugar; seol, estado da alma separada do corpo, é um estado.

Qeber ocorre no plural umas 27 vezes; seol nunca aparece no plural. O sepultamento de cem corpos num cemitério significa cem túmulos, mas a entrada de cem almas no seol não significaria cem seóis, mas o estado único de alma separada do corpo.

Qeber se refere ao túmulo de um indivíduo. Por exemplo: “em meu sepulcro” (qeber) em Gênesis 50:5, “sepultura (qeber) de Abner” em II Samuel 3:32; “suas sepulturas” em Jeremias 8:1; etc.

A Bíblia nunca se refere ao seol como se fosse exclusivo de qualquer pessoa. A única condição de alma separada do corpo é comum a todos os que morreram.

Seol é associado à dor e tristeza. “cordas do inferno me cingiram”, II Samuel 22:6. “angústias do inferno se apoderaram de mim”, Salmo 116:3.

Qeber nunca é associado a sofrimento, pois o corpo no túmulo está inconsciente e não pode sentir dor nem tristeza.

Seol sempre aparece em conexão à alma, nunca ao corpo. “Pois não deixarás a minha alma no inferno (seol)”. Qeber nunca aparece em conexão à alma, mas sempre ao corpo.

HADES E MNEMEION

Estas são palavras gregas no Novo Testamento, idênticas a Seol e Qeber no Velho Testamento. Hades, como Seol, significa o estado invisível da alma separada do corpo. Mnemeion, como Qeber, significa o túmulo. Tudo o que já dissemos sobre qeber pode ser dito sobre mnemeion, pois as duas palavras têm conexão com o corpo e significam túmulo. E, para provar que Seol e Hades são idênticas é suficiente comparar um versículo do Velho Testamento citado no Novo Testamento.

“Pois não deixarás a minha alma no inferno (seol), nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”. Salmo 16:10. Atos 2:27.

A referência dos versículos acima é ao nosso Senhor (Atos 2:27). Sua alma estava no seol ou hades entre Sua morte e ressurreição. Seu corpo estava no túmulo, mas não viu corrupção. Esta condição do corpo na morte foi peculiar a Cristo. Diz-se sobre Davi que: “dormiu, foi posto junto de seus pais e viu a corrupção. Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu”. Atos 13:36-37. Veja também Atos 2:27-31.

A SEPTUAGINTA

Este é o nome da tradução grega do Velho Testamento hebreu feita pelos judeus da Alexandria, cerca de 280 a.C., sob as ordens de Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito. Nesta tradução grega, das 65 vezes nas quais seol aparece, os setenta a traduziram como hades 61 vezes. Nenhuma vez eles a traduziram túmulo (mnemeion).

GEENA

Esta é uma palavra nova introduzida pelo Senhor Jesus. É traduzida nove vezes como inferno e como fogo do inferno três vezes. Pertence quase que exclusivamente ao vocabulário do nosso Salvador, sendo encontrada apenas uma vez (Tiago 3:6), sem ter sido usada por Ele. Geena é o lugar do castigo eterno e a única palavra que a traduziria corretamente é inferno. Não é túmulo, o lugar dos corpos mortos; não é hades, o lugar das almas separadas dos corpos. É o lugar tanto para o corpo quanto para a alma dos ímpios após a ressurreição e julgamento. O hades é temporário; a morte física também. “E a morte (thanatos) e o inferno (hades) foram lançados no lago de fogo”. Apocalipse 20:14. O geena (inferno) é eterno. “tendo duas mãos, ires para o inferno (geena), para o fogo que não se apaga”. Marcos 9:43.

Geena é a forma grega de Ge-hinom (Vale de Hinom, que se tornou um lugar de adoração pagã, e que ficava não muito longe de Jerusalém. Acaz e Manasses foram os fundadores de religiões estrangeiras e estabeleceram a adoração horrível a Moloque, deus dos amonitas, neste Vale de Hinom. Moloque era representado por uma figura humana com cabeça de boi horrenda. Era feita de ferro e também era oca. Fazia-se uma fogueira dentro desta imagem e quando ela ficava em brasa, jogava-se uma criança em seus braços, sacrificando-a assim, a este deus pagão. O bom rei Josias pôs fim a adoração deste ídolo (II Reis 23:10). Este vale, mais tarde, tornou-se o montão de lixo da cidade de Jerusalém e o lixo era mantido continuamente queimando. Por causa do fogo nunca ser apagado, nosso Senhor o usou como símbolo para o lago do fogo, lugar do castigo eterno. Embora seja um ótimo exemplo para o inferno, deve-se ter o cuidado de notar que nosso Senhor fala de Geena, mas sem nunca se referir ao montão de lixo de Jerusalém como outra coisa, a não ser um exemplo para o lugar de tormento eterno para o perdido. Ele não estava dizendo que todos os perdidos vão ser jogados no vale de Hinom. O

montão de lixo de Jerusalém não é o lugar do castigo eterno, apenas é uma figura ou símbolo para ele.

CAPÍTULO 9 - O CASTIGO PELO PECADO

Parte 4 da Série de 4 sermões

Neste artigo, queremos tratar mais especificamente sobre a duração do castigo a ser dado, no final, aos impenitentes e descrentes. A Bíblia é bem clara e explícita que o castigo é eterno e sem fim.

Os que defendem que a morte é aniquilação tentam fazer uma distinção entre um castigo final que aniquila e o castigo eterno que a Bíblia ensina. Certo homem nos disse, há poucos dias, que ele acreditava no castigo que aniquila, mas não no castigo eterno. Eles dizem que acreditam no castigo eterno, mas não no castigo que pune eternamente. Porque, segundo eles, o castigo eterno é ser aniquilado pelo fogo do inferno, e o perdido será assim aniquilado para a eternidade. Em certa conferência dos que defendem que a morte é aniquilação, eles fizeram a seguinte declaração: “Cremos na aniquilação como castigo, mas não no castigo eterno (no castigo eterno, mas não no castigo que pune para sempre) – sendo o último uma grande ilusão; o primeiro, uma grande verdade”. Mas esta é uma distinção sem sentido. Quando dois adventistas disseram a A. J. Pollock que o castigo eterno não significa ser punido eternamente, ele perguntou: “Um castigo de três meses significa três meses de castigo”? Eles admitiram que sim. “Então”, Pollock replicou, “castigo eterno significa ser castigado eternamente”.

DESTRUIR - PERECER - PERDER - CONSUMIR - QUEIMAR

Há quem contenda que as palavras acima signifiquem aniquilar ou eliminar a existência. Afirmamos que dizem respeito à destruição da vida física, não do ser. Elas falam sobre a ruína, mas não a perda da existência.

“Para a tua perda, ó Israel, te rebelaste contra mim, a saber, contra o teu ajudador”. Oséias 13:9. Deus aqui fala ao povo que destruiu a si mesmo, mas ainda está consciente, e lhes diz que Ele é sua ajuda.

“Quebrou-me do todos os lados, e eu mo vou”. Jó 19:10. Jó ainda existia e se lamentava da ruína ou destruição que viera sobre ele, da parte de Deus.

“Consumiste-os, e não quiseram receber a correção”. Jeremias 5:3. Como poderiam ter-se recusado a receber instrução, se tivessem sido aniquilados? Um bom método de testar a definição de qualquer palavra é substituir a definição pela palavra. Peço ao leitor que volte e substitua a palavra aniquilação pelas palavras destruir e consumir na passagem acima e então verá prontamente que não significam aniquilação.

A palavra grega “apollumi” é traduzida de várias maneiras no português. Pode ser destruir, perecer e perder. Ela não significa aniquilação e isto se torna óbvio quando estudamos os versículos nas quais é usada. Paulo disse que se este Evangelho estivesse escondido, estaria escondido para os que se perdem (apollumi). Ele diz ainda que a pregação da cruz é para os que perecem (apollumi), uma loucura. Em João 3:16, traduz-se “apollumi” como “pereça” que faz um contraste com a vida eterna em Cristo, ou existência eterna sob o favor e bênção de Deus. Em João 3:36, lemos que quem não confia em Cristo não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele. Refere-se ao filho pródigo como perdido (apollumi). A moeda da mulher estava perdida (Apollumi). A ovelha estava perdida

(apollumi). Tudo isso fica em Lucas 15. Quão óbvio é que a palavra “apollumi” não significa extinção ou aniquilação de existência.

Outra palavra grega é (katakaia) traduzida queimar na Bíblia. Não significa queimar como lamparina, para proveito; é queimar no sentido de machucar ou ferir. Os perdidos (ímpios) são assemelhados à palha inútil que nada vale (Lucas 3:17), mas os perdidos queimando no inferno, têm sofrimento e dor, o que não acontece com palha. Sobre os perdidos está escrito: “Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga”. Marcos 9:46. “O bicho (verme) se refere a algo que não morre e “o fogo” fala do fogo que nunca se apaga. O Dr. João Gill crê que o bicho é a consciência que lembrará continuamente ao perdido os seus pecados, acusando-o, repreendendo-o e o atormentando. “Porque cada um será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal”. Marcos 9:49. Este é o retrato mais terrível já dado sobre o castigo do perdido e é claramente um retrato de sofrimento eterno.

PERPÉTUO E ETERNO

Oponentes do castigo eterno dizem que o significado principal de “aion” e “aionios”, duas palavras gregas para eterno, não é perpétuo ou eterno (para sempre ou sem fim). Mas, se tiverem que traduzir do português para o grego, terão que usar tais palavras como o significado de eterno ou perpétuo. Se estas palavras não tiverem tal significado, então não teremos nenhuma palavra no grego que defina “sem fim”.

Felizmente, temos uma definição bíblica para “aionios”. Em 2 Coríntios 4:18 ela é contrastada com a palavra “temporais”: “porque as que se vêem são temporais (proskairos, palavra grega) e as que se não vêem são eternas (aionios)”. A palavra “proskairos” (temporais) se encontra em mais três lugares no Novo Testamento. Em Hebreus 11:25, é traduzida “por um pouco de tempo”, referindo-se ao gozo do pecado. Em Mateus 13:21, é traduzida “de pouca duração”. Em Marcos 4:17, é traduzida “são temporais”. Em contraste, “aionios” fala daquilo que não é transitório, nem de pouca duração, mas sim para sempre.

Mosheim, um homem de erudição inquestionável, diz que “Aion” significa, de modo apropriado, uma duração indefinida ou eterna, opondo-se ao que é finito ou temporário.

“Aionios” é usada 68 vezes no Novo Testamento grego. Em cada exemplo, a palavra tem o significado de duração eterna. Eis alguns exemplos, nos quais devemos meditar: “O Deus eterno” (Romanos 16:26); “O Espírito eterno” (Hebreus 9:14); “eterna redenção” (Hebreus 9:12); “salvação eterna” (Hebreus 5:9); “vida eterna” (João 3:15, 16, 36; 5:24); “eterna glória” (II Timóteo 2:10); “seres lançado no fogo eterno” (Mateus 18:8). Agora pegue um texto onde aparece o contraste vida e castigo: “E irão estes para o tormento eterno (aionios), porém os justos para a vida eterna” (aionios). Mateus 25:46. Se a vida do crente é eterna, então o castigo do perdido é eterno também. Do contrário as palavras ficariam sem significado.

Este é um ótimo momento para se dizer que eterno e perpétuo são adjetivos referentes à duração, não à qualidade nem ao tipo. Elas não descrevem o tipo de vida que o crente tem, mas sim a duração da vida e duração do castigo.

O único meio de se opor à doutrina do castigo eterno é opondo-se à Bíblia. Opor-se a esta verdade surge do preconceito e sentimentalismo, que deixam de lado a Palavra de Deus.

Certo escritor declara de maneira abrupta: “Se a Bíblia ensina sobre o castigo eterno, tanto pior para a Bíblia, porque não podemos crer nela: talvez cite textos e tenha por trás dos textos os intelectuais mais famosos para justificarem certas

interpretações, mas não adianta. Não somos mais escravos de um Livro, nem devotos cegos de um credo; cremos no amor e na evolução”.

Outro escritor escreveu assim: “É claro que Deus não pode ser justo, se arbitrária e severamente predestina milhões ao tormento eterno. Daí, se alguém crê no dogma do tormento eterno, logicamente rejeita a predestinação, a fim de se salvar a justiça divina”.

A última questão declara claramente e revela a base real da oposição. O direito de Deus de castigar o pecado é negado. O homem se atreve a sentar no banco dos réus e dizer a Deus o que Ele pode fazer, com justiça, a Seus inimigos. Quem fixa a pena pelo pecado, afinal de contas, o réu ou os jurados? Devemos nos lembrar que nenhum criminoso já foi condenado sem a justa causa da lei.

GRAUS DO CASTIGO

A Bíblia é clara ao mostrar que todos os pecadores não sofrerão de modo igual. O sofrimento será mais tolerável para uns do que para outros. Será mais fácil para os países pagãos do que para aqueles que rejeitaram os privilégios do Evangelho. Veja Mateus 11:22, Marcos 6:11. “mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoitamentos, com poucos açoitamentos será castigado. E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá”. Lucas 12:48. O julgamento será de acordo com as obras (Apocalipse 20:13). Os graus do castigo não significam que alguns serão castigados mais tempo que outros, mas que o castigo de alguns será mais severo que outros. Marcos 12:40 fala de alguns que receberão mais grave condenação. “porquanto há furor, guarda-te de que não sejas atingido pelo castigo violento, pois nem com resgate algum te livrarias dele”. Jó 36:18.

PARTE 2 – A DOCTRINA BÍBLICA DA SALVAÇÃO

CAPÍTULO 1 - A NATUREZA DA SALVAÇÃO

Salvação – a palavra mais importante já pronunciada. Mesmo assim ainda tão sem significado para as massas, cujas mentes estão presas às coisas da terra.

Salvação – a maior de todas as bênçãos para a alma humana, sem a qual seria melhor nunca ter nascido. No entanto, é a coisa mais negligenciada no mundo!

Salvação – o dom bendito de Deus – sem dinheiro e sem preço – pago por Seu Filho bendito. Ainda assim, homens cheios de orgulho acham que podem ganhá-la às próprias custas!

A salvação pressupõe o fato do pecado. O pecado envolve um Ser Supremo ao qual chamamos Deus. Se não houver Deus, não pode haver pecado; se não houver pecado, não pode haver pecadores. Se não há pecadores a ser salvos, não pode haver salvação. Salvação significa livramento, e a Salvação da Bíblia é livramento do pecado.

O pecado consiste em uma posição de culpa e um estado de depravação diante de Deus. A salvação é o livramento tanto da culpa quanto da impureza. É tornar-se são e salvo em relação ao Deus santo e triúno. O homem, como pecador, está em perigo de receber a ira de um Deus santo e justo, e também está longe da comunhão divina. A salvação é o livramento das conseqüências eternas da rebelião contra a lei do Deus Todo-poderoso. Sem salvação, o pecador está excluído, para sempre, da presença gloriosa de Deus e exposto, para sempre, à ira terrível de Deus.

A NECESSIDADE DE SALVAÇÃO

À luz da eternidade, a salvação é a **única** necessidade. Em comparação, todas as outras necessidades são insignificantes e temporárias. A salvação é por toda a eternidade. Todas as outras bênçãos duram por um tempo; a salvação é uma bênção eterna. Chama-se vida eterna. O oposto à vida eterna é o castigo eterno no lago do fogo, chamado a segunda morte.

A salvação cobre **todas** as necessidades eternas. Cobre o problema de moradia, porque “na casa de meu Pai há muitas moradas”. Cobre o problema da alimentação, porque Cristo é o Pão da Vida, do qual se pode comer e nunca mais sentir fome. Cobre o problema de emprego, pois o salvo servirá a Deus, dia e noite, no Seu templo. Ela cobre o problema social, pois os salvos de toda a terra se sentarão com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus – todas as barreiras de língua e de cultura desaparecerão. Ela cobre o problema de saúde, porque no novo céu e na nova terra não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor – porque “as coisas velhas já passaram”. Além disso, o próprio Deus habitará com Seu povo e lhe enxugará dos olhos toda lágrima.

A salvação é uma necessidade **universal**, “pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Cada pessoa normal tem um complexo de culpa. Certo pastor anunciou que o sermão seria: “Como se livrar de sentimento de culpa”. Ele disse ao público que daria um tempo, enquanto todos os que fossem livres de sentimentos de culpa pudessem sair do templo. Para sua surpresa, ninguém saiu. Então, o pastor disse que não teria ficado surpreso se tal fato acontecesse numa igreja do interior, porque lá todo mundo conhece todo mundo. Mas, numa cidade grande, onde todos eram mais ou menos estranhos para os outros, não esperava que todos reconhecessem que eram pecadores. Mas o povo daquela cidade sabia o que sentia a este respeito – cada um tinha complexo de culpa. Isto, em si mesmo, já é uma prova da existência de Deus. A consciência testifica, em alto e bom som, o fato de que há um Deus com o qual devemos tratar.

A história da religião é formada pelos esforços feitos pelos homens para se livrarem deste sentimento de culpa. Esta é a explicação do chamado “desencargo de consciência”; o ladrão tenta se livrar dos sentimentos de culpa devolvendo o que roubou. É por isto que os católicos se confessam; querem desafogar a consciência. É a explicação dada também pelo comunismo. O comunista se livra do sentimento de culpa, se, e quando, se persuade a crer que não há Deus ao qual dará contas de si mesmo. O próprio fato do ateu ser contra a idéia de Deus indica que sua própria consciência o atormenta neste assunto. É por isso que existem tantas religiões pagãs; as pessoas tentam se livrar dos sentimentos de culpa. Mas também explica a fé do eleito de Deus. Ele confia em Cristo, a fim de ser aceito por Deus e livre da condenação.

A natureza humana é má. A Bíblia não tem uma só coisa boa a dizer sobre o homem, à parte da graça de Deus que opera no homem. A Bíblia diz que a mente carnal é inimizada contra Deus, e os que estão na carne não podem agradá-LO. Romanos 8:7-8. O homem, como pecador, está sem jeito. Ele tem que nascer de novo – deve haver uma nova criação. Donald F. Ackland afirma esta verdade de outra maneira, ao dizer que o pecado juntamente com a culpa criaram um vácuo no coração humano, que só Deus pode preencher, e que a história da religião é o meio como os homens tentam preencher este vazio, em vão!

Não vemos a natureza humana completamente desenvolvido em países onde os privilégios do Evangelho são desfrutados há muito tempo. Cristo disse que Seu povo devia ser o sal da terra. O sal preserva. O salvo deve preservar a sociedade

humana da corrupção moral total. Muitos são, temporariamente, abençoados pelo Evangelho, mesmo sem serem salvos por ele. A humanidade assim se sente segura numa comunidade onde há pessoas crentes.

Quando Carey foi à Índia há 165 anos, encontrou seres humanos na condição de sub-desenvolvimento. Andrew Fuller nos diz o que Carey encontrou na Índia: religiões, através das quais os nativos tentavam se livrar dos seus sentimentos de culpa. Estas religiões consistiam, na maioria, no auto-flagelo. Um colocava a mão acima da cabeça e ficava tanto tempo assim, que não conseguia tirá-la mais, de tão enrijecida que ficava. Outro se deitava numa cama de pregos não tão pontiagudos, para que não o perfurasse, matando-o. Havia o que chamavam de adoração a Juggernaut. Um deus, esculpido em madeira maciça, era levado numa carruagem enorme seguida por uma multidão que gemia e gritava, e quem quisesse se jogava sob as rodas, para ser esmagado. Tal pessoa era considerada bem-aventurada. Outra parte da religião hindu era o costume da viúva ser queimada viva na pira funerária do marido morto. Era comum jogar-se bebês no rio, como oferenda aos deuses. O bebê que não mamasse era colocado numa cesta e pendurado nos galhos de uma árvore, a fim de ser devorado pelas formigas e aves de presa. Essa era a natureza humana – a mesma possuída pelo escritor e leitor deste estudo. Que Deus seja louvado pela graça que nos fez uma nova criatura em Cristo.

PRE-REQUISITOS PARA A SALVAÇÃO

Deve haver uma base para a salvação, senão Deus deixaria de ser justo ao perdoar o pecado. Não pode haver salvação às custas da justiça. E não se pode oferecer justiça, à parte do castigo do pecado. Não existe o fracasso da justiça no tribunal celeste, pois cada pecado receberá uma justa recompensa. A justiça divina tem que ser aplacada e a lei de Deus tem que ser justificada no caso de cada pecador. Na morte de Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, há uma base justa para a salvação. O Justo – Jesus Cristo - morreu pelo injusto. Ele nos redimiu da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós. Ele Se tornou pecado por nós, para que pudéssemos ser feitos justiça de Deus, através da fé nEle. Cristo tirou a culpa do pecado, através do sacrifício de Si mesmo. Deus perdoa o pecador por amor a Cristo. Como nosso Penhor, Ele pagou a dívida do pecado até o último tostão. Como nosso Substituto, tomou nosso lugar sob a lei e morreu de um modo que O tornou maldição de Deus. Gênesis 33:13. Deuterônimo 21:23. Que preço terrível, a fim de nos comprar a salvação! Porém era o que a lei de Deus exigia e o único modo pelo qual podia ser justo e justificador daquele que crê em Jesus Cristo. Romanos 3:26. Hebreus 2:10. Cristo não podia ser o Salvador perfeito, sem sofrer as exigências da lei por Seu povo.

VÁRIOS ASPECTOS DA SALVAÇÃO

Já vimos nos artigos anteriores que o pecado causou uma destruição terrível na raça humana. Ele destruiu cada homem e cada parte do homem. As conseqüências do pecado são várias e há um aspecto da salvação para cada aspecto do pecado. Há uma palavra bíblica pela qual cada uma das várias partes ou aspectos da salvação é descrita. Se olharmos o pecador como morto em pecados, então **regeneração** ou novo nascimento é a palavra bíblica que denota a doação da vida. Se considerarmos o pecador como filho do diabo, então **adoção** é o termo que expressa o ato judicial pelo qual ele se torna filho de Deus. Se considerarmos o pecador do ponto de vista físico, como sendo mortal e possuindo nele os germes da morte, pelos quais será transformado num monte de pó, então a **glorificação** é o

aspecto da salvação no qual o corpo será moldado de acordo com o corpo glorioso de Cristo. Se a pessoa perdida for considerada como estando num estado de depravação ou impureza moral, **santificação** é a obra que a torna santa e pura diante de Deus. Se pensarmos no pecador como num estado de trevas espirituais, incapaz de entender o Evangelho, então o **chamado eficaz** é o termo bíblico que expressa o ato de Deus iluminar ao pecador, de modo que ele possa ver ou entender que Cristo crucificado é a sabedoria e poder de Deus no plano da salvação. Se pensarmos no pecador como estando numa posição de condenação, amaldiçoado pela lei de Deus, a qual violou, então **justificação** fala da sua posição perfeita diante do trono de Deus. Se a salvação for abordada do ponto de vista do propósito eterno de Deus, segundo o qual Ele graciosamente salva os pecadores, então **eleição e predestinação** são os termos bíblicos que denotam a escolha e destino do povo de Deus.

OS TRÊS TEMPOS DA SALVAÇÃO

Alguns aspectos da salvação são instantâneos, ao passo que outros são progressivos. O livramento da culpa do pecado acontece no próprio instante da fé; o livramento da impureza do pecado é um processo longo, no qual o crente tanto sofre dor quanto tem prazer. Enquanto se entristece por causa do pecado que habita nele, o crente se regozija na esperança – a expectativa bem fundada – da glória de Deus. O crente se regozija em Cristo, não tem confiança nenhuma na carne, e sinceramente anseia ser perfeitamente aperfeiçoado. Sendo pobre de espírito, cômico de sua falta de valor pessoal, ele espera que Deus aperfeiçoe aquilo que Lhe apraz. Ele acredita que Deus, Aquele que em vós começou a boa obra da graça nele, a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo. Filipenses 1:6. O crente é perfeitamente justificado - nenhuma acusação será colocada em sua conta – mas ainda não está glorificado, e só o será quando Cristo vier e ele for feito semelhante a Seu Salvador. É, positivamente, além da compreensão o que Deus preparou para aqueles que O amam. Que jamais esqueçamos que O amamos, porque Ele nos amou primeiro e nos livrou dos nossos pecados por Seu próprio sangue.

A SALVAÇÃO É PELA GRAÇA

A salvação é ela graça. Isto significa que é imerecida e também que não há obrigação divina nenhuma de salvar qualquer pecador. A salvação pela graça significa que não é dívida nem recompensa, mas é o dom gratuito de Deus. Deus podia ter deixado cada um de nós entregue ao próprio merecimento, que era perecer em nossos pecados. Foi amor por parte de Deus e não por parte do pecador o fator responsável pela salvação. *“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”*. Romanos 5:8. A salvação é, portanto, a obra graciosa e soberana de Deus. Todas as nossas virtudes são filhas de Sua graça e o fruto do Seu Espírito. Gálatas 5:22-23.

Da presciência na eternidade passada até a glorificação na eternidade futura, a salvação é toda pela graça. “Porque dantes os que conheceu também os predestinou para serem conformes à sua imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”. Romanos 8:2-30. Deus considera tanto Seu Filho unigênito que Ele decidiu fazer todos os Seus filhos iguaizinhos a Ele. E não há mérito nem força humanos em qualquer estágio ou aspecto da salvação. Efésios 2:8-10.

“Senhor, estava cego; não podia ver

Na Tua imagem desfigurada graça nenhuma;
Mas, agora, a beleza da Tua face
Em visão radiante enche minha alma.

Senhor, estava morto; não podia fazer
Minha alma sem vida ir a Ti;
Mas, agora, desde que me vivificaste,
Do sepulcro tenebroso do pecado saí.

Senhor, fizeste, o cego ver,
O surdo ouvir, o mudo falar,
O morto viver; e assim,
As correntes do pecado quebrar.

Matson (1833-1899)

CAPÍTULO 2 - O EVANGELHO DA SALVAÇÃO

Paulo foi chamado pelo Senhor para ser missionário, e ele é conhecido como o Apóstolo aos gentios. Caído ao chão, na estrada de Damasco, Paulo ouviu Cristo lhe dizer: Levante-se, pois estou te mandando aos gentios, “para abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim”. Atos 26:18. Após sua conversão, comissão e batismo, Paulo pregou Cristo na sinagoga de Damasco, provando que Jesus é o próprio Cristo, para a frustração dos judeus. Por causa de um plano para matá-lo, o apóstolo foge para a Arábia, por algum tempo. Volta, depois, a Damasco. Três anos mais tarde vai à Jerusalém. Pela segunda vez, Paulo escuta que deve ir aos gentios; que o povo de Jerusalém não receberá seu testemunho. Em obediência a seu chamado, Paulo vai se embrenhando, cada vez mais, em território pagão. Ele quer pregar o Evangelho onde o nome de Cristo nem era conhecido, para que não pudesse edificar sobre o alicerce de outra pessoa. Com este espírito pioneiro, quer ir a Roma e à Espanha, pois quer convertidos tanto em Roma quanto entre os gentios. O Apóstolo não se envergonha em pregar o Evangelho, seja onde for, embora saiba que vai encontrar zombaria e desprezo. “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Romanos 1:16.

A fim de entender a audácia destas palavras, temos que ouvi-las com os ouvidos de um romano. Lá estava um judeuzinho insignificante, com a cabeça cheia de idéias sobre outro judeu, a quem o governador romano entregara para ser crucificado, a fim de satisfazer outros judeus e manter a ordem na província. Era nisto o que um romano pensaria sobre Paulo e sua mensagem. O Apóstolo, porém, sabia que possuía boas novas, que trariam salvação a todos quantos cressem nela.

O QUE É O EVANGELHO

Damos graças a Deus por termos uma declaração na Bíblia que define o que é o evangelho, mas, a fim de sermos mais claros e para que fique mais explicado, trataremos do assunto tanto negativamente, quanto positivamente.

Negativamente:

1. A Bíblia não é o Evangelho.

Seria uma definição muito vaga e geral. A Bíblia contém o Evangelho e muitas outras verdades também. Toda a verdade da Bíblia não é a verdade do Evangelho. Há, na Palavra de Deus, a verdade sobre a lei, o pecado, a morte, o julgamento e muitas outras coisas que não são o Evangelho. Há muitos que pensam que o Velho Testamento é a lei e o Novo Testamento é o Evangelho. Porém, a verdade é que tanto a lei quanto o evangelho podem ser encontrados no Velho e Novo Testamentos. Alguns dos textos mais preciosos do Evangelho se encontram no Velho Testamento, ao passo que textos específicos sobre a lei se encontram no Novo Testamento. O capítulo 53 de Isaías é repleto do Evangelho. Baseado neste capítulo, Filipe pregou Jesus ao eunuco e ele foi salvo. Paulo e os outros só possuíam o Velho Testamento e era com ele que pregavam o Evangelho.

A lei deve ser pregada, assim como a Bíblia inteira também. A lei, quando pregada corretamente, vai revelar ao homem que ele é pecador e também vai destruir toda a justiça própria. Foi por isso que Cristo a pregou ao jovem rico (Mateus 19:16) e a um certo doutor da lei (Lucas 10:26). Pela lei se reconhece o pecado. Paulo não sabia que era um pecador perdido, até que viu o que a lei exigia (Romanos 7:9). A lei diz ao homem o que ele deve fazer; o Evangelho diz ao pecador o que Cristo fez. A lei condena o melhor dos homens; o Evangelho justifica o pior deles. A lei faz exigências; o Evangelho abençoa. A lei trata com justiça; o Evangelho com misericórdia. A lei pertence ao pacto das obras; o Evangelho, ao pacto da graça!

2. O batismo não é o Evangelho.

Paulo diferencia claramente batismo e Evangelho ao dizer: “Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar (pregar o Evangelho)”. I Coríntios 1:17. Ele lembrou aos coríntios os poucos que havia batizado e depois à igreja como um todo, quando disse: “Porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo”. I Coríntios 4:15.

O Batismo e a Ceia do Senhor não são sacramentos que salvam, porém são símbolos que pregam o Evangelho. Eles não causam a salvação, mas a proclamam, através de Cristo. Não são atos que salvam, mas contêm uma mensagem simbólica que salva. O batismo sem dúvida, lava o pecado simbolicamente, mas é o sangue de Cristo que realmente o tira por completo. O batismo tem seu lugar na vida cristã, mas não deve se tornar um substituto para o sangue de Cristo como objeto de fé ou confiança.

3. A igreja não é o Evangelho.

Tornar-se membro de uma igreja não é a mesma coisa que crer no Evangelho. É preciso, primeiro, crer-se no Evangelho antes de se tornar membro de uma igreja.

4. O novo nascimento não é o Evangelho.

O novo nascimento é uma experiência – uma obra realizada **em nós**. O Evangelho são as boas novas de algo feito **por nós**. O Evangelho é a luz objetiva (II Coríntios 4:4); o novo nascimento dá a luz subjetiva a fim de que o Evangelho possa ser compreendido de modo a salvar o pecador (II Coríntios 4:6, João 3:3). O Evangelho é a história do que Cristo fez na cruz; o novo nascimento é o que o Espírito Santo faz em nós, ao nos dar a vida. A justificação é o resultado da morte de Cristo por nós (Romanos 4:24); a regeneração é o efeito da obra do Espírito Santo em nós. Justificação é vida imputada, regeneração é vida concedida.

5. O arrependimento não é o Evangelho.

É o que o pecador deve fazer para ser salvo. O Evangelho é o que Cristo já fez por nossa salvação. “Arrependei-se e crede no Evangelho” (Marcos 1:15). Vemos aqui que o arrependimento e o Evangelho são coisas distintas. Nenhum homem é salvo pela fé no arrependimento. A salvação vem pela fé no Evangelho.

6. A fé não é o Evangelho.

Pelo contrário, ele é o objeto da fé. A fé, por si, não salva. É preciso que seja fé no Evangelho a fim de salvar. Não temos que ter uma fé perfeita, a fim de sermos salvos, mas tem que haver um Evangelho perfeito, para que a salvação real aconteça.

Positivamente:

1. O Evangelho são as boas novas.

O Evangelho é para os pecadores; é a revelação da justiça providenciada por Deus, através de Cristo, aos injustos (ímpios). Romanos 1:17.

2. O Evangelho são as boas novas sobre uma pessoa, o Senhor Jesus Cristo.

“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. Atos 4:12. Os homens não são salvos por fazerem isto ou aquilo, nem por irem aqui ou acolá. Eles são salvos quando vão ao Senhor Jesus Cristo, que graciosamente disse: “O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. João 6:37. Salvação não é questão de geografia (local). Não existe lugar seguro, para se escapar da ira de Deus em canto nenhum do mundo. Também não é uma atitude corporal, mas sim atitude do coração de confiança e sinceridade nAquele que é nossa Páscoa; que foi sacrificado por nós.

3. O Evangelho consiste de certos fatos históricos com uma teoria incontestável e particular e a explicação para estes fatos.

Estes fatos são dados a nós em I Coríntios 15:3-4: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”. Ou, como Paulo diz em Romanos 4:25: “O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”.

A menor parte de um fato é sua parte visível, e não há significado sem uma explicação. Por isso, Paulo, não apenas dá os fatos, mas os explica também. O simples fato de Jesus de Nazaré ser crucificado não é mais Evangelho do que os dois ladrões que O ladeavam. É a explicação deste fato que faz de Sua morte o Evangelho, e não a morte dos ladrões. Quem morreu foi Cristo, o Filho de Deus, e foi por nossos pecados.

Cristo, o Filho de Deus, morreu por nossos pecados. O que isto significa? Há quem diga que Ele simplesmente morreu a nosso favor, mas não como nosso Substituto. Insistem que não deve haver a teoria da expiação, mas se investigarmos um pouquinho, veremos que tais pessoas a têm. Deixe que digam como Cristo morreu a nosso favor – como Sua morte nos salva – a menos que tenha morrido como nosso Substituto, a fim de dar a satisfação divina pela justiça divina por nossos pecados. Para que Sua morte nos salvasse, teria que cancelar nossa culpa perante a lei de Deus, mas como faria isto, a menos que Ele tivesse sofrido a culpa

que era nossa? Ele sofreu, o Justo pelo injusto, e como isto poderia acontecer, a menos que tivesse sofrido em nosso lugar? Se Cristo tivesse morrido como um mártir por uma boa causa, ou como um simples exemplo de fidelidade até a morte ou como gesto de amor que conquistasse o coração do homem, de modo algum remiria os pecadores da maldição da lei. A justiça divina exige o castigo divino e o único modo que o pecador pode escapar de tal castigo é Cristo sofrendo o castigo devido ao pecador. Aqueles que negam o sangue da remissão adoram um deus diferente do que o da Bíblia e praticam uma religião diferente do que há na Bíblia também.

O QUE O EVANGELHO FAZ

Em uma palavra: o Evangelho salva todo aquele que crer nele. E o Evangelho verdadeiro é o que diz que Cristo, o Filho de Deus, fez em dar Sua vida por nossos pecados e a tomou de volta para nossa justificação. Romanos 1:16 é usado freqüentemente para dizer que a pregação do Evangelho tem o poder de converter os pecadores. Mas não é isto que este versículo está dizendo. Ele é o poder de Deus **para** os crentes. Ele pressupõe que haja um crente. O Evangelho salva os crentes, mas não tem poder de fazer crentes. A pregação do Evangelho é o **meio** de fazer crentes, pois a fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus. Repetimos: a pregação do Evangelho é o meio necessário à fé, pois “Como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” Romanos 10:14. Se os pecadores são salvos, o Evangelho deve ser pregado a eles como **meio** para a fé e salvação resultantes. Contudo, há diferença entre **meio** para a fé e **poder** para a fé. O poder para fazer crentes é o chamado eficaz do Espírito Santo. Paulo pregou Cristo crucificado indiscriminadamente a judeus e gregos. Ao judeu, tal evangelho era uma pedra de tropeço; ao grego, uma loucura; mas para o **chamado**, tanto judeu quanto grego, era a sabedoria e poder de Deus no plano da salvação no Senhor Jesus Cristo crucificado.

O Apóstolo não está escrevendo sobre o poder da sua pregação, mas sobre o poder do que pregava. E o que pregava? Cristo crucificado, que tinha o poder de cancelar a dívida do pecado. Cantamos: “Há poder, sim, força sem igual, só no sangue de Jesus”, o que significa que o sangue de Cristo tem poder para expiar o pecado. João diz que o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado. Aquilo que o povo acha vergonhoso e tolo é exatamente o que Deus usa para salvar os pecadores. O que Cristo fez, ao morrer e ressuscitar, tem poder para cancelar a dívida do pecado. O Evangelho foi outorgado por Deus, não é um recurso humano. Deus enviou Seu Filho para morrer; Ele colocou sobre Cristo a nossa iniquidade. Não somos salvos porque os homens mataram Jesus: isto seria assassinato. Somos salvos porque “Ele foi aflito, ferido de Deus e oprimido”. Isaías 53:4. Deus sacrificou Seu próprio Filho para nossa salvação (segurança eterna). Espantoso? Extraordinário? Maravilhoso? Com certeza! Mas devemos lembrar que o pecado é terrível em sua natureza e efeitos e, nada, a não ser uma solução extraordinária, poderia remediá-lo.

ILUSTRAÇÃO

Um homem comete um homicídio e por isso é condenado à pena de morte. O assassino fora contratado por outro homem, o qual já estava sob pena de morte, sem nenhum direito ao perdão. Mas a lei permite um substituto, que morre no lugar do assassino, por puro amor ao condenado. A morte do substituto cancela a culpa do assassino e o liberta. O tribunal fica satisfeito com a morte do substituto e o

culpado recebe a liberdade. Interpretação desta parábola: o homem se tornou pecador contra Deus pelo engano de Satanás, o qual já está condenado ao inferno sem nenhuma chance de perdão. A lei divina permite que um substituto tome o lugar do homem pecador. O Filho de Deus, de bom grado, Se entrega como substituto do pecador, sofrendo, o Justo pelo injusto, para que o pecador não morra por causa dos seus pecados.

BENEFICIÁRIOS DO EVANGELHO

Paulo diz: “De todo aquele que crê”. Romanos 1:16. A morte de Cristo não vai fazer nenhum bem a quem zomba ou se recusa a confiar nela. “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” João 3:36.

Uma explanação mais completa sobre a fé que salva, será tratada em outro sermão. Contudo, há espaço, aqui e agora para algumas considerações. Há tanta coisa que se faz passar pela fé que salva. Temos que estar atentos, para que não cometamos um erro a este respeito. A fé que salva é algo mais que o simples concordar da mente à uma proposta, mesmo sendo verdadeira. É preciso se confiar no Senhor Jesus Cristo com todo o coração. A fé que salva não se satisfaz com o eu; ela se satisfaz com o que Cristo fez na cruz, para a nossa salvação. Aquele que se satisfaz com Cristo nunca ficará satisfeito com qualquer outra coisa.

O valor da fé depende do valor do seu objeto. Se eu confio numa pessoa ou objeto que não possa ou não queira me salvar, então minha fé não tem valor – é vã, mesmo que seja forte. A fé tanto pode ser enganosa quanto salvadora. Não há perigo em se confiar no Senhor Jesus Cristo, pois Ele está disposto e também tem poder para salvar. Ele pode nos salvar porque está vivo. Um morto não pode ser um salvador verdadeiro, nem deve ser objeto de fé. É ofício do sacerdote fazer as pazes entre os pecadores e Deus. Os sacerdotes do Velho Testamento não podiam fazer isto por dois motivos: não viviam para sempre como sacerdotes nem tinham sacrifícios que salvavam a oferecer. Era “impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados”. Hebreus 10:4. Mas Cristo é sacerdote para sempre e tem um sacerdócio imutável. “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”. Hebreus 7:25. Eis a base para a fé que salva e um desafio à fé forte. Aleluia! Que Grande Salvador!

Quem me poderá salvar? Cristo que verteu seu sangue.
Onde as manchas vou limpar? Só no seu precioso sangue.

Oh! Que preciosa paz, que vem da sua cruz,
A qual me dá Jesus pelo seu precioso sangue!

Vejo a minha salvação só no seu precioso sangue;
Deus concede-me perdão só no seu precioso sangue.

Oh! Que preciosa paz, que vem da sua cruz,
A qual me dá Jesus pelo seu precioso sangue!

Dele vem perfeita paz pelo seu precioso sangue.
Infalível e eficaz este tão precioso sangue.

Oh! Que preciosa paz, que vem da sua cruz,
A qual me dá Jesus pelo seu precioso sangue!

Minha justificação, tenho no seu precioso sangue.

Gozo traz ao coração, esse tão precioso sangue.
Oh! Que preciosa paz, que vem da sua cruz,
A qual me dá Jesus pelo seu precioso sangue!

Entrarei no céu enfim, pelo seu precioso sangue.
Louvarei então sem fim, esse tão precioso sangue.
Oh! Que preciosa paz, que vem da sua cruz,
A qual me dá Jesus pelo seu precioso sangue!

SÓ NO SANGUE, Cantor Cristão - 93.

CAPÍTULO 3 - ELEIÇÃO

Qualquer pessoa que tenha o mínimo respeito pela Bíblia, vai admitir que existe uma doutrina ou ensinamento sobre a ELEIÇÃO. Em relação a esta doutrina a cristandade se dividiu em dois grupos. As denominações que acreditam que a salvação é totalmente pela graça, sem mérito humano nenhum, seja a que altura for, confirmam a eleição em suas confissões de fé, ao passo que aquelas que dão lugar ao mérito humano deixaram o assunto fora de suas confissões. Por exemplo: quando João Wesley separou-se da Igreja da Inglaterra (Anglicana), ele fez algumas mudanças nos Trinta e Nove Artigos, eliminando completamente o Dezessete, que fala sobre a Predestinação e Eleição. Contudo, João Wesley expressou-se em relação ao assunto. Em certo lugar, ele diz: “A Bíblia nos ensina claramente o que é a predestinação: é a escolha feita por Deus, de antemão, de crentes no Evangelho para a salvação, não sem, mas segundo a Sua presciência de todas as suas obras desde o princípio do mundo – Deus, desde a eternidade já sabia que homens iam crer ou não. De acordo com Sua presciência, Ele escolheu ou elegeu todos os crentes obedientes para a salvação”.

CONDICIONAL OU INCONDICIONAL

Assim pois, João Wesley tornou o assunto bem claro: os que acreditam que a eleição é condicionada a algo bom que se prevê no pecador, como base para a escolha divina são chamados corretamente de arminianos. Os que negam qualquer coisa boa no pecador como base para esta escolha são chamados corretamente de calvinistas. Em outro lugar, João Wesley afirma que os arminianos acreditam que a eleição seja condicional. O que a Bíblia diz? Paulo fala assim em Romanos 11:5-6: “Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça. Mas se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Se, porém, é pelas obras, já não é mais graça; de outra maneira a obra já não é obra”. Paulo alude às condições em Israel, na época de Elias, que achava que era o único e verdadeiro adorador de Deus que restara na terra. Deus corrigiu o profeta ao dizer: “Também deixei ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda a boca que não o beijou”. (I Reis 19:18). O significado óbvio é que Deus intervira graciosamente, a fim de impedir sete mil de seguirem a multidão idólatra. “Assim, pois”, é o que Paulo diz, referindo-se ao remanescente de crentes verdadeiros de sua época, que não eram naturalmente, melhores do que a multidão descrente, mas que fora graciosamente escolhido para a salvação. Com o mesmo objetivo, o Apóstolo diz aos coríntios: “Porque, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, porque te glorias, como se não o houveras recebido?” I Coríntios 4:7.

Spurgeon é bem direto ao afirmar que aqueles que não acreditam na eleição como doutrina, acreditam no coração como questão de experiência. Certa vez, ele pregava a uma congregação composta principalmente de metodistas. Eles aprovavam a mensagem, em voz alta, até que Spurgeon disse: “Isso me leva à doutrina da eleição”. Expressões de desaprovação se tornaram evidentes, em consequência do que Spurgeon disse ao público que eles acreditavam na eleição e que ele os faria exclamar “Aleluia” por causa dela. E foi isto mesmo o que fez. Spurgeon perguntou se havia diferença entre eles e os maus, tais como alcoólatras, meretrizes, blasfemos. Em uníssono, disseram haver uma diferença. Spurgeon perguntou quem fazia a diferença e, fosse quem fosse, deveria receber toda a glória por isto. Spurgeon disse a eles: “São vocês que fazem a diferença”? Todos exclamaram, a uma voz: Não! Spurgeon continuou, dizendo que era o Senhor que fazia a diferença. Perguntou-lhes, então, se achava errado o Senhor fazer a diferença entre eles e os ímpios. Todos concordaram que não era errado. Spurgeon concluiu, dizendo: “Muito bem! Se não é errado Deus fazer esta diferença, também não é errado que Ele se propusesse a fazê-la, e isto é o que significa a doutrina da eleição”. Todos os que assistiam, exclamaram “ALELUIA”! como o pregador disse que fariam. O mártir John Bradford, certa vez observava policiais levando um criminoso à prisão e exclamou: “podia ser eu, se não fosse pela graça de Deus”!

Cada crente verdadeiro, quando de joelhos, aprova a doutrina da eleição incondicional. Ninguém pode orar de verdade, ao mesmo tempo em que se vangloria de qualquer coisa boa em ou de si mesmo (Lucas 18:10-14). A graça soberana aparece na oração, embora seja deixada de lado no púlpito. Nenhum salvo vai se ajoelhar e reivindicar diante de Deus que ele mesmo se fez diferente dos que não são salvos. E, ao orar pelos perdidos, suplicamos a Deus que os convença do pecado e os converta à fé em Cristo. Não dependemos do livre arbítrio da vontade deles, mas imploramos a Deus que os faça dispostos a virem a Cristo, sabendo que quando fizerem isto, nunca jamais Ele os lançará fora (João 6:37). Conta-se de um certo pastor metodista que ouviu certa vez um presbiteriano pregar. Depois do sermão, o metodista disse ao presbiteriano: Foi um ótimo sermão arminiano. O presbiteriano replicou: Foi. Nós presbiterianos somos bons arminianos quando pregamos. Vocês metodistas são bons calvinistas quando oram.

Ao orar pelos perdidos pedimos exatamente o que a Deus? O que Paulo pediu a Deus para fazer por Israel? O Apóstolo pediu que Ele os iluminasse espiritualmente, para que deixassem de tentar salvar a si mesmos e confiassem em Cristo para a justiça, que tentavam estabelecer por si mesmos. Ver Romanos 10:1-4. Parece espantoso acreditar que qualquer aspecto da salvação seja condicionado a algo que o pecador possa fazer, à parte da graça que Deus opera no coração da pessoa.

A POSIÇÃO HISTÓRICA DOS BATISTAS

Quase todas as confissões de fé publicadas pelos batistas tratam sobre o assunto da eleição. Este autor pode até afirmar que concorda com todas elas, desde que concordem virtualmente uma com a outra. A posição histórica dos batistas sobre a eleição foi sucinta e claramente afirmada no “Sumário dos Princípios” do Seminário De Louisville, Kentucky, EUA. O Artigo V desta Confissão diz assim: “A eleição é a escolha eterna de Deus de algumas pessoas para a vida eterna; não por merecimento algum pressuposto por parte delas, mas unicamente pela misericórdia de Deus em Cristo. Em consequência desta escolha, estas pessoas são chamadas, justificadas e glorificadas”.

Em harmonia com a declaração acima, há várias coisas a serem ditas, de modo a explaná-la melhor:

1. Eleição é a escolha de Deus. É Deus quem escolhe, na eternidade, aqueles a quem vai salvar depois no tempo. Deve haver escolha ou então o universalismo. A palavra eleição está ligada a Deus e não ao homem. Marcos 13:20 fala sobre o eleito de Deus assim: “Os eleitos que escolheu”. A teologia de que Deus é por nós e Satanás contra e que podemos desempatar é totalmente contrária aos ensinamentos bíblicos, e é quase ridícula demais para ser notada. O Senhor Jesus disse aos discípulos: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós”. João 15:16. Ver também Efésios 1:4, II Tessalonicenses 2:13. A auto-eleição é uma forma maligna da justiça própria.

2. A eleição é a escolha de Deus de algumas pessoas. A eleição universal é um termo contraditório. É óbvio demais para que seja preciso argumentar. Em Romanos 11:7 Paulo diz que os eleitos alcançaram a salvação; e os outros foram endurecidos.

3. A eleição é a escolha eterna de Deus. Em Efésio 1:3-4 lemos sobre as bênçãos espirituais que temos nos lugares celestiais: “como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo”. Em II Timóteo 1:9, Paulo diz que Deus “nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”.

4. A eleição é a escolha graciosa de Deus. Isto significa que não houve nada, por parte do homem, que servisse de causa ou base para esta escolha, mas só pela Sua misericórdia em Cristo. A eleição incondicional é bem ilustrada no caso de Esaú e Jacó. “Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)”. Romanos 11:7. Isto, naturalmente, faz o homem objetar: “Há injustiça da parte de Deus”? Romanos 9:14. Paulo replica com uma negação e depois insiste na soberania de Deus: “Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer”. Romanos 9:18. Somente o prazer da própria soberania de Deus determina ou escolhe o objeto de Sua misericórdia.

5. A eleição é para a salvação. Não se pode negar uma escolha divina em relação às nações para bênçãos e privilégios externos, nem que certos indivíduos foram escolhidos para um serviço em especial; mas afirmamos que a Escritura também ensina uma eleição de indivíduos para a vida eterna. Ver II Tessalonicenses 2:13. A eleição não é a salvação, mas é para a salvação, o que significa que vem antes e não depois da salvação. Os homens são salvos quando confiam em Cristo, não quando são eleitos. O presidente do país não se tornou presidente ao ser eleito, mas sim no momento de sua posse. Não houve apenas uma **eleição para** a salvação, mas também uma **indução a** isto. Assim, os eleitos de Deus são induzidos à posição de santidade, através do chamado eficaz (a obra vivificadora do Espírito Santo) e assim, tornaram-se crentes no Evangelho. I Coríntios 1:29.

6. A eleição é uma doutrina desafiadora. O Artigo IX da Confissão de Fé de New Hampshire diz em parte: “Que a eleição deve ser ratificada por seus efeitos em todos quantos realmente crêem no Evangelho; que é o alicerce da segurança do crente; e que ratificá-la em relação a nós mesmos exige e merece a máxima diligência. Pedro (II Pedro 1:14) nos exorta a diligentemente “procurar fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”, significando que devemos, nós mesmos, ter a certeza dela. Existe o perigo de se pensar que é salvo sem a devida evidência de tal fato. Nenhum descrente ou crente só de nome tem qualquer direito de buscar

conforto na doutrina da eleição. Ela é a “comida dos filhos”. Há algum tempo atrás, o autor tentou testemunhar a um homem em relação à necessidade do Salvador. Ele usou esta doutrina, a fim de justificar sua indiferença, dizendo desinteressadamente que quando Deus estivesse pronto para salvá-lo, Ele o faria. Disse a este senhor: Existe verdade no que diz, mas não é a verdade que o senhor precisa, pois se não se arrepender e crer, com certeza irá para o inferno.

OBJEÇÕES CONSIDERADAS E RESPONDIDAS

São muitas as objeções feitas à doutrina da eleição incondicional. Às vezes, os opositores são barulhentos e furiosos. As tiradas de João Wesley contra esta doutrina fazem-nos sentir mal. E muitos batistas são quase tão severos quanto ele.

1. Objeta-se que a eleição limita a misericórdia de Deus. Criticamos logo os críticos, pois quem faz tal objeção limita tanto a misericórdia quanto o poder de Deus. Eles admitem que a misericórdia de Deus se limita ao crente, e que todos os outros sofrerão a ira da justiça divina. Mas, nossa crítica nega o poder de Deus em fazer o pecador crer sem violentar o livro arbítrio. Na conversão, Deus não mata a vontade humana, apenas a inimizade dela. A esta altura devemos enfrentar duas propostas auto-evidentes. Em primeiro lugar, se Deus está tentando salvar cada pessoa da raça caída de Adão, e não consegue, então Seu poder é limitado e Ele não é o Senhor Deus Todo-poderoso. Em segundo lugar, se não estiver tentando salvar cada membro da raça caída, então Sua misericórdia é limitada. Temos que limitar então ou Sua misericórdia ou Seu poder, ou nos mudar com “armas e bagagens” para a posição universalista (que todos em todo tempo serão salvos). Porém, antes de fazermos isto, vamos “à Lei e ao Testemunho”, que diz: “Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdiaLogo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer”. Não existe espaço aqui para uma exegese, a não ser dizer que ao endurecer o pecador, Deus não infunde uma natureza pecaminosa, mas permite que a natureza pecaminosa revele sua inimizade natural. O autor prefere a palavra preterição ao invés de reprovação ao descrever o modo como Deus trata o que não é eleito. Ao endurecer, Deus deixa o pecador a seu bel-prazer, no que diz respeito à graça eficaz; na misericórdia, Ele faz novas criaturas em Cristo Jesus. Quando Robert Morrison estava para ir à China, um vizinho incrédulo lhe perguntou se achava que ia causar alguma impressão nos chineses. Sua resposta sucinta foi: “Não, mas creio que Deus vai”. O autor muitas vezes pensa porque mais pecadores não foram salvos nos séculos passados, porém nunca atribui tal fato à falta de poder em Deus. Se Deus podia transformar as pedras em filhos de Abraão, então Ele pode fazer filhos Seus de todos os tipos de pecadores.

2. Objeta-se que a eleição condene ao inferno parte da raça humana. O opositor está errado! É a justiça divina que condena a raça humana inteira. A eleição impede que muitos sejam condenados. A eleição é para aqueles que “já foram condenados”. Ela nem os coloca sob condenação, nem os mantém lá. A eleição não é para a condenação, mas sim para a salvação. Ela não machuca ninguém, mas salva uma multidão que não se pode contar. Se formos objetar a uma doutrina que salva apenas parte da raça humana, então vamos pôr objeção ao Evangelho, pois é isso tudo o que ele faz.

3. Objeta-se que a eleição torna Deus injusto. Esta objeção põe à mostra um coração perverso. Ela obriga o Legislador a salvar o fora-da-lei. Ela torna a salvação uma obrigação divina, revertendo a posição de Deus e do pecador; colocando o pecador no trono e Deus a seus pés. A salvação não é uma questão de

justiça, mas sim de misericórdia! Não foi o atributo de justiça que levou Deus a oferecer a salvação, mas sim o atributo de misericórdia. Justiça é simplesmente receber o que se merece. Quem vai para o inferno só tem que culpar a si mesmo, ao passo que, quem vai para o céu, só terá louvores para Deus.

4. Objeta-se que a eleição se opõe à doutrina do “QUEM QUISE”. Mais uma vez, o opositor erra. Nossa opinião sobre a eleição explica e apóia a doutrina do “QUEM QUISE”. Sem a eleição o convite não seria ouvido e ninguém creia. Não é natural ao pecador confiar em Cristo; isto porque sua mente carnal é inimizada contra Deus. A salvação através da confiança em um Cristo crucificado é pedra de tropeço ao judeu e loucura para o grego (gentio). Somente aquele que foi chamado, tanto judeu quanto grego, pode ver nela a sabedoria e o poder de Deus. Cristo disse: “Ninguém pode vir a mim se o pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei (o que foi trazido pela graça, o eleito, C.D.C.) no último dia”. João 6:44. A vontade humana é livre, porém esta liberdade fica dentro dos limites da natureza humana caída. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. I Coríntios 2:14. Tem que haver o milagre do novo nascimento, porque, a não ser que a pessoa nasça do alto, ela não pode ver, nem entrar, no reino dos céus. O autor não deixa ninguém crer mais na doutrina do “QUEM QUISE”, nem pregar sobre isso com mais sinceridade do que ele o faz. Porém, acredita também que não haveria nenhum crente, se o Espírito Santo não convencesse o pecador de seu estado de perdição e depravação e o convertesse à fé em Cristo. O salvo é a obra-prima de Deus, o produto de Sua graça.

5. Objeta-se ainda que a eleição incondicional destrói o espírito de missões. Esta objeção merece séria consideração. Admite-se que alguns tenham permitido a crença na doutrina de paralisação do esforço missionário. Mas, fazem isto por terem uma visão limitada da doutrina. Não viram que o Evangelho é o meio pelo qual o eleito é salvo. Por outro lado, os maiores nomes na iniciativa e obra missionária eram crentes fervorosos da eleição incondicional. William Carey, muitas vezes chamado o pai das missões modernas, foi um calvinista leal. Andrew Fuller, o primeiro secretário da sociedade que enviou Carey à Índia, agarrava-se tenazmente à doutrina da eleição incondicional. Crer na eleição não destruiu o espírito de missões em Judson, Spurgeon, Boyce, Eaton, Carroll, Graves, Shields e um exército de outros líderes batistas. A Primeira Igreja Batista em Murray, no Kentucky (EUA), chamada certa vez pelo Dr. J. F. Love como “a maior igreja missionária da terra”, ouviu Boyce Taylor (seu pastor) pregar sobre a eleição incondicional durante uns quarenta anos.

Quem deixa sua crença na eleição refrear seu zelo missionário tem uma opinião pervertida da doutrina. A eleição não determina o alcance das missões, mas sim os resultados. A comissão do Evangelho não diz: “aos eleitos”, mas sim “a toda criatura”. Se dissesse “aos eleitos”, então não podíamos pregar a ninguém, pela simples razão do eleito não poder ser identificado, até que exercite a fé que age pelo amor. Sendo assim, já seria salvo, e o Evangelho não seria, portanto, o poder de Deus para a salvação. O Evangelho é para os homens, como pecadores perdidos, não como pecadores eleitos. Deus tem Seus eleitos, mas eles não são nossos eleitos, e a eleição de Deus não pode ser conhecida, antes de serem salvos. Nosso trabalho é evangelizar: cuidar dos eleitos é com Deus. Vamos ser fiéis no que devemos fazer, deixando os resultados com Ele, lembrando que Paulo pode plantar e Apolo regar, mas é Deus quem dá o crescimento.

CAPÍTULO 4 - O CHAMADO EFICAZ

Esta é uma das verdades mais negligenciadas da Bíblia. Falava-se muito sobre este assunto no passado. Também no tempo de Spurgeon e outros; mas, hoje, só aqui e ali se ouve uma voz a clamar esta doutrina bíblica. Até nos atrevemos a dizer que nove entre dez membros da igreja nem mesmo iriam opinar em relação a esta verdade bendita.

A palavra “chamado” é usada, às vezes, para expressar o ato de nomear. Por exemplo: em Mateus 1:21 lemos: “chamarás o seu nome JESUS”. Outras vezes, emprega-se a palavra com a conotação do ato de convidar ou convocar, como em Lucas 14:13: “Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos”.

Quando a palavra “chamado” é usada para convidar, devemos fazer a diferença entre um chamado ao qual não se obedece e o outro que é eficaz – ao qual se atende. O objetivo principal do Evangelho é chamar as pessoas para a salvação, através da fé em Cristo. É óbvio que muitos destes chamados não são ouvidos, e muita gente continua perdida, apesar da pregação simples e apelo urgente. Por outro lado, vemos a pregação eficaz do Evangelho em muitos casos; vemos vidas transformadas por ele. Podemos ver um perdido ignorar e rejeitar o Evangelho em uma ocasião e, depois, na próxima vez ou um pouco mais tarde, ser salvo por ele. O que faz a diferença? O pastor? Não, pois até pode ser o mesmo nos dois exemplos. No Evangelho? Não, pois é o mesmo nos dois casos. A diferença é feita pelo Espírito Santo em Seu poder de dar luz e vida ao coração do pecador. Ao se pregar o Evangelho “somente em palavras”, isto é, sem o poder vivificador do Espírito Santo, o pecador continua espiritualmente morto, e será ou indiferente ou contra o chamado do Evangelho.

O chamado eficaz é quase equivalente à regeneração. Em Romanos 8:30 vemos a ordem dos atos divinos na salvação: “E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”. Note que se usa a palavra “chamado”, ao invés de “regenerado”. Os crentes, muitas vezes, são denominados “os chamados”, ou então “os nascidos de novo”.

A BÍBLIA FAZ DISTINÇÃO ENTRE OS DOIS CHAMADOS

Existem dois chamados de Deus para o homem. Um é o chamado geral, feito a todos quantos ouvem o Evangelho através da audição. O outro é especial e resulta na salvação daqueles que o ouvem. Os homens são salvos através deste chamado divino. Paulo se refere aos crentes em Roma e em Corinto “chamados santos”. Romanos 1:1 e I Coríntios 1:2. Ele pregou o Evangelho, sem distinção, a judeus e gregos, em Corinto. Ao judeu natural, o Evangelho era um escândalo e ao grego (gentio), uma loucura. “Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus”. I Coríntios 1:24. Somente os chamados nos dois grupos viram o poder e a sabedoria de Deus no plano da salvação, através do Cristo crucificado.

Vamos examinar alguns versículos que falam sobre o chamado geral. Em Provérbios 1:24 Deus diz: “Entretanto, porque eu clamei e recusastes; e estendi a minha mão e não houve quem desse atenção”. Este foi um chamado externo, feito por Deus, através dos profetas, porém foi universalmente ignorado -- ninguém lhe deu atenção. Em Mateus 22:14, lemos: “Porque muitos são chamados, mas poucos

escolhidos”. Eis um chamado feito a um número bem maior dos que foram escolhidos e salvos. Na parábola da grande ceia, registrada em Lucas 14, nenhum dos convidados apareceu, mas todos apresentaram desculpas.

Vamos, agora, examinar alguns versículos que falam sobre o chamado especial e eficaz. Em Romanos 8:28 lemos que tudo coopera para o bem “daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. “Os chamados” significa muito mais que “os convidados”, pois muitos são convidados para virem a Cristo, porém nunca vêm e assim, não são salvos. Para estes tudo não coopera para o bem. Em Romanos 8:30 lemos que os chamados também são justificados. Há muitos chamados (convidados) pela pregação do Evangelho que não são justificados. Paulo escreveu sobre o chamado eficaz na salvação ao dizer aos coríntios: “Porque, vede, irmãos, a vossa vocação que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados”. I Coríntios 1:26. Em II Pedro 1:10 somos exortados: “Procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”. Em todas estas passagens, o chamado é mais do que um simples convite externo para se crer no Evangelho.

A NATUREZA DO CHAMADO EFICAZ

1. É subjetivo ou interno. Há um chamado objetivo ou externo, no qual o Evangelho é apresentado e oferecido ao pecador. Neste chamado, a graça de Deus opera na mente e no coração; ao lhe compelir (no sentido de submeter a vontade humana à vontade de Deus), mas ao mudar a mente e o coração, através da inclinação governante da alma, a fim de que se torne disposto. Bancroft define o chamado eficaz com estas palavras: “Chamamos de convite eficaz ou o chamado eficaz o exercício do poder divino sobre a alma; poder este imediato, espiritual e sobrenatural, o qual transmite uma nova vida espiritual, tornando assim possível um novo modo de atividade espiritual. O arrependimento, a fé, a confiança, a esperança e o amor são, pura e simplesmente, os próprios atos do pecador, os quais só se tornam possíveis a ele, em virtude da mudança feita na condição moral de suas qualidades naturais, pelo poder de Deus de recriar”.

2. É um chamado especial. Existe um chamado geral cada vez e seja onde for que o Evangelho for pregado. Deus é sincero neste chamado e o pecador tem a responsabilidade de dar-lhe atenção, mas o fato é que não o faz. O chamado especial é algo além da pregação do Evangelho, pois é feito àqueles que são chamados ovelhas, eleitos, predestinados. Para estes, é sempre eficaz. Cristo disse: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão”. João 10:27-28. E, falando sobre as ovelhas perdidas entre os gentios, Ele declara: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor” João 10:16. Paulo reconheceu o eleito quando o Evangelho “Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós” I Tessalonicenses 1:5.

John Bunyan ilustra a diferença entre o chamado especial e o geral através do modo como uma galinha chama os pintinhos. Às vezes, ela cacareja, mas os pintinhos não dão a mínima atenção. Porém, quando cacareja avisando-os que o gavião está para pegá-los, eles vêm voando, em busca de proteção sob suas asas. Deus, do mesmo modo, tem um chamado que traz as ovelhas perdidas ao abrigo e segurança sob as asas abertas do Calvário.

Spurgeon encontra uma ilustração para este chamado eficaz na ressurreição física de Lázaro. Ele diz que se o Senhor Jesus não tivesse Se dirigido pessoalmente a Lázaro, ao dizer: “Lázaro, sai para fora” (João 11:43), todos os outros mortos teriam ressuscitado, ao ouvir Sua ordem.

Nosso Senhor faz uma distinção entre a ressurreição espiritual e física em João 5: 25, 28. Ele está falando sobre a ressurreição corpórea ao dizer: “Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz”.

3. É um chamado miraculoso e invencível. Pedro diz que é um chamado para sair das trevas para a Sua maravilhosa luz. I Pedro 2:9. Cristo diz que é este chamado que faz o morto viver. Tal chamado tem o poder por trás. É o Espírito poderoso de Deus, agindo pela graça, que faz o pecador ver seu estado de desamparo e o valor do sangue de Cristo. Resistir, com sucesso a este chamado faria o pecador mais poderoso do que Deus. Havia a morte e a decomposição em Lázaro para impedi-lo de reagir à ordem de Cristo de sair do túmulo. Mas, havia poder de Deus, que vence todo e qualquer obstáculo da natureza. Do mesmo modo, existe muita coisa no pecador que resiste ao chamado do Evangelho, mas no chamado eficaz do Espírito esta resistência é vencida. O chamado eficaz é divino e surpreende o pecador descuidado e o faz pensar; traz luz ao entendimento obscurecido pelo pecado; abre o coração fechado por causa do pecado para receber Cristo como Senhor e Salvador. Sem a obra do Espírito Santo, a Palavra do Espírito seria rejeitada. A menos que o Espírito Santo ilumine a alma, a luz da Bíblia não será vista. O poder da conversão não está na inspiração nem na transpiração do pregador, mas na iluminação e regeneração do Espírito Santo.

O chamado externo do Evangelho, feito pelo pregador, assemelha-se à lei que acusa o réu e o leva ao julgamento; o chamado especial é o delegado que entra em contato com o réu, prende-o e o leva ao tribunal. A recusa do réu em se submeter à prisão não é prova de que seja superior à lei; mas se a lei for incapaz de levá-lo ao tribunal, isto seria uma prova que ele é mais forte que a lei. Então, quando o pregador convida os pecadores a se arrependem e crerem no Evangelho e eles recusam, isto não indica que o pecador é mais forte do que Deus. Mas, se o Espírito Santo o chamar, vindo para dar para sua mente obscurecida a luz do evangelho, para fazê-lo arrepender-se e ter fé, para lhe dar um novo nascimento, e não conseguir, então isso provaria que o pecador é mais forte que Deus, o Espírito Santo. A depravação pode ser demais para o pregador, mas não para o Espírito Santo. É por isso que oramos, para que Deus converta o pecador, quando pregamos a ele.

O chamado geral é como o pai que chama o filho para levantar-se de manhã. O filho diz: “Ta bom!” e volta a dormir. O chamado não fez levantar; não surtiu nenhum resultado. O chamado eficaz é como o mesmo pai entrando no quarto do filho meia hora depois. Ele puxa o lençol e usa o cinturão. Isto funciona e o filho levanta na hora.

B. H. Carroll assemelha o chamado geral ao relâmpago, que é bonito e grandioso, mas não atinge nada; o chamado eficaz é como o raio que sempre atinge algum lugar.

A NECESSIDADE DO CHAMADO EFICAZ

1. A depravação humana, a condição da natureza humana caída, torna necessário o chamado sobrenatural e eficaz, para que haja conversão do pecador. O homem, por natureza, tem seu entendimento obscurecido pelo

pecado. O coração está totalmente endurecido e sua mente é inimizada contra Deus. Se o pecador amasse a Deus e entendesse o Evangelho, ele imediatamente, ao ouvir o Evangelho, com amor e alegria atenderia o chamado feito pelas boas novas da salvação em Cristo. Mas, é preciso que o pecador passe por uma mudança de coração e mente, antes de receber Cristo como Senhor e Salvador. Esta mudança não é feita por ele mesmo e sim por Deus. Paulo disse a Timóteo para pregar, na esperança de que “porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos”. II Timóteo 2:25-26.

2. Este chamado especial do Espírito Santo é necessário porque o chamado do Evangelho, somente a Palavra, não é suficiente para a conversão do perdido. “Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós”. I Tessalonicenses 1:5. John Bunyan afirmou: “Creio que, para haver o chamado eficaz, o Espírito Santo deve acompanhar a Palavra do Evangelho e isto com todo poder”. O Evangelho é adequado e suficiente como meio para a conversão, mas deve haver um agente, com poder, a fim de torná-lo eficaz. Deve haver o obreiro divino e também um equipamento divino. A Palavra é uma espada ótima, mas deve haver quem maneje. A Bíblia diz que a Palavra é a espada do Espírito. No chamado que não traz efeito, temos o Evangelho e o pregador; no chamado eficaz temos o Evangelho, o pregador e o Espírito Santo, o qual torna o Evangelho eficaz na conversão do pecador.

A RAZÃO PARA O CHAMADO EFICAZ

O chamado eficaz, feito pelo Espírito Santo e que assegura a salvação, em cada caso é feito em consequência do propósito eterno de Deus. Em Romanos 8:28 lemos que este chamado é “segundo o seu propósito”. Em II Timóteo 1:9 vemos o mesmo efeito: “Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”. A salvação não é um acidente, não é algo que acontece por acaso, mas é o cumprimento do propósito eterno de Deus em Cristo. O chamado eficaz é o ato divino, pelo qual o predestinado vem à salvação. É a posse do eleito; a indução à santidade. A salvação vem do Senhor e cada crente deve atribuir sua conversão à obra do Espírito Santo. Cada crente é um homem criado de novo por Deus e, portanto, um homem criado pela graça desde que ele não merecia a salvação. É Deus quem nos torna diferentes do perdido, portanto podemos, humildes e gratos, cantar:

Ouçõ meu Senhor dizer: teus esforços são em vão,
Nada podes merecer, Eu te dou a salvação.
A Ti, Jesus, Senhor, Venho como sou;
Bem nenhum mereço eu, Teu sangue me salvou.

Sim, eu venho a Ti, Jesus, Tua graça receber;
Infinito é teu amor, Sem limites Teu poder.
A Ti, Jesus, Senhor, Venho como sou;
Bem nenhum mereço eu, Teu sangue me salvou.

Ai, me falta a retidão, Sou indigno pecador,
Mas pureza alcançarei No Teu sangue redentor.
A Ti, Jesus, Senhor, Venho como sou;
Bem nenhum mereço eu, Teu sangue me salvou.

Pela fé em Ti, Senhor, Recebi o Teu perdão;
De pecado e de temor Livre está meu coração.
A Ti, Jesus, Senhor, Venho como sou;
Bem nenhum mereço eu, Teu sangue me salvou.

Lá no céu eu cantarei Tua eterna redenção;
Sempre ali Te renderei Meu louvor e gratidão.
A Ti, Jesus, Senhor, Venho como sou;
Bem nenhum mereço eu, Teu sangue me salvou.

COMO ESTOU, Cantor Cristão – 268.

CAPÍTULO 5 - REGENERAÇÃO OU NOVO NASCIMENTO

John Ruskin (1819-1900), crítico de arte, autor e economista político inglês disse: “A pergunta mais importante que se pode fazer a qualquer ser vivo é: De que é que você gosta. Saia pela rua e pergunte à primeira pessoa que encontrar, de que é que gosta, e se ela lhe responder sinceramente, então você pode conhecê-lo bem, corpo e alma. Aquilo do que gostamos determina o que somos; é um sinal do que somos...”.

Se o gosto do qual Ruskin fala se aplicar a coisas morais e espirituais, então o que ele diz é uma verdade muito séria. O homem tem um gosto moral e também físico. O que ele gosta como ser moral – em relação ao Deus verdadeiro e à Sua Palavra – determina o que é como ser moral e serve de sinal para os outros, mostrando o que ele é realmente. A gente pode se conhecer através do teste daquilo que gostamos. O gosto é o desejo moral e este desejo moral determina a ação moral.

O gosto moral de Davi se revela, quando ele diz: “uma coisa pedi ao SENHOR, e a buscarei: que possa morar na casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do SENHOR, e inquirir no seu templo”. Salmo 27:4. “Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” Salmo 42:1-2. Este desejo por Deus mostra que o salmista é um homem segundo o coração de Deus. O Dr. Broadus nos dá um teste triplo sobre o caráter pessoal: - O que a pessoa lê quando está cansada? O que a pessoa pensa quando está sozinha? Onde ela vai, quando está longe de casa?

Este teste revela a necessidade da regeneração para cada pessoa. Em sua condição natural, o homem não gosta do Deus da Bíblia; não anseia pela presença de Deus, como Davi ansiava; prefere evitar Deus, como Adão e Eva fizeram ao pecar, escondendo-se de Deus. O homem natural não sente gosto pelas coisas de Deus. O homem em seu estado natural e caído não ia gostar do céu, se pudesse ir lá. O céu é um lugar preparado para um povo preparado. A regeneração é o único remédio. Cada pessoa tem que ser transformada em uma nova criatura, se quiser ver ou entrar no reino de Deus.

A NATUREZA DA REGENERAÇÃO

A regeneração é o aspecto da salvação no qual o pecador morto – com todas as suas faculdades da alma em ruína moral, paralisado em relação a Deus e à santidade, totalmente incapaz de agradar a Deus – torna-se filho de Deus, passando a gostar de tudo aquilo que é de Deus.

Portanto, a regeneração pode ser definida como a obra graciosa de Deus na alma humana, através da qual o coração se torna capaz de amar a Deus, a mente se torna capaz de entender o Evangelho de Cristo e a vontade se torna capaz de escolher a Cristo, tanto como Salvador quanto como Senhor. Esta definição está em harmonia com a Declaração de Fé de New Hampshire que diz: “A regeneração consiste em se dar uma inclinação santa à mente; a qual é efetuada de um modo acima da nossa compreensão, pelo poder do Espírito Santo de Deus em conexão com a verdade divina, a fim de assegurar nossa obediência voluntária ao Evangelho e que esta evidência peculiar aparece nos frutos santos do arrependimento, fé e novidade de vida”.

John Flavel (1630-1691) disse que o coração do homem é sua parte pior antes da regeneração, mas que se torna a parte melhor após a regeneração; que é a base de princípios e a fonte de ações; que os olhos de Deus estão, e os do crente devem estar fixos principalmente nele.

Regeneração não é fazer uma pessoa vir a existir; é o nascimento de alguém que já existe; portanto, um segundo nascimento. Não é fazer novas faculdades ou partes virem a existir. O homem pecador tem tantas partes ou faculdades em seu ser quanto o regenerado. Nenhuma parte do homem foi aniquilada na queda, mas todas as partes se tornaram depravadas. A regeneração não se baseia numa não-existência, mas sim numa existência depravada. A alma do homem é dotada de coração, mente e vontade. O homem pecador possui todas as faculdades, porém num estado em ruínas ou depravado. Ele tem uma mente, que pode pensar e entender, mas não gosta de pensar em Deus, nem pode entender as coisas de Deus. Tem um coração, para que possa amar, porém não ama a Deus. Tem uma vontade, a fim de poder escolher, mas não escolhe Cristo como Senhor e Salvador.

Regeneração é essencialmente uma mudança do gosto fundamental da alma. Queremos dizer com gosto, a direção da mente e inclinação de seus afetos, a tendência da vontade. Alterar este gosto não é imputar uma nova faculdade ou criar uma nova substância; é simplesmente dar a Deus aquela afeição que até agora fora dada ao eu e ao pecado. Na regeneração, Deus reverte a direção da alma. Ele muda o gosto, de forma que o homem passa a amar o que antes odiava e a odiar o que antes amava.

A regeneração não é a erradicação da natureza pecaminosa, mas sim a imputação de uma nova natureza, a qual não tem pecado. O homem salvo nasce duas vezes e tem um disposição ou natureza dupla. Isto cria um conflito entre as naturezas carnal e espiritual (Gálatas 5:17). Paulo tinha este conflito em sua vida. Ele se deleitava na lei de Deus, de acordo com o homem interior, mas estava cômico de outra lei ou força, de modo que não podia fazer o bem que queria (Romanos 7:14-25).

DOIS ASPECTOS DO NOVO NASCIMENTO

No primeiro aspecto, a alma é passiva. Deus muda a disposição dominante através de ato criador, isto é, sem uso de nenhum meio e sem cooperação nenhuma, por parte do pecador. E só podia ser assim, pois como pode a morte contribuir para a vida, ou o imundo purificar a si mesmo e um cadáver se enfeitar?

Resumindo, a regeneração tem que ser totalmente vinda de Deus, a menos que a natureza aja contrária à natureza. Se a mente carnal odeia a Deus; se as coisas de Deus são loucura ao homem natural; se os que estão na carne não podem agradar a Deus, que esperança há, para que tal natureza aja de modo diferente? Não existe tal coisa como auto-nascimento, quer no plano físico quanto no espiritual. A mãe dá à luz ao filho e no plano moral nascemos de Deus.

No segundo aspecto da regeneração, Deus assegura a ação inicial da nova natureza, e neste aspecto, a alma é ativa. O arrependimento e a fé são ações do coração do pecador, que reage à obra vivificadora do Espírito Santo. Os dois aspectos da regeneração são simultâneos. No próprio instante em que Deus dá uma inclinação santa à alma, Ele faz brilhar a luz da verdade do Evangelho e induz o pecador a agir conforme a santa inclinação que Ele imputou.

Esta distinção é necessária, por causa da apresentação dupla da mudança, que encontramos nas Escrituras. Em algumas passagens a mudança é atribuída inteiramente a Deus (João 1:13). Ao mudar o gosto básico da alma não há uso de meios nem cooperação do pecador. De fato, a verdade é rejeitada, até que a inclinação seja mudada. Em outras passagens, vemos a verdade sendo empregada como meio e a mente age através da ação da verdade (Tiago 1:18, I Pedro 1:23). Negar estes dois aspectos faria com que tivéssemos um crente não regenerado por um lado, ou um descrente regenerado por outro, sendo que, nenhum dos dois é possível.

A NECESSIDADE DA REGENERAÇÃO

O que escrevemos anteriormente revela porque o novo nascimento é necessário, mas agora vamos ampliar e ilustrar esta verdade.

A depravação da natureza humana faz com que o novo nascimento seja necessário. O nascimento físico não produz qualidade nenhuma que agrade a Deus. “Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Romanos 8:8. Paulo lembra aos judeus que ser descendente carnal de Abraão, não os torna filhos de Deus (Romanos 9:8). O homem possui a corrupção herdada através da natureza caída. Davi não estava refletindo sobre a virtude da sua mãe, porém confessava sua depravação inata, ao exclamar: “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe” (Salmo 51:5). Talvez alguém diga: “Sei que faço coisas erradas, mas meu coração é bom”. Deus, porém, dá outro veredicto bem diferente. Cristo ensinou que o coração humano é a própria fonte de tudo quanto é pecaminoso: “Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Marcos 7:21-23). As afeições humanas são mal colocadas. O homem ama, naturalmente, aquilo que é contrário a Deus. Ele tem que nascer do alto, a fim de amar a Deus. “Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus; e qualquer que ama é nascido (já tem nascido) de Deus e conhece a Deus” (I João 4:7).

A vontade humana é antagônica a Deus. A vontade de Deus deve ser suprema em cada vida. No entanto, a natureza humana é dominada pela vontade própria. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho”. Isaías 53:6. Na vida de Cristo, a qual é a única perfeita, a vontade de Deus foi suprema: Ele veio, não fazer Sua própria vontade, mas a vontade do Pai.

Além disto, por natureza, o homem se encontra num estado de escuridão moral, completamente ignorante das coisas de Deus. Ele não pode compreender as coisas do Espírito: “Por lhe parecem loucura; não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. I Coríntios 2:14. Tem que haver nascimento espiritual, antes de poder existir um entendimento espiritual.

O autor, certa vez, ouviu sobre uma menina com um defeito visual desde o nascimento. Os pais não perceberam logo, que ela não podia ver muitos objetos comuns aos outros. A menina já estava quase uma mocinha, quando finalmente a levaram ao oftalmologista. Ele aconselhou os pais, os quais aceitaram que ele a operasse. A menina foi mantida num quarto escuro, por várias semanas, após a cirurgia. Certa noite, clara e fragrante, ela foi sozinha à varanda. Na mesma hora, entrou em casa correndo, cheia de animação; Ei, vamos lá fora! Venham ver o que aconteceu no céu!

Os pais saíram correndo com ela, mas não viram nada, a não ser a glória costumeira das estrelas – coisas que a filha nunca vira antes. Nada havia acontecido com o céu, mas algo acontecera aos olhos dela. Assim também, o homem pecador tem os olhos do entendimento obscurecidos em relação à verdade espiritual que salva. As estrelas da verdade do Evangelho brilham no firmamento da Palavra de Deus, mas o perdido não as vê. “Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto”. II Coríntios 4:3.

A CAUSA EFICAZ DA REGENERAÇÃO

Queremos dizer com isto, o poder pelo qual a eficácia é assegurada. Qual é o poder que causa o novo nascimento? As várias respostas à esta pergunta podem ser resumidas em três opiniões gerais.

1. Há quem coloque a causa eficaz ou poder regenerador na vontade humana. Esta opinião enfatiza o plano da salvação e torna a reação ao plano, isto é; a fé no Evangelho, dependente da vontade humana. Dizem que se o pecador crer no Evangelho, será nascido de novo. Isto confunde a justificação e a própria regeneração. Lemos, muitas e muitas vezes, que somos justificados pela fé, mas nunca, que somos regenerados através dela. As vontades humanas – a ação de sua vontade – são, praticamente a sombra de suas afeições. Não se pode separar um homem de sua sombra, fazendo-o ir numa direção e a sombra em outra. Também não se pode fazer a vontade do homem ir em sentido contrário ao seu coração. O homem escolhe fazer o que faz, por causa da condição de seu coração. João 1:13 é bem conciso neste sentido. “os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”.
2. Outra opinião faz da verdade, a causa eficaz da regeneração. Esta opinião coloca o poder do novo nascimento no Evangelho. Alexander Campbell é um dos maiores defensores desta opinião. Ele diz: “Suplicamos que todo o poder vivificador do Espírito Santo seja mostrado na Bíblia. Porém esta opinião nega qualquer obra interna ou subjetiva do Espírito Santo no coração do pecador. O pregador tem que fazer o Evangelho tão atraente que o pecador, sem qualquer mudança, no coração, o aceite. Mas, para um coração que odeia Deus, quanto mais simples se fizer o Evangelho, mais este coração o odiará. Se isto fosse verdade, então seria um absurdo orar a Deus, pedindo-Lhe para regenerar o coração do pecador, pois seria mais do que Ele pode fazer – porque segundo eles, a regeneração simplesmente é o efeito da

Palavra pregada. É o que se chama de teoria “da palavra somente”, a qual é refutada por Paulo em I Tessalonicenses 1:4-5: “sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus; porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza”. Esta opinião inventa uma porção de expressões tolas, que são anti-bíblicas, tais como: “energizando a verdade” ou “iluminando a verdade”. Não há nada errado com a verdade. O problema existe no entendimento obscurecido do pecador. Deus não torna a verdade mais verdadeira, porém abre mentes cegas pelo pecado, a fim de que possam entender (I Coríntios 3:5, II Coríntios 4:6). A Palavra de Deus dá sabedoria em revelação às coisas espirituais. O Evangelho é a luz objetiva; o Espírito Santo dá luz subjetiva.

O Dr. T. T. Shields pregou certa vez, usando o seguinte texto: “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”. I Timóteo 1:15. poucos dias depois, recebeu uma carta, de um homem, que dizia assim: “Gostei muito do seu sermão, domingo passado e não pude entender porque ninguém foi salvo. Mas sua oração, após o sermão, estragou tudo. O senhor pediu a Deus, que através do Espírito Santo, levasse pecadores à aceitação do Evangelho. Estou escrevendo, para lhe perguntar: O que o Espírito Santo tem a ver com isto? O caminho da salvação foi apresentado e tudo o que tinham que fazer era aceitá-la”. Este homem teria razão, se a verdade e a vontade humana fossem tudo o que é necessário para a salvação, e orar a Deus para fazer algo no pecador seria tolice. Esta opinião ignora completamente a verdade da depravação do homem.

3. A posição deste autor é que a ação imediata do Espírito Santo é a causa eficaz da regeneração. O poder do Espírito Santo é imediato, isto é, não depende nem flui através de nada, nem mesmo do próprio Evangelho. Odeia-se e rejeita-se o Evangelho, como se fosse uma tolice, até que o poder direto do Espírito Santo muda a inclinação dominante do coração. Como alguém já disse: “Nosso coração natural é feito de pedra. A Palavra de Deus é a boa semente plantada no solo duro, pisado e empedrado, o qual os cavalos das nossas paixões impuras, da nossa própria vontade rebelde e do tesouro do coração imundo tornaram impenetrável. O evangelho é a boa semente, mas a boa semente não torna um solo bom. Paulo pode plantar e Apolo regar; mas é Deus que tem que dar o crescimento.

Vem, Espírito Divino, grande ensinador!
Vem! Descobre às nossas almas Cristo o Salvador.
Cristo! Mestre! Ouve com favor!
Em poder e graça insigne obre teu amor!

Vem! Demole os alicerces da enganosa paz,
Aos errados concedendo salvação veraz!
Cristo! Mestre! Ouve com favor!
Em poder e graça insigne obre teu amor!

Vem! Reveste a tua igreja de poder e luz!

Vem! Atrai os pecadores ao Senhor Jesus!
Cristo! Mestre! Ouve com favor!
Em poder e graça insigne obre teu amor!

Maravilhas soberanas, outros povos vem;
Oh! Derrama a mesma bênção sobre nós também!
Cristo! Mestre! Ouve com favor!
Em poder e graça insigne obre teu amor!

DESEJO DA ALMA, Cantor Cristão – 116.

CAPÍTULO 6 - JUSTIFICAÇÃO OU ABSOLVIÇÃO DIVINA

Demóstenes falou muito bem ao dizer que o conhecimento começa com uma definição. Cada professor precisa se lembrar disto e ser cuidadoso ao definir seus termos. A Bíblia está repleta de palavras grandes; palavras de uma importância tremenda, e devemos ter muito cuidado ao defini-las.

O livro de Jó é cheio de perguntas. “Porventura alcançarás os caminhos de Deus, ou chegarás à perfeição do Todo-Poderoso?” (Jó 11:7). “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14). “Como seria puro aquele que nasce de mulher?” (Jó 25:4). “Como se justificaria o homem para com Deus?” (Jó 9:2). Esta mesma pergunta é repetida em Jó 25:4a: “Como pois seria justo o homem para com Deus”? É a ela que daremos nossa atenção neste capítulo. Vamos fixar esta pergunta em nossa mente: Como pode o homem rebelde, que tentou tirar o Deus de toda a Terra de Seu trono, ser absolvido por este Deus?

Perguntaram a certo homem se queria ser salvo? Ele replicou: Quero, mas não vejo como Deus pode me salvar sem cometer um erro.

Este homem era um pensador. Ele continuou dizendo que tinha pecado; que a Palavra de Deus diz que o salário do pecado é a morte e que, como pecador, devia receber o que merecia. Confessou, então, que merecia ser castigado e que não conseguia entender como Deus podia continuar sendo justo, sem castigá-lo por seus pecados. A pergunta de Jó era a mesma deste homem.

Não havia perguntas antes do pecado entrar no mundo. Eva foi enganada ao pensar que o fruto proibido a faria sábia e assim resolveria todas as perguntas futuras. Mas esta tentativa de se tornar sábio, tornou-se separação de Deus, com a escuridão resultante face a perguntas inumeráveis. Adão e Eva andavam pela fé no que Deus dissera, mas ao desobedecerem, começaram uma jornada do andar pela vista, que significa crer no que se vê. Eva **viu** que o fruto da árvore proibida era bom para comer e agradável aos **olhos**. Na salvação, o pecador volta ao princípio do andar pela fé, que significa crer no que Deus diz. “Mas o justo viverá da fé”. (Habacuque 2:4, Hebreus 10:38). “A fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus”. (Romanos 10:17). Se o pecado reinou ao trazer perguntas ao mundo, então a graça reina ao responder a estas perguntas. Como pode um pecador ser absolvido diante de um Deus justo e santo? Esta é uma grande pergunta, mas há uma resposta infalível e bendita, encontrada na Bíblia. Vamos examinar:

A NATUREZA DA JUSTIFICAÇÃO OU O QUE É JUSTIFICAÇÃO

Justificação é o aspecto particular da salvação que consiste no livramento da culpa e do castigo do pecado. É o aspecto legal da salvação, no qual se tem direito de ficar diante de Deus, como Legislador. Em relação à culpa e à condenação, o

crente é tão perfeito como se nunca houvesse pecado. Paulo desafia o universo inteiro a apresentar uma só acusação contra o eleito de Deus (Romanos 8:33). Em Antioquia da Pisídia, o apóstolo pregou o Cristo crucificado e ressurreto, ao dizer: “e de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê”. (Atos 13:39).

A justificação é um termo da lei ou judicial. Não se refere a nenhuma obra interior da graça como a regeneração o faz. Não tem nada a ver com a melhora moral, mas sim com posição (reputação) judicial. Significa absolvição, defesa, aceitação, diante de um tribunal. O Concílio de Trento (1547) dá a definição da Igreja Católica Romana ao termo: “não é a simples remissão de pecados, mas também a santificação e renovação do homem interior”. Porém tal definição confunde a justificação com a regeneração e a santificação, que são outros aspectos da salvação.

Pegue a palavra no seu uso diário, e tornará óbvio que não tem nada a ver com a melhora do caráter nem com a mudança moral. Justificar a opinião de alguém não significa mudá-lo nem corrigi-lo, mas sim defendê-lo. Justificar um curso de conduta não significa mudar de conduta, mas sim a defesa do que se faz. Justificar um amigo não implica em qualquer mudança no amigo, mas na defesa dele perante qualquer tribunal, ou mesmo, diante da opinião pública.

Veja o que a Escritura diz claramente: “Quando houver contenda entre alguns, e vierem a juízo, para que os julguem, ao justo justificarão, e ao injusto condenarão”. (Deuteronômio 25:1). Fica bem claro que não há nenhuma implicação de melhora moral. Os juízes não existem para fazer ninguém melhor, mas para declarar o que é certo aos olhos da lei. Uma corte ou juiz humanos só podem manter a justiça ao justificar o inocente, mas Deus mantém a justiça e magnífica a graça ao justificar o pecador. (Romanos 4:5). Não existe ninguém inocente para Deus justificar, pois todos pecaram. A pergunta a seguir diz respeito ao autor da salvação.

O AUTOR DA JUSTIFICAÇÃO OU QUEM É O JUSTIFICADOR

Esta pergunta é respondida de modo explícito em Romanos 8:33: “Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica”. Não existe salvação através da auto-salvação. Em Lucas 10:29 lemos sobre um certo doutor da lei que estava disposto a justificar a si mesmo, mas não foi salvo desse modo. Paulo disse, que mesmo não tendo nada contra si, não poderia ser justificado, pois é o Senhor quem julga (I Coríntios 4:4). Havia fariseus que se justificavam diante dos homens, mas isto não significava salvação. Para ser justificado diante de Deus é preciso que se seja justificado por Deus. Talvez alguém tenha uma ficha limpa moralmente perante amigos e vizinhos, mas para ser salvo é preciso que seja declarado justo por Deus. É o próprio Deus quem deve pronunciar a absolvição, senão continuamos condenados diante de Sua lei justa. A consciência de alguém talvez não o condene, mas a questão da culpa e do castigo não é por conta da consciência. A consciência de ninguém o destina ao inferno. Não é a consciência humana, mas o Deus santo, que primeiro deve ser satisfeito, antes de haver a justificação. Isto leva a outra pergunta:

A FONTE DA JUSTIFICAÇÃO OU O QUE FAZ DEUS JUSTIFICAR O PECADOR

A grande resposta a esta pergunta se encontra em Romanos 3:24: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus”. O advérbio “gratuitamente” significa “sem nenhuma causa ou razão no pecador”. É a mesma palavra usada em João 15:25, onde Cristo diz: “Odiaram-me sem causa”.

Não havia nada em Cristo que merecesse o ódio dos homens e não há nada em pecador nenhum que seja a causa de Deus justificá-lo; a causa é o próprio Deus. Não é o bem no pecador, mas a graça em Deus que O faz justificar. Em Romanos 11:6, o apóstolo diz: “Mas se é por graça, já não é pelas obras”. Misturar qualquer mérito humano com a graça divina é destruir a graça. Ou é tudo pela graça ou não é nada pela graça. Não existe conjunção que una nada à graça como fonte ou causa da justificação. Mesmo assim, os homens se atrevem a misturar algo do homem com a graça de Deus, como a causa que leva à justificação. Isto é dividir a honra e o louvor da salvação entre o pecador e o Salvador; entre o homem e Deus. Os homens podem fazer isto aqui na terra, mas no céu, toda a honra e louvor são atribuídos somente a Deus. Isto nos faz pensar em outra questão:

A BASE JUSTA OU A BASE MERITÓRIA DA JUSTIFICAÇÃO

Baseado em que Deus pode justificar o pecador e ainda continuar justo? A base é o sangue da expiação. “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus”. (Romanos 3:24). “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas; segundo as riquezas da sua graça”. (Efésios 1:7). “Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”. (Romanos 5:9). “Senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (I Coríntios 2:2) é a única base justa para a justificação de qualquer pecador. Não existe “E” em lugar nenhum da Bíblia, ligando qualquer coisa a Seu sangue como base justa da justificação.

O único meio pelo qual Deus pode justificar um pecador, sem cometer um erro, é colocando os pecados do pecador sobre Cristo e creditando a obediência de Cristo na conta do pecador. Chama-se a isto justiça imputada, ou justiça de Deus. É a justiça feita por Cristo na cruz, quando foi obediente até à morte. Deus justifica o pecador arrependido com base na obediência de seu Fiador e Substituto, Jesus Cristo. A obediência é sempre necessária à justiça. E como o pecador não possui nenhum registro de obediência, é portanto injusto, em seu próprio registro. Para o pecador se tornar justo diante de Deus, tem que ser através da obediência de Cristo. Esta obediência é creditada (imputada) à conta do pecador, pois Jesus Cristo foi feito, para nós “por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. (I Coríntios 1:30).

Não nos esqueçamos que o Senhor Jesus veio a este mundo como uma pessoa pública ou representante. Antes de Se tornar homem, Ele era Deus e, como Deus, não tinha nenhuma obrigação pessoal perante a lei, a não ser fazer cumpri-la, como legislador. Ele, o qual deu a lei, foi colocado sob a lei, com o propósito de redimir aos que estavam sob a lei, a fim de que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus (Gálatas 4:5). Não possuindo nenhuma obrigação pessoal, Cristo pôde assumir as obrigações de um fiador. Fiador é aquele que assume todas as responsabilidades legais do devedor – daquele que fez a dívida. Como Fiador para com Seu povo, era obrigação de Cristo morrer. Ele próprio disse que tinha que morrer. Após Sua morte e ressurreição, Ele se juntou aos dois que iam a Emaús e lhes disse: “Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:26). Foi pela graça que Jesus tomou sobre Si os compromissos da fiança, mas ao fazê-lo, ficou preso ao dever de morrer pelos pecadores. Mesmo assim, ainda temos perguntas em relação à justificação. Vamos considerar a seguir:

O MEIO PARA A JUSTIFICAÇÃO OU

O QUE O PECADOR DEVE FAZER PARA SER JUSTIFICADO

O pecador é justificado pela fé e apenas pela fé. “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”. (Romanos 3:28). “tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus”. (Romanos 5:1). “Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça”. (Romanos 4:16). Acrescentar algo à fé, por parte do pecador, é acrescentar algo à graça, por parte de Deus. E, como a fé olha para Cristo para a salvação, acrescentar algo à fé, seria o mesmo que acrescentar algo a Cristo. Que tal pensamento pereça! Somente Ele é digno de toda a glória!

A fé salvadora é muito mais que uma aceitação mental à verdade do evangelho, ou ao recebimento de fatos do Evangelho. Confiar, ou depender de Cristo para a salvação, é o elemento necessário na fé salvadora. Creio em Dom Pedro I, isto é; minha mente reconhece certos fatos sobre ele, mas nunca me ocorreu confiar nele para minha salvação. Podíamos dar a este tipo de crença o termo de fé histórica – o tipo de fé que quase todo mundo tem em Deus e em Jesus Cristo. Mas um elemento chave na fé que salva é a dependência ou confiança em Cristo.

Não sou meu! Por Cristo salvo, que por mim morreu na cruz,
Eu confesso alegremente que pertença ao bom Jesus.
Não sou meu, Oh! Não sou meu! Bom Jesus, sou todo Teu!
Hoje mesmo e para sempre, bom Jesus, sou todo teu!

Não sou meu, por Cristo salvo! Pois, seu sangue derramou
E da pena do pecado a minha alma resgatou.
Não sou meu, Oh! Não sou meu! Bom Jesus, sou todo Teu!
Hoje mesmo e para sempre, bom Jesus, sou todo teu!

Não sou meu! A Ti confio tudo quanto chamo meu;
Tudo em tuas mãos entrego, pois, Senhor, sou todo seu.
Não sou meu, Oh! Não sou meu! Bom Jesus, sou todo Teu!
Hoje mesmo e para sempre, bom Jesus, sou todo teu!

Não sou meu! Oh! Santifica tudo quanto sou, Senhor;
Da vaidade e da soberba livra-me, meu Salvador!
Não sou meu, Oh! Não sou meu! Bom Jesus, sou todo Teu!
Hoje mesmo e para sempre, bom Jesus, sou todo teu!

RECONHECIMENTO, Cantor Cristão - 307

A virtude da fé se encontra no valor do seu objeto. Jesus Cristo, através de Sua morte e ressurreição, é o único objeto da fé que salva. Fé, por mais forte que seja, em qualquer outro objeto, não pode justificar. Isto torna a fé algo tão diferente quanto possível do mérito. Richard Hooker diz: “Deus justifica o homem que crê, não pelo valor de sua crença (fé), mas pelo valor dAquele (Jesus Cristo) em quem crê”. Receber comida das mãos de um benfeitor, não torna o mendigo digno dela. Um pecador não se torna digno da salvação ao recebê-la como um presente de Jesus Cristo. Ao contrário, implica em que ele não é digno. O pecador é acusado de modo justo, mas é gratuitamente perdoado. Não é nossa fé, como mérito, que vale para a justiça, mas Cristo, o objeto da fé. O próprio Senhor Jesus é nossa justiça. Não somos salvos por causa da nossa fé; somos salvos por causa dEle. Não devemos confiar em nossa fé e sim nEle. E para encerrar, só mais uma pergunta:

A EVIDÊNCIA DA JUSTIFICAÇÃO OU O QUE ALGUÉM FAZ PARA PROVAR SUA FÉ

A evidência da nossa justificação são as obras e só elas. Isto inclui o batismo como obra de justiça. Aquele que diz ser salvo mas se recusa a ser batizado, depois de lhe ensinarem o significado do batismo, tem algo contra ele, a meu ver. Somos salvos somente pela fé, mas não por uma fé solitária, pois fé sem obras é morta. Aquele que possui a fé que salva, recebeu também uma inclinação santa no novo nascimento, uma inclinação ou natureza que procura agradar a Deus. A primeira pergunta de Saulo, após sua conversão foi: “Senhor, que queres que eu faça”? (Atos 9:6). A fé salvadora age pelo amor. No novo nascimento há um aspecto triplo da graça que passa a existir: a fé, a esperança e o amor. Estes três são inseparáveis.

Não há diferença real entre Paulo e Tiago no assunto da justificação. Eles se complementam; não se contradizem. Tratam com classes diferentes ao falarem sobre a justificação. Paulo escreve sobre a justificação de um pecador. Tiago escreve sobre a justificação de um crente. Os dois ilustram o ensino usando a mesma pessoa, Abraão. Paulo usa Abraão como pecador e escreve sobre a justificação no sentido da salvação. Tiago usa Abraão, após ser salvo por muitos anos, e mostra que ele foi justificado pelas obras ao oferecer Isaque. Paulo escreve sobre Deus recebendo um pecador. Tiago, sobre Deus aprovando um crente. Paulo fala sobre a justificação das pessoas. Tiago, sobre a justificação da profissão de fé, que é justificada pelas obras. Tiago desafia a fé do homem que diz que a possui, mas não tem obras. A fé sobre a qual este homem fala, pode salvá-lo? Cada salvo é justificado tanto pela fé como pelas obras. Como pecador hostil, ele é justificado pela fé no sangue de Cristo. Como crente professo, é justificado, vez após vez, por suas obras. Não existe modo de mostrar nossa fé, a não ser por nossas obras. O salvo é aquele que depende unicamente de Cristo para a sua salvação e que, por amor, busca diariamente agradá-lo. O salvo é pobre de espírito; sente tristeza por causa dos seus pecados; sente fome e sede de justiça e anseia ser perfeitamente incólume. O salvo antecipa a perfeição, mas não a reivindica. Que tanto o autor quanto o leitor possam dizer como Paulo: “Eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia”. II Timóteo 1:12.

CAPÍTULO 7 - ADOÇÃO

Não existem palavras supérfluas nas Escrituras. Cada termo bíblico tem seu significado distinto e não deve ser confundido com nenhum outro termo. As palavras regeneração, justificação e adoção, embora intimamente relacionadas, expressam idéias e aspectos distintos da salvação.

Há somente cinco usos da palavra “adoção” no Novo Testamento. O termo é usado unicamente por Paulo em Romanos, Gálatas e Efésios. Nestas cinco referências parece haver três aplicações diferentes para o termo. Em Romanos 9:4 a aplicação é para Israel, como nação. Neste caso a adoção não significa salvação pois, no contexto, Paulo ora pela salvação de Israel. A nação fora adotada, mas a maioria do povo desta nação não fora regenerada nem justificada. Através da adoção Israel fora separado das outras nações e levado a ter um relacionamento de filho com Deus. “Então dirás a Faraó: Assim diz o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito”. Êxodo 4:22. Veja também Deuteronômio 14:1, 32:6, Jeremias 31:9, Oséias 11:1.

Havia eleitos na nação eleita. Quando Elias queixou-se, dizendo que ficara sozinho e em perigo, Deus o corrigiu, dizendo: “Mas que lhe diz a resposta divina? “Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos a Baal”. Romanos 11:4. E Paulo acrescenta: “Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça”. Romanos 11:5.

Em Romanos 9:8, Paulo diz que os filhos da carne não são filhos de Deus. Isto significa que não se é filho de Deus só por descender de Abraão. Mateus 8:12 diz que “os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes”. Mateus 21:43 nos diz que o reino de Deus será tirado do reino de Israel e dado a uma nação que dê os seus frutos. Esta nação é identificada em I Pedro como nação santa, o que significa que é espiritual, diferente dos descendentes carnis de Abraão.

Em Romanos 8:23 a palavra adoção é usada em referência ao corpo e é chamada a redenção do corpo, o qual ainda não foi adotado. Quando o corpo do crente é redimido ou adotado, o povo de Deus então será publicamente manifestado como filhos de Deus. Romanos 8:19.

Nas outras três referências, a aplicação parece ser para o crente, sem qualquer distinção entre alma e corpo. Elas se referem à adoção de pessoas. Vemos em Efésios 1:5 que fomos predestinados para a adoção de filhos, o que significa que a adoção foi de acordo com o eterno propósito do amor de Deus. Na eternidade passada, Deus determinou nos adotar como filhos. A adoção se baseia na redenção, através “do sangue expiatório”. Em Romanos 8:15, vemos o crente recebendo o espírito de adoção pelo qual, instintivamente, clama: “Aba, Pai”. O apóstolo usa a forma dupla para Pai. “Aba”, a língua materna (aramaico) e “Pater” (grego). “Aba” é usado para denotar o espírito filial de quem foi adotado. Ao usar esta palavra, Paulo faz alusão à lei entre os judeus que proíbe um servo de chamar o dono da casa de Aba (pai).

O costume da adoção era comum entre os romanos, gregos e outros povos antigos, mas não entre os judeus. Há três casos de adoção mencionados no Velho Testamento: o de Moisés (Êxodo 2:10), o de Gubate (I Reis 11:20) e o de Ester (Ester 2:7, 15), mas os três aconteceram fora da Palestina, no Egito e na Pérsia, onde a prática era comum. No Novo Testamento, a idéia só ocorre nas epístolas de Paulo às igrejas além dos limites da Palestina. Como cidadão romano, e homem de viagens, o apóstolo conhecia bem o costume dos romanos e dos outros povos. Assim, usou a idéia e a aplicou ao ato de Deus e à experiência cristã.

Pode-se definir adoção como o aspecto da salvação no qual Deus, através de um processo legal, faz de seu filho, alguém que, por natureza, não o é. A adoção em si, não é nada mais que o ato legal de um tribunal, mas quando Deus adota um filho, Ele dá a esse filho uma experiência subjetiva, um espírito filial, o sentimento de filho, que clama: Pai! É aqui que a adoção e o novo nascimento se unem. O novo nascimento expressa a origem e a qualidade da vida espiritual, ao passo que a adoção expressa um relacionamento legal entre o crente e Deus. Vamos examinar a adoção no seu relacionamento às doutrinas da justificação, regeneração e ressurreição. As três são bênçãos distintas e separadas, que fazem parte de todos quantos creram para a salvação da alma. Vamos examinar primeiro:

A JUSTIFICAÇÃO E A ADOÇÃO

Os dois termos são judiciais. São termos usados no tribunal. A justificação expressa o ato legal pelo qual a culpa do pecado é removida e o crente é considerado justo diante de Deus. A adoção expressa o ato legal pelo qual alguém,

fora da família de Deus, se torna parte da família, no papel de filho. A adoção expressa um relacionamento que nem mesmo estava incluído na justificação. Quando um tribunal justifica uma pessoa, esta pessoa não se torna filho do juiz, por causa de tal ato. A fim de fazer o acusado de seu filho, o juiz teria que ir além de simplesmente defendê-lo e deixá-lo livre. A justificação livra da condenação; a adoção faz de alguém um filho, perante a lei. A justificação é o ato de um juiz misericordioso que liberta o prisioneiro. A adoção é o ato de um pai generoso, que toma um filho ao seio, doando-lhe a liberdade e também uma herança. Vamos examinar a seguir:

REGENERAÇÃO E ADOÇÃO

Tanto a regeneração quanto a adoção expressam um relacionamento, mas não são idênticas. A regeneração é o termo biológico que envolve uma mudança de natureza. A adoção é um termo legal e denota mudança de posição. A regeneração fala de um relacionamento através do **nascimento**. A adoção fala de um relacionamento através da **lei**. A regeneração confere a **natureza** de filhos. A adoção confere o **nome** de filhos. A regeneração torna a pessoa **adequada** (digna) à herança. A adoção dá um **título** à herança. O crente se torna parte da família de Deus através de um processo duplo: nascimento e adoção. Na regeneração, o Espírito Santo nos vivifica e como o Espírito de adoção, Ele nos capacita a orar e a clamar: Aba, Pai. Na regeneração, o Espírito Santo nos torna filhos de Deus; como o Espírito de adoção, Ele nos dá o clamor de filho, que é evidência de vida. Toda a oração verdadeira, adoração aceitável e vida santa vem do Espírito Santo; a carne para nada aproveita. Vamos pensar agora sobre:

RESSURREIÇÃO E ADOÇÃO

O corpo é redimido na ressurreição, porém a ressurreição e a adoção não são a mesma coisa. A adoção, quando aplicada ao corpo, envolve um certo tipo de ressurreição – a do corpo redimido. A ressurreição expressa simplesmente o pensamento que o corpo será levantado dentre os mortos, ao passo que a adoção fala da natureza do corpo ressurreto: um corpo redimido e glorificado – feito à semelhança do corpo glorioso de Cristo. O corpo do perdido ressuscitará também (Atos 24:15), mas não será adotado; não será um corpo glorificado.

Na adoção legal, a pessoa que vai adotar geralmente dá atenção às qualidades verdadeiras ou supostas da criança, as quais parecem boas ou agradáveis. Na adoção espiritual ou bíblica na família de Deus é toda ela pela graça, através dos méritos de Cristo. Na adoção legal o pai adotivo dá seus bens e o nome ao filho adotado, mas não pode dar a ele sua própria natureza. Na adoção espiritual, Deus faz daqueles a quem adota, não somente participantes do Seu nome e das Suas bênçãos, mas também dá a eles Sua natureza, transformando-os em Sua própria e bendita semelhança em Cristo, à imagem do qual são conformados no final.

Entre os romanos havia uma adoção dupla também: uma particular e outra pública. Quem ia adotar fazia a criança sua, através do processo da lei, mas numa adoção particular. Depois esta adoção se tornava pública. Os crentes são adotados como filhos de Deus agora, mas não serão publicamente manifestos, até que o Senhor venha buscá-los e então serão manifestados na glória.

Como este sermão não tem o mesmo comprimento dos outros, continuaremos agora a fazer algumas observações gerais. As doutrinas que publicamos parecerão aos secularistas como não sendo práticas e sim inúteis,

devido à situação difícil atual no mundo inteiro, quando o coração dos homens se desvance pelo medo das coisas que estão acontecendo na terra. Devemos nos lembrar da deterioração nos relacionamentos humanos, que envolve tanto nações quanto indivíduos. Ouvimos que a raça humana está para se auto-destruir numa guerra nuclear e que doutrinas tais como as que pregamos não possuem valor prático para impedir esta ameaça de holocausto. Basta-nos replicar a estes lembretes e objeções, que nossos sermões tratam do relacionamento da pessoa com Deus e envolve uma guerra eterna. A ordem presente das coisas, por pior que seja, chegará a um fim e a ordem eterna será estabelecida para todos os homens, quer em tormento terrível, quer em glória e felicidade inefáveis.

O relacionamento de uma pessoa com Deus é de máxima importância, por causa da lei de Deus que foi violada, tornando-se a única fonte de perigo eterno e verdadeiro. A salvação é o livramento do pecado, e o pecado é indizivelmente perigoso, pois é contra Deus. Relacionar-se do modo certo com Deus, através de Jesus Cristo, significa vida eterna. Ser livre da maldição da lei de Deus significa segurança eterna. Ser filho de Deus é ser herdeiro de Deus, com a promessa de um lar na casa do Pai. A morte física vai acontecer a todos, enquanto o Senhor não voltar. As armas humanas de destruição, apenas matam o corpo, ao passo que Deus, o Juiz de toda a terra, pode destruir a alma e o corpo no inferno.

Ter um relacionamento certo com Deus é se relacionar de modo certo a tudo e a todos. Ter um relacionamento certo com Deus coloca tudo o mais na perspectiva adequada. Ter um relacionamento certo com Deus é garantia de glória no fim. Nada pode realmente atingir aquele a quem Deus abençoa!

Fonte Tu de toda a bênção, vem o canto me inspirar;
Dons de Deus, que nunca cessam, quero em alto som louvar.
Oh! Ensina o novo canto dos remidos lá dos céus
Ao teu servo e ao povo santo pra louvamos-Te, bom Deus!

Cá meu Ebenézer ergo, pois Jesus me socorreu;
E, por sua graça, espero transportar-me para o céu.
Eu, perdido, procurou-me, longe do meu Deus, sem luz;
Maculado e vil, lavou-me, com seu sangue, o bom Jesus.

Devedor à tua graça, cada dia e hora sou;
Teu desvelo sempre faça com que eu ame a Ti, Senhor.
Eis minha alma vacilante, toma-a, prende-a com amor,
Para que ela, a todo instante, glorifique a Ti, Senhor.

EBENÉZER, Cantor Cristão - 132

CAPÍTULO 8 - SANTIFICAÇÃO

Se qualquer defesa for necessária para escrever sobre os assuntos que estamos tratando nesta presente série de artigos, é bastante dizer que tratam do relacionamento do homem com Deus. O homem secular vai logo reclamar que tais artigos não são práticos nem úteis, visto que não tratam diretamente sobre política, economia e outras ciências sociais. Talvez se argumente que não estejamos contribuindo em nada na resolução dos problemas que chocam os políticos do mundo inteiro. Os relacionamentos humanos, quer no nível individual ou coletivo, são aceitos, em geral, como sendo muito importantes e não ignoramos nem negamos tal fato. As grandes indústrias possuem suas agências de relações públicas. Os governos possuem agências que tratam sobre relações estrangeiras e

nacionais. E, como cada homem tem que tratar com Deus, o Criador e Legislador, é de suma importância que tenha um relacionamento certo com Ele. Ignorar ou negar isto é agir de modo fatal. Cada homem tem que sofrer uma mudança de atitude em relação a Deus, do contrário sofrerá conseqüências eternas e fatais.

A apresentação correta de qualquer doutrina bíblica se encontra, em grande parte, na definição correta de seus termos. Muitos dos falsos ensinos, tão rampantes hoje em dia, começaram com definições incorretas de palavras da Bíblia. Isto é particularmente verdade em relação à doutrina da santificação. Se aceitarmos a definição da palavra dada pelas igrejas pentecostais e renovadas, então teremos que aceitar o que ensinam sobre o assunto.

A fim de achar o significado verdadeiro das palavras bíblicas, devemos nos lembrar que os dicionários humanos não determinam, porém simplesmente registram o significado das palavras de acordo com o uso atual. Isto explica porque o dicionário Aurélio e outros definem batismo como a ato de imergir, derramamento e aspersão. Estes homens não professam ser teólogos, e a definição deles simplesmente reflete as opiniões de teólogos reconhecidos, cujas opiniões diferem entre si. Já se observou que algumas denominações mergulham ou imergem e chamam este ato, batismo; ao passo outras igrejas jogam (derramar) ou salpicam (aspersão) água sobre a cabeça e chamam este ato de batismo também. Assim, define-se batismo como qualquer um destes atos. As doutrinas bíblicas não podem ser estabelecidas através de dicionários humanos. Temos que tirar as definições das palavras bíblicas da própria Bíblia. Devemos observar:

ALGUMAS OPINIÕES ERRÔNEAS E INADEQUADAS SOBRE A SANTIFICAÇÃO

1. A opinião que a santificação é simplesmente uma obra progressiva da graça na alma. Esta é apenas uma explicação parcial da doutrina. Ela cobre somente um aspecto da doutrina. Ela ignora o lado objetivo da santificação e a torna unicamente uma experiência subjetiva na qual o crente cresce em graça. A santificação é objetiva e também subjetiva, posicional e também experimental.
2. A opinião que a santificação é uma bênção, apenas para alguns crentes – a marca de um crente maduro. Esta opinião faz uma distinção entre o crente comum e os que são mais consagrados e tementes a Deus. Porém, o fato é, que cada pessoa nascida de novo é um santo. Todos os salvos são santificados. A santificação, como também a justificação, é pela fé no Senhor Jesus Cristo (Atos 26:18). Paulo escreveu aos crentes carnais em Corinto, chamando-os santos, isto é; pessoas santificadas.
3. A idéia de que a santificação é uma segunda obra da graça, na qual o pecado é erradicado da alma. Isto torna a santificação subsequente à justificação, bênção que talvez se perca, a menos que a segunda bênção da santificação seja recebida. Isto iria contra a Bíblia que diz que os justificados já estão (no propósito de Deus) glorificados (Romanos 8:30).
4. A opinião católica romana que ninguém é santificado até após a morte quando a igreja, através de uma cerimônia dolorosa e cheia de tédio, canoniza a pessoa, baseando-se no mérito pessoal dela. De acordo com esta opinião não existem santos vivos. Como resposta, é suficiente dizer que Paulo escreveu a pessoas vivas, referindo-se a elas como santos.

O QUE A BÍBLIA ENSINA

Vamos deixar claro que as palavras santo, santuário, santidade e santificação vêm da mesma palavra primitiva que significa “separar” ou “fazer passar sobre”. Quando comparamos Êxodo 13:2 com Êxodo 13:12 podemos obter o significado bíblico da palavra santificar. Em Êxodo 13:2 Deus diz: “Santifica-me todo o primogênito, o que abrir toda a madre entre os filhos de Israel, de homens e de animais; porque meu é”. No versículo 12, a ordem é repetida, porém, ao invés da palavra santificar, usam-se as palavras: “Separarás para o SENHOR tudo o que abrir a madre e todo o primogênito dos animais que tiveres; os machos serão do SENHOR”. O significado é separar de e para, ou “fazer passar sobre”. O primogênito israelita era separado dos outros filhos em casa e considerado como propriedade peculiar do Senhor, tendo como base que o anjo da morte passara por sobre a casa, poupando-o do destino dos primogênitos egípcios.

Não há elemento moral nenhum implícito na palavra santificação e assim é usada tanto para pessoas quanto para coisas. Vemos que os vasos, animais e um monte (coisas sem valor moral) são chamados santificados. Simplesmente eram separados do uso de alguém para serem usados em outra coisa. Isaías fala dos ídólatras como se eles se auto-santificassem, o que significa que eles mesmos se separaram da verdadeira congregação de Israel, a fim de se ocuparem numa adoração ídólatra. (Isaías 66:17).

A palavra santificação também não implica nenhuma mudança interna na pessoa ou coisa santificada. O Monte Sinai foi santificado (Êxodo 19:23), mas não houve nele nenhuma mudança interna; o solo e os minerais continuaram iguais a antes. Jeremias foi santificado antes de nascer, o que exclui a idéia da qualquer mudança interna. Nosso Senhor foi santificado (João 10:36, 17:19) e isto elimina a idéia da erradicação de uma natureza pecaminosa na santificação, pois sempre foi sem pecado (imaculado).

SANTIFICAÇÃO DE PESSOAS

A santificação de pessoas envolve a questão da moral, porque os homens são seres morais. Há um aspecto da santificação o qual, ao se completar, será a erradicação da natureza pecaminosa e consistirá de santidade pessoal. Os vários aspectos da santificação não devem ser confundidos, mas claramente distinguidos. A Bíblia fala da santificação pelo sangue de Cristo, pelo Espírito Santo, pela Palavra de Deus e pelo Pai.

SANTIFICAÇÃO PELO SANGUE

Em Hebreus 10:10 lemos que nossa santificação é pela vontade de Deus, através da oferta do corpo de Cristo, de uma vez por todas. A mesma verdade nos é apresentada em Hebreus 13:12: “E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu sangue, padeceu fora da porta”. Notamos três coisas sobre este aspecto da santificação.

1. **É posicional ou objetiva.** As referências bíblicas acima expressam o que o crente é diante de Deus pela virtude do sangue de Cristo. É a santidade imputada, pois Cristo “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e

santificação, e redenção” (I Coríntios 1:30). Assim, é bíblico se falar da justiça imputada.

2. **É eterna.** “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados” (Hebreus 10:14). Em Cristo, o crente é santo para sempre. Em Cristo, ele é eternamente perfeito.
3. **É absoluta.** Em Cristo, somos absolutamente santos. Tão santos quanto Ele o é. Este aspecto da santificação não é gradual nem relativo, porém absoluto e eterno. Se Cristo é nossa santidade, então somos tão santos quanto Ele é. Quão precioso isto torna o sangue de Cristo ao crente!

A SANTIFICAÇÃO PELO ESPÍRITO SANTO

É interna e experimental, na qual o crente é separado do mundo para Deus. Paulo agradece a Deus pelos tessalonicenses “por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do espírito, e fé da verdade” (I Tessalonicenses 2:13). Pedro escreveu aos que são “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do espírito, para a obediência e aspersion do sangue do sangue de Jesus Cristo” (I Pedro 1:2).

A salvação, no sentido da conversão, é obra do Espírito Santo. É a obra inicial da graça e não uma segunda bênção. Será seguida de bênção após bênção. Paulo expressa a confiança de que “aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1:6). O Espírito Santo convence do pecado e leva a pessoa à fé em Cristo. E Ele mantém na fé aqueles que gerou para a fé. Não existem projetos abandonados na obra da graça de Deus.

A SANTIFICAÇÃO PELA PALAVRA

É uma santificação prática e pessoal e tem a ver com nosso andar diário. Ao orar pelos discípulos, o Senhor Jesus disse: “Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17). A Palavra de Deus tem uma influência separadora na vida do crente. Se a Palavra tiver muito espaço em nossa vida, o pecado terá, proporcionalmente, um espaço menor. E um desejo crescente pela Palavra significa um desejo decrescente pelo mundo. O pecado nos afastará da Palavra ou a Palavra nos afastará do pecado. Certa senhora elogiava uma amiga por causa do seu conhecimento da Bíblia: “Daria o mundo para saber tudo quanto você sabe das Escrituras”. A amiga replicou: “Bem, foi este exatamente o preço que me custou”.

A santificação pela Palavra também é progressiva. Crescemos na santidade pessoal ao nos alimentar da Palavra: “Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo” (I Pedro 2:2). Quando examinamos o pouco tempo em que o crente, em geral, alimenta sua alma na Palavra de Deus, não nos surpreendemos ao vê-los como “anões” espirituais; crentes que nunca alcançaram a maturidade! A santificação é uma obra divina e uma obrigação humana. O crente não tem força própria para viver de modo santo, e pensar que tem é altamente presunçoso e revela um espírito de justiça própria. Por outro lado, negar a obrigação de um viver santo é justificar um viver pecaminoso.

Há uma analogia íntima entre uma boa saúde física e boa saúde espiritual, ou entre uma saúde boa num homem considerado como ser físico e como ser moral. Há três coisas essenciais em cada caso.

1. **É preciso haver comida saudável.** A saúde física pode ser prejudicada pelo que se come. Temos leis que regem os alimentos saudáveis, para nossa proteção. Mas, apesar disto, muita gente faz do estômago uma lata de lixo ao se alimentar de modo errado. Precisamos saber como nos alimentar e do que nos alimentar. Muitos teriam mais saúde se mastigassem os alimentos. Eles apenas os engolem. Não usam os dentes, mas tentam fazer o estômago agir como se fossem os dentes. Do mesmo modo, deve haver alimento saudável para a alma, se o crente quiser ter uma boa saúde espiritual. O alimento do crente é o que ele coloca na mente; é o que ele lê, e ouve e olha. Há muito alimento mental servido aos crentes que prejudica sua saúde espiritual. O crente tem que evitar a literatura suja, sem valor e lasciva, despejada constantemente pela imprensa, numa abundância chocante, do mesmo modo como deve evitar veneno para o corpo. O alimento adequado para o crente é a Bíblia e livros e revistas que seguem o ela ensina.
2. **Outro fator essencial para se ter uma boa saúde é o exercício adequado.** O melhor exercício é aquele que usa todos os membros do corpo. Cada membro tem seus próprios músculos, os quais devem ser usados, de outro modo, se tornarão fracos e flácidos. Coloque o braço numa tipóia e o deixe lá mês após mês, sem nunca exercitá-lo, sem nunca usá-lo, e após algum tempo ele se tornará inútil. Mande colocar gesso numa perna e o deixe lá uns seis meses e verá que nem poderá movê-la, muito menos andar. O exercício espiritual é tão essencial para a saúde da alma quanto o exercício físico é para o corpo. Os músculos espirituais também podem se tornar fracos e flácidos. A força que recebemos do maná espiritual deve ser usada. Devemos exercitar nossos dons espirituais fazendo o bem. Fomos criados em Jesus Cristo, com o propósito de fazermos boas obras. (Efésios 2:10) É preciso testemunhar ao perdido, visitar o enfermo, confortar o aflito. Falar de Cristo aos outros O fará mais precioso ao nosso coração. Testemunhar aos outros sobre Cristo é o melhor tônico para um sentimento de cansaço espiritual. Podemos erguer a nós mesmos e sairmos da depressão ao erguermos os outros. Salvamos nossa vida, perdendo-a por amor de Cristo, ao servir aos outros.
3. **Um terceiro fator essencial à boa saúde é o tipo certo de atmosfera.** Precisamos de oxigênio para respirar. Há pessoas que não gozam saúde se morarem em lugares baixos, onde o ar é muito úmido e pesado. Também há pessoas que não gozam de saúde se morarem em lugares altos, onde o ar é muito leve, não há bastante oxigênio. O clima e a atmosfera devem ser levados em consideração, no que diz em respeito à saúde física. Também temos que respirar a atmosfera correta, se quisermos gozar de boa saúde espiritual. Temos que ter o ambiente adequado. Isto tem a ver com as pessoas com quem nos associamos. Não devemos ter nenhuma comunhão com “as obras infrutíferas das trevas” (Efésios 5:11). “As más conversações corrompem os bons costumes” (I Coríntios 15:33). “Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios” (Salmo 1:1), isto é; que não segue os conselhos daqueles que odeiam a Deus. Ele “não se detém no caminho dos pecadores” (Salmo 1:1), o que significa que não é cúmplice do que fazem. Nem também “se assenta na roda dos escarnecedores” (Salmo 1:1), isto é; o homem bem-aventurado não se mistura com aqueles que zombam das coisas santas.

O crente está no mundo, mas não é do mundo. Ele não deve evitar o contato físico com o mundo, mas não deve ter comunhão moral.

A santificação pessoal completa, no sentido de perfeição impecável, é um objetivo a ser alcançado e não uma realidade a ser vangloriada. A regeneração pode ser chamada de crise da doença do pecado. A santificação é o progresso da convalescença. Viver na verdade da doutrina gloriosa da santificação manterá o crente humilde, feliz, esperançoso e útil em sua jornada até a glória. “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (I Tessalonicenses 5:23-24).

CAPÍTULO 9 - ARREPENDIMENTO PARA A VIDA

É opinião do escritor que o povo na época de Cristo e dos apóstolos entendia melhor o significado desta palavra do que as pessoas hoje em dia. A primeira mensagem de João o Batista foi sobre o arrependimento, embora ele não defina o termo: “E, naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia, e dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino de Deus dos céus” (Mateus 3:1-2). Nosso Senhor Jesus Cristo começou Seu ministério ao dizer: “Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Marcos 1:15). Quando Cristo e os seus apóstolos pregaram o arrependimento, o significado da palavra estava fixado na mente do povo, de modo que não era necessária a sua definição. Mas o mesmo não é verdade hoje em dia. Há tanta confusão sobre a doutrina; tanto conflito de idéias; a palavra é usada com uma variedade de significado tão grande, que o pregador sofre, a fim de saber e ensinar o que arrependimento significa verdadeiramente. Se a pessoa não sabe o que é arrependimento, também não pode saber se já se arrependeu ou não. O autor acredita que muitos salvos estão confusos quanto ao assunto e ansiosamente se perguntam: Será que me arrependi? Creio que o crente normalmente tem uma melhor opinião em relação à fé salvadora do que em relação ao “Arrependimento para a Vida”. Contudo, se a pessoa tem certeza de sua fé em Cristo, também pode ter certeza de que já se arrependeu.

Arrependimento e fé são mutuamente abrangentes, como os dois lados de uma moeda. São graças inseparáveis; não se pode ter uma sem a outra. As duas doutrinas vão juntas de modo que entender uma vai ajudar a entender a outra. O Novo Testamento, às vezes, usa os dois termos a fim de expressar a experiência da salvação, ao passo que em outras vezes somente um ou o outro termo é usado. Quando lemos que o arrependimento é para a vida, a fé salvadora é implícita, e quando lemos que o crente tem vida eterna, o arrependimento é implícito. Embora inseparáveis, o arrependimento e a fé são também graças distintas, das quais a alma do homem participa. Paulo testificou: “A conversão (a mesma palavra traduzida como arrependimento) a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (Atos 20:21).

DEFINIÇÃO E AMPLIAÇÃO

Etimologicamente, arrependimento significa mudar de idéia (mente). Esta palavra vem do grego: **metanoeo**. O substantivo grego **nous** significa mente. O verbo grego **noeo** diz o que a mente faz: ela pensa ou considera. Assim, a preposição grega **meta**, ao ser ligada a **noeo** expressa a idéia de mudança. Então **metanoeo** (arrependimento) significa considerar o passado, lembrar e mudar de

idéia (mente). É a reflexão tardia que se opõe à premeditação. No arrependimento, o pecador tem em mente seus feitos passados diante de Deus.

Se alguém acha que é minimizar uma grande verdade definir-se arrependimento como uma simples mudança de idéia, é bastante dizer que na Bíblia a mente inclui o que chamamos coração. A mente inclui os sentimentos tanto quanto o intelecto. Lembre ainda que o arrependimento bíblico é uma mudança de mente quanto ao pecado e em relação a Deus. A mente carnal é inimizada contra Deus. Sendo assim mudar a mente de inimizada por amor a Deus não é uma mudança qualquer ou pequena.

É tão difícil quanto ressuscitar um morto ou criar um mundo. Talvez alguém pergunte: Como um pecador pode se arrepender, já que um rio não pode correr acima do seu leito? A resposta é óbvia: não podemos nos arrepender se não for pela graça de Deus. A Confissão de Fé de New Hampshire diz: “O arrependimento e a fé são responsabilidades sagradas e também graças inseparáveis, operadas em nossas almas pelo Espírito regenerador de Deus”. Esta afirmação simples encontra apoio amplo nas Escrituras. Paulo escreve que “com mansidão” devemos instruir. “Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade” (II Timóteo 2:25). Veja também Atos 5:31 e 11:18. Devemos pregar a responsabilidade de se arrepender, ao mesmo tempo em que oramos para que Deus dê o arrependimento.

A ordem divina, quando se usam arrependimento e fé é: arrependimento e fé e não vice versa. No arrependimento, o pecador toma o lugar de pecador; na fé, ele recebe Cristo como Salvador! No arrependimento a pessoa se vê como pecadora diante de Deus; na fé, ela vê Cristo como Salvador da ira de Deus. No arrependimento a pessoa está cheia de tanto pecar; na fé, Cristo é precioso. No arrependimento o pecador está desamparado; na fé, Cristo é poderoso para salvar. No arrependimento há tristeza pelo pecado; na fé, há alegria por causa da salvação. No arrependimento o pecador não confia nem em si; na fé, ele confia no Senhor Jesus Cristo! Um homem que reverteu a ordem divina e colocou a fé antes do arrependimento, pediu, certa vez, ao autor, para explicar como se podia arrepender-se em relação a Deus, quem não cria primeiramente que há Deus. Esta pergunta revelava a idéia do homem sobre a fé. Para ele, fé era simplesmente acreditar na existência de Deus, algo que os demônios também crêem (Tiago 2:19). É lógico que se precisa acreditar primeiro que há Deus, antes de se arrepender, mas esta não é a fé que salva. Na fé salvadora há o elemento da confiança em Cristo, o Qual tirou o pecado com o sacrifício de Si mesmo.

Nosso Senhor Jesus disse: “Arrependei-vos, e crede no evangelho”, colocando assim o arrependimento antes da fé. Urgir um pecador impenitente a confiar em Cristo é como pedir a uma pessoa sã a tomar um remédio ou como pedir a um rico para sair pedindo esmola. Arrepender-se é o efeito de se ver como realmente se é: arruinado, culpado, perdido e no perigo do inferno. Arrepender-se é o efeito de ver o pecado como ele é. O homem natural, moralmente falando, é cego: o pecado parece atrativo e fascinante. O homem natural tem um paladar estragado. Ele chama o doce, amargo e vice versa; confunde o bem com o mal; não entende nada sobre o que é certo e o que é errado. É o Espírito Santo que causa o arrependimento. Quem pega a espada, a Palavra da Verdade, e mata a auto-estima e a justiça própria naturais do homem, o faz exclamar: “Que é necessário que eu faça para me salvar”? (Atos 16:30)

O arrependimento envolve dois fatos: o fato do pecado e do fato da graça. Se um homem não fosse pecador, não precisaria se arrepender. Se Deus não fosse

gracioso, não adiantaria nada tal arrependimento. O autor, certa vez, participou de uma Conferência Bíblica com certos irmãos que insistiram que o arrependimento nada tem a ver com o pecado. Um deles desafiou a quem quisesse, a encontrar na Bíblia “arrependimento para o pecado” ou a ordem de se “arrepender **do** pecado”. Os que seguem este tipo de pensamento dizem que arrependimento é a atitude de alguém em relação a Cristo e que a pessoa se arrepende quando confia em Cristo como Salvador. É verdade que as palavras “arrepender-se do pecado” não se encontra na Bíblia, mas temos expressões equivalentes em vários lugares. Lemos em Jeremias 8:6 que “ninguém há que se arrependa de sua maldade”. Em Apocalipse 2:21 vemos que Jezabel recebeu tempo “para que se arrependesse da sua prostituição”. Apocalipse 9:20-21 nos diz que certos homens que não morreram por causa das pragas “não se arrependeram das obras de suas mãos”. Vemos assim que o arrependimento implica em pecado e tristeza por causa dele e uma mudança de atitude sobre ele, em relação a Deus. Ninguém, a não ser um pecador pode se arrepender, e não há nada do que se arrepender, a não ser do pecado. É um absurdo falar-se em se arrepender por fazer o que é bom.

A NATUREZA DO ARREPENDIMENTO

1. O arrependimento não é obra que se faça, a fim de se salvar. Isto entraria em conflito com muitos versículos das Escrituras que ensinam a salvação sem ser por obras (Efésios 2:8-10, Tito 3:5, II Timóteo 1:9 e muitos outros). O arrependimento não se faz com as mãos, mas se sente na alma. Não é um ato benevolente, embora a benevolência seja fruto do arrependimento. Certo homem zombava do arrependimento como se fosse uma coisa feita de caridade e por isso ridícula e inútil. Esta zombaria pelo arrependimento e a afirmação de que se pode arrepender através de obras de caridade são totalmente contra o que a Bíblia ensina. Quem nunca chora seu pecado, não vai se regozijar nunca em Cristo como Salvador.
2. O arrependimento não é um exercício corporal. É interno, ao invés de externo; a atitude interior da alma e não o exercício exterior do corpo. Jó sentou-se sobre cinzas ao se arrepender, mas sentar-se sobre cinzas não é arrependimento. O publicano batia no peito ao se arrepender, mas bater no peito não é arrependimento. O sentar-se sobre cinzas e bater no peito são sinais externos de como estes homens se sentiam na alma. O pecado era uma coisa atroz para os dois.
3. O arrependimento não é uma tristeza interna que serve como preço da salvação. Não existe mérito nenhum; pelo contrário, é a falta de mérito consciente. Ao se arrepender, o pecador diz realmente: “Não trago nada nas mãos, apenas me agarro à Tua Cruz”. Arrepender-se é esvaziar-se de toda a auto-confiança, confiando apenas em Cristo como única base para a salvação. Não há limite específico de tempo, durante o qual se arrepender, nem certo grau de tristeza a se sentir. Isto porque a tristeza não é o preço da salvação. A pessoa se entristece ao ver sua condição como perdido. Ela se entristece por não ser salva e não a fim de se salvar. O pecador não pode ser salvo através da tristeza que sente. A tristeza revela seu interesse na salvação, mas não fará por onde merecê-la. Vamos ao médico fazer um check-up só como medida de precaução. Ele faz um exame geral e lhe diz que está com câncer. Com certeza, isto causa dor e ansiedade. Mas toda a tristeza que sentir não contribuirá em nada para sua cura. Suponha que o

médico lhe assegure que você pode ficar bom, sem cirurgia. Se acreditar no médico, terá paz de espírito sem igual. Porém, se continuar agonizado, mostrará que não confia nele. Do ponto de vista do pecador, não existe necessidade nenhuma de ficar todo tempo arrasado por causa do pecado. Assim que ouvir sobre sua perdição e sobre a salvação eterna em Cristo, ele deve confiar em Cristo e parar de ficar triste. Um pastor (pregador) nunca deve dizer ao pecador aflito para continuar triste. Pelo contrário, deve dizer-lhe para crer no Senhor Jesus Cristo e ser salvo. Contudo, do ponto de vista soberano de Deus em lidar a este respeito, muitas vezes Ele permite que o pecador sofra e lute contra o pecado durante muito tempo, antes de mostrar-lhe a suficiência de Cristo como Salvador.

4. O arrependimento não é a auto-tortura do corpo. Isto é confundir arrependimento com penitência, que é algo meritório. O monge faz penitências ao dormir no chão ou usar um hábito rústico que coça. Lutero a fazia subindo “de quatro” uma escadaria em Roma. Quando Anselmo de Canterbury morreu, suas roupas estavam cheias de tapurus, aos quais mantinha, a fim de mortificar a carne.

Deixemos um católico romano nos dizer o que é penitência. Vamos citar o Dr. Chaloner no “Catholic Christian Instructed” (O Cristão Católico Instruído). **Pergunta:** O que quer dizer com sacramento da penitência? **Resposta:** uma instituição de Cristo, pela qual nossos pecados são perdoados, quando caímos após o batismo. **Pergunta:** Em que a penitência consiste? **Resposta:** por parte do penitente, consiste de três coisas; contrição, confissão e satisfação. A satisfação significa uma execução fiel da penitência prescrita pelos sacerdotes (padres).

Chama-se a penitência de segunda tábua da salvação após o naufrágio. É o modo de se salvar pela segunda e subseqüentes vezes após a primeira salvação. Através do sacramento do batismo. É assim que a Igreja Católica ensina.

5. O arrependimento não é um termo difícil, imposto por Deus, para a salvação. Isto tornaria inconsistente a salvação de Deus, que não é difícil, mas fácil. Se a salvação fosse difícil, ninguém podia ser salvo, pois a natureza humana não tem força para fazer o bem. Se a salvação é pela graça, por meio da fé; se é sem dinheiro e sem preço; se é um dom de Deus, como se pode dizer que é difícil? Sem dúvida quem a torna difícil não é Deus, mas sim o orgulho do coração pecaminoso. É o orgulho e a auto-suficiência que leva a pergunta: que bem devo fazer para obter a vida eterna? Com certeza temos que porfiar por entrar pela porta estreita, mas esta luta não é com o Salvador que está disposto a salvar e sim contra uma natureza (a pecaminosa) que quer ter espaço para se vangloriar. Tudo em nossa natureza egoísta e auto-confiante luta contra a salvação pela graça, por meio da fé.
6. O arrependimento bíblico é em relação a Deus. Alguém pode se arrepender em relação aos pais. Um jovem rebelde fugido de casa, e que deixou em pedaços o coração dos pais pela vida triste em que vive, pode chegar às lágrimas ao ouvir falar do lar antigo e da tristeza dos pais já velinhos. Talvez até mude de idéia em relação aos pais e volte para casa, a fim de cuidar deles no fim da vida. Porém, este não seria o arrependimento bíblico nem evangélico.
7. O arrependimento para a vida inclui a fé no Senhor Jesus Cristo. Diz respeito a Cristo como Salvador e a Deus como Legislador (doador da lei). Não acaba

em desespero, mas sim em esperança. Judas se arrependeu e enforcou-se. Este não foi o arrependimento bíblico e uma palavra diferente, no grego, é usada para descrevê-lo. No arrependimento bíblico percebe-se o pecado; aborrece-se o pecado e abandona-se o pecado no coração, quando a pessoa vai a Cristo para a salvação. O crente nunca poderá, nesta vida, parar de pecar, mas em seu coração ele o quer. Alguém já chamou arrependimento de repúdio ao pecado. No arrependimento verdadeiro há não somente o desejo de se escapar das conseqüências do pecado, mas também de se livrar dele, como algo que desagrada a Deus. O tão-chamado arrependimento (que não é verdadeiro) pode ser ilustrado na oração, de uma menina: “Ó Deus, faz-me boazinha. Não bem boazinha, mas boazinha o bastante para não levar uma surra”. O arrependimento verdadeiro é a graça permanente que habita na alma. É uma atitude que pertence à vida cristã inteira, em relação ao pecado e ao Salvador. À medida que se cresce na graça, o pecado se torna cada vez mais odioso e Cristo se torna mais e mais precioso.

A NECESSIDADE DO ARREPENDIMENTO

A necessidade do arrependimento foi enfatizada por Cristo, por João o Batista e pelos Apóstolos. Nosso Senhor Jesus Cristo pregou: “Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13:5). Paulo pregou que Deus anuncia: “agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam” (Atos 17:30). Vamos notar algumas razões para o arrependimento.

1. A salvação sem arrependimento encheria o céu de gente que odeia a Deus e ama o pecado. Perpetuaria a rebelião ao transferir os rebeldes da terra para o céu. A salvação é o livramento de uma pessoa do pecado e não apenas de um ambiente pecaminoso. A fé em Cristo sem arrependimento para com Deus faria de Cristo nada mais do que uma “escada de incêndio”, nada mais do que um Libertador do inferno. Mas Cristo é o Salvador do pecado tanto quanto do castigo pelo pecado. Um elemento no arrependimento é o ódio pelo pecado e odiar o pecado é amar a Deus.
2. A recusa em se arrepender é ainda pior do que o pecado pelo qual se deve arrepender. Pode-se dizer uma mentira, um pecado horrível, mas recusar-se a se arrepender é pior. Por que? Porque pode-se mentir por causa do medo ou outra fraqueza da carne, mas deixar de se arrepender é justificar a mentira. Pedro negou a Jesus por fraqueza e medo, mas não justificou a negação. Ele chorou amargamente; arrependeu-se. Não se entregou ao desespero, como Judas, mas agarrou-se ao Senhor e saiu lucrando ao ser perdoado. Sua queda o curou da vanglória e ensinou-lhe que precisava de uma lição de humildade.

Davi manifesta o espírito do verdadeiro arrependido (penitente) no Salmo 51. Na parábola do filho pródigo temos um exemplo clássico de arrependimento. Temos o coração do pai, a provisão do pai e o arrependimento do filho que saiu de casa com um espírito de orgulho e independência, que era pecado contra o pai. Foi caindo cada vez mais no pecado até se ver em pobreza abjeta: roupas de trapos, fome e ocupação vergonhosa. Sente vergonha de tudo isto, mas ainda não é arrependimento. Então vem uma mudança de atitude em relação ao pai. Ele volta para o pai num espírito de contrição e confissão. Não volta para se gabar do sucesso

longe do pai, mas para confessar seu erro e necessidade. Não volta com uma oferta, para ser aceito pelo pai. Não tem nada a oferecer, a não ser os trapos e uma vida destruída. A única esperança de aceitação era o amor do pai, que lhe perdoou tudo. Será que cada filho da graça lê a história de sua vida na experiência do filho pródigo? Esta parábola não ilustra fé em relação a Cristo, mas somente o arrependimento para com Deus. Ela não tem nada sobre Deus como Legislador, mas somente como Pai. Não dá a base da aceitação do pecador diante de Deus, mas o fato desta aceitação. Não tem nada a dizer sobre a doutrina da expiação, e não foi dada como retrato completo do caminho da salvação. Cristo a contou aos fariseus e escribas, como resposta à reclamação deles ao receber publicanos e pecadores. Quem usa esta parábola para negar ou diminuir a verdade sobre o sangue da expiação, faz com que ela sirva a um propósito que Cristo não pretendia que tivesse. Também não dá um retrato completo de Deus, pois Ele é Juiz tanto quanto é Pai. Não nos dá, como disse certo liberal, a própria essência do evangelho. Porque o coração do evangelho é a história de Cristo crucificado. O evangelho tem a ver com Aquele em Quem temos a redenção, através do Seu sangue, a remissão do pecado. O arrependimento está associado à remissão e sem derramamento de sangue não há remissão (Hebreus 9:22). O sangue de Jesus Cristo foi derramado para que Deus fosse justo ao justificar o crente (Romanos 3:24-26). Por outro lado, não há remissão sem a morte de Cristo; nem remissão sem o arrependimento por parte do pecador. Que o autor e o leitor se prostrem em adoração à sabedoria de Deus na salvação do homem!

CAPÍTULO 10 - A FÉ QUE SALVA

Nem tudo que balança cai! O hábito não faz o monge! Nem todos quantos professam fé e dizem “Senhor, Senhor” alcançarão o céu. Quando falamos sobre a fé que salva há a implicação de uma fé que não salva. Pregamos a salvação pela fé, sem obra nenhuma de mérito humano e assim estamos em terra firme. A Bíblia ensina, de modo imutável que o pecador é salvo somente pela fé: “Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça”. Romanos 4:16. Se o pecador fizer qualquer coisa, além da fé, para a salvação, ele frustra a graça de Deus. Porém, temos que considerar as falsificações na questão da fé, como em outras coisas. Existem muitas falsificações no plano da religião. Satanás é o falsificador mestre. Se Deus tem um Filho chamado o senhor Jesus Cristo, então Satanás também tem um, chamado o filho da perdição (II Tessalonicenses 2:3). Se Deus tem Seus ministros, então Satanás também os tem, os quais se transfiguram em ministros da justiça, a fim de enganarem. (II Coríntios 11:15). Se Deus tem um Evangelho, Satanás também tem o dele, o qual Paulo chama de outro evangelho, que não é verdadeiro. (Gálatas 1:8). Se Cristo tem Sua igreja, Satanás tem sua sinagoga. (Apocalipse 3:9). Se existe uma fé, chamada a fé do eleito de Deus, Satanás também falsifica esta fé. (Hebreus 10:39). Dinheiro falso passa por inúmeras mãos sem ser detectado e muitos crentes falsos se passam como crentes verdadeiros. Parece que Judas não foi detectado como falso professo pelos outros discípulos, pois nenhum dedo foi apontado para ele, quando Cristo predisse que uma deles o trairia. Este é um desafio para cada professo, inclusive o autor, o de ter certeza que possui a graça e a fé que salvam. Vamos, então, fazer algumas considerações:

ALGUNS SUBSTITUTOS PARA A FÉ QUE SALVA

1. Existe o que se pode chamar de fé teórica ou histórica.

Ela é apenas uma simples aceitação mental à verdade revelada. Não há elemento religioso nem emotivo. A verdade não alcança o interior nem o coração está nela. Falta amor e confiança. É crer sobre Cristo, do mesmo modo que se acredita sobre Tiradentes ou sobre o Presidente da República.

2. Há o que se chama de fé temporária.

É ilustrada na parábola do semeador. O solo pedregoso recebe a palavra, na hora com alegria, mas não tendo a raiz da questão em si, agüenta só por um pouco, e diante das provações perde o interesse no que professara. É tudo superficial e, portanto, apressado e irreal; nada mais que emoção carnal. Não vinha de Deus, por isso não fica. Na experiência real da graça, a Palavra, a princípio, não traz alegria. O Espírito Santo impele a verdade através das entranhas da auto-estima e o pecador se sente mal. É o modo do Espírito expor o pecador a si mesmo, antes que revele a ele o Salvador Jesus Cristo. É o pecador consciente que olha para Cristo em busca de salvação.

3. Há o que as Escrituras chamam de fé vã.

Ao mostrar a necessidade da ressurreição de Cristo, Paulo diz: “Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou”. I Coríntios 15:16. O apóstolo está dizendo que fé num Cristo morto é vã. Ele não estava pensando na natureza da fé, mas sim no objeto desta fé. A fé vã confia no que não tem poder para salvar. Uma fé fraca pode ser uma fé que salva, ao passo que uma fé forte pode ser vã. Uma fé forte num Cristo morto não salva, ao passo que uma fé fraca no Cristo vivo é salvadora. Isto torna o objeto da fé de suprema importância. Se o pecador confiar no objeto errado, sua fé será vã. O único objeto da fé que salva é Cristo, vivo e crucificado; uma fé mais forte em qualquer outro objeto será sem valor. Todos nós devemos ter uma grande fé em Cristo; contudo, não é a força da nossa fé que salva, mas sim a força do Salvador. Isaías descreve o idólatra que faz seu deus da mesma árvore que o aquece e com a qual cozinha o alimento! Esta conduta estranha é explicada assim: “Apascenta-se de cinza; o seu coração enganado o desviou, de maneira que já não pode livrar a sua alma, nem dizer: Porventura não há uma mentira na minha mão direita?” Isaías 44:20. A insanidade espiritual da raça humana é amplamente revelada nas coisas em que as pessoas confiam para a salvação. Somente aqueles instruídos por Deus confiam em Jesus Cristo. João 6:45.

4. Os sentimentos podem ser substituídos pela fé.

Muitos fazem pregações calculistas que produzem sentimentos ao invés de fé. Os pregadores devem se acautelar ao contarem ilustrações lamuriosas fazendo com que os pecadores ajam através das emoções, quando não recebem nenhum objeto que salva para confiar. A ordem verdadeira na experiência da graça é: 1) Fato; 2) Fé; 3) Sentimentos. 1) O fato do Evangelho de Cristo e Este crucificado; 2) A Fé nesse fato – fé no que Cristo fez como Salvador; 3) Sentimentos como resultado natural de nossa confiança em Cristo como Salvador. Não somos salvos através dos sentimentos, mas se confiarmos em Cristo para a salvação, sentiremos paz na alma e segurança, quando meditamos no que a Bíblia diz sobre o poder do Seu sangue. Agora, vamos considerar de modo mais direto:

A NATUREZA DA FÉ QUE SALVA

Há dois sentidos nos quais a palavra “fé” é usada na Bíblia. A maioria das vezes é o ato de crer. Poucas vezes significa no que se crê; o credo. Em Judas 3, somos exortados a “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos”, com o significado óbvio que temos que batalhar pelo conteúdo da verdade apresentado nas Escrituras. Tiago parece usar a palavra do mesmo modo, ao dizer: “Tu crês que há um só Deus”. Tiago 2:19. Este era o credo ortodoxo dos judeus, de acordo com Deuteronômio 6:4. Mas ter um credo ortodoxo em relação a Deus não é ato da fé que salva.

A fé que salva, como um ato, é uma mistura de crença e confiança: crença no testemunho que Deus deu a respeito de Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, e confiança em Cristo como único Salvador. Crer em Deus quanto à salvação é confiar em Seu Filho como Salvador. João nos diz que Deus testemunhou que há vida eterna em Seu Filho e que se recusar a crer nEle é fazer de Deus mentiroso. Ver I João 5:9-12.

A fé salvadora é acompanhada pelas obras; de outro modo é uma fé morta, sem valor nenhum. Somos unicamente salvos pela fé, mas não por uma fé que não age. No novo nascimento há três graças implantadas na alma humana: a fé, a esperança e o amor. As três são inseparáveis. A esperança pressupõe a fé, pois não poderíamos esperar pelo cumprimento da promessa se não crêssemos que o que fora prometido seria recebido. A fé se une ao amor e opera as obras pelo amor: “Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum; mas sim a fé que opera pelo amor”. Gálatas 5:6. Paulo pregou a fé sem obras que não tem parte nenhuma na justificação. Ele também pregou a justificação pelas obras como evidência da fé. Paulo e Tiago concordavam em relação à natureza da fé que salva. Tiago pregou a justificação pelas obras como evidência da fé real. Ele escreveu sobre a justificação da profissão, insistindo que uma fé viva e real só poderia ser mostrada pelas obras. “Mostra-me” foi o desafio de Tiago.

DEFINIÇÃO E ILUSTRAÇÕES

O capítulo 11 de Hebreus nos diz o que é fé e o que ela faz. “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem. Porque por ela os antigos alcançaram testemunho”. Hebreus 11:1-2. A fé opera, em relação ao futuro, coisas que se esperam com esperança ou expectativa. Ela também opera em relação às coisas que não podem ser observadas, que estão além da prova científica. A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam. Esta frase (firme fundamento) significa literalmente: “aquilo que fica por baixo”. Assim, a fé é o que fica por baixo da esperança, a fim de dar-lhe suporte, não a deixando morrer, enquanto se espera pelo que foi prometido. O que se espera ainda não se possui, mas a fé assegura que o será. A Palavra de Deus é o alicerce seguro sobre o qual fica a esperança. Espera-se por algo porque Deus o prometeu. A fé oferece uma base sólida para a esperança, pois é a segurança interior que o que se espera será recebido. É assim: Deus faz uma promessa em Sua Palavra; a esperança começa a ansiar por seu cumprimento e a fé é a confiança ou certeza que o que foi prometido se cumprirá. A fé que salva é a certeza de que todas as bênçãos prometidas pó Deus em Cristo serão recebidas. Algumas destas bênçãos, tais como a perfeição pessoal e um lar no céu, encontram-se no futuro como fatos de uma

esperança segura. Se eu não crese que no fim chegaria ao céu, sendo feito conforme à imagem de Cristo, então não teria esperança nenhuma sobre o futuro.

A fé também é evidência do que não se vê. É uma convicção interior que o que Deus disse é a verdade, mesmo que esteja além da razão e da prova científica. Esta definição dupla de fé vem seguida pelas ilustrações no plano do futuro e do que não se vê. Temos espaço apenas para duas destas ilustrações.

ABEL E SUA FÉ

“Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando a Deus testemunho dos seus dons, e por ela, depois de morto, ainda fala”. Hebreus 11:4. Abel esperava ser aceito por Deus e esta esperança se baseava na promessa de Deus! Deus falara tanto a Caim quanto a Abel sobre o modo como deviam se aproximar dEle e serem aceitos por Ele. A fé pressupõe uma revelação divina, porque “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”. Romanos 10:17. O modo prescrito por Deus indicava que os homens eram pecadores e que só podiam ser aceitos pelo sangue, pois “sem derramamento de sangue não há remissão”. Hebreus 9:22. Tanto Caim quanto Abel sabiam que tinham que levar uma oferta para Deus. Caim, como os fariseus da época de Cristo, rejeitou o conselho e veredito que Deus lhe dera, negou que era pecador, recusou-se a levar a oferta de sangue exigida por Deus e levou uma mera oferta de agradecimento composta de frutos da terra. Agiu na descrença e, tanto ele quanto sua oferta foram rejeitados. Abel agiu pela fé e ofereceu o tipo de sacrifício exigido. Tomou o lugar de pecador e levou o cordeiro que foi morto. Caim e Abel ofereceram na esperança de serem aceitos, mas a esperança de Caim não se baseava na fé bíblica e acabou em decepção e desespero. A esperança de Abel foi realizada e ele obteve testemunho de aceitação com Deus, com base na oferta que levou. Já ouvimos dizer que se Caim, pela fé, tivesse oferecido os frutos da terra, também teria sido aceito. A réplica a esta idéia é que se Caim tivesse levado uma oferta pela fé, não seria de frutos da terra, mas sim o mesmo tipo de sacrifício oferecido por Abel. Lemos que Abel levou um sacrifício mais excelente que Caim, pelo qual não devemos entender que tenha sido de maior valor intrínseco, porém foi mais excelente como confissão de pecado e tipo dAquele que fere a cabeça da serpente, o qual fora prometido por Deus.

NOÉ E SUA FÉ

“Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu e, para salvação da sua família, preparou a arca, pelo qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé”. Hebreus 11:7. “A fé vem pelo ouvir”, por isso Noé recebeu uma revelação de Deus sobre um dilúvio iminente e como escapar da destruição. Era algo nunca visto antes e além de qualquer prova científica. Tudo o que Noé tinha pelo qual agir era o que Deus dissera. Noé creu em Deus. Ele não estava interessado em provas científicas sobre as possibilidades de um dilúvio. Nunca se crê em Deus ao se tentar verificar se o que Ele diz é racional ou possível. Nunca se crê em Deus ao se colocar o que Deus diz no crisol da razão e juízos humanos.

ALGUMAS METÁFORAS DA FÉ QUE SALVA

A fé que salva é representada sob uma variedade de metáforas. Vamos, agora, considerar algumas delas:

1. Fé é entregar a alma a Cristo.

Paulo fala assim em II Timóteo 1:12: “Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia”. Paulo depositara sua alma aos cuidados de Cristo, por toda a eternidade, com a certeza que seria guardada com toda a segurança.

2. Fé é vir a Cristo.

“Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. João 6:37. “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”. Mateus 11:28.

3. Fé é receber Cristo.

“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome”. João 1:11-12. A fé é a mão vazia que recebe Cristo como o Todo-poderoso que pode salvar. Não tem nada a dar como preço da salvação. A fé diz: “Não trago nada nas mãos, simplesmente me agarro à Tua cruz”.

4. Fé é se alimentar em Cristo.

No grande discurso sobre o Pão da Vida, nosso Senhor usa as palavras crer, vir e comer alternadamente. Ver João 6:32-58. Crer em Cristo é a mesma que vir a Ele. Crer e vir é a mesma coisa que comer Sua carne e beber Seu sangue. Comer e beber são figuras de linguagem que representam a alma ao se apropriar dos benefícios da morte de Cristo. Não é o sentido carnal e vulgar que muitos querem dar! Cristo foi oferecido, uma só vez, pelo pecado e ninguém tem Seu corpo nem sangue físicos, nem ninguém pode fabricá-los. Alimentamo-nos espiritualmente do Seu corpo e sangue pela fé, não com bocas carnis. Não há nada que possa ser colocado em nosso corpo carnal ou aplicado a ele exteriormente que possa afetar nossa salvação.

5. Fé é fugir para Cristo.

No Velho Testamento havia cidades de refúgio às quais o homicida podia fugir em busca de segurança. Números 35:6-12. Do mesmo modo, Cristo é o refúgio do pecador ao enfrentar o pecado. Temos duas coisas imutáveis: A Palavra de Deus e Seu juramento de que “tenhamos a firme consolação, nós os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta”. Hebreus 6:18.

6. Fé é olhar para Cristo.

“Olhai para mim, e sereis salvos vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro”. Isaías 45:22. “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé”. Hebreus 12:2. Com certeza há vida em se olhar para o Cristo crucificado.

7. Fé é invocar o nome de Cristo.

“Porquanto não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Romanos 12:12-13. Aqueles que não invocarem o nome de Cristo neste tempo de salvação, no dia de Sua ira clamarão às

montanhas para que caíam sobre eles e os escondam de Sua face. Mas, ninguém que clama, agora, pela fé, o fará em vão, pois Cristo é o Salvador poderoso, sempre pronto a salvar.

ILUSTRAÇÃO

Todos os elementos da fé que salva podem ser apresentados através do uso de uma antiga ilustração. Os pensamentos, sentimentos e ações de uma pessoa próxima a um barco numa ilha pequena, que está ameaçada pelas águas da maré que sobe, representam o todo da fé que salva. A pessoa, primeiro, olha para o barco de um ponto de vista puramente intelectual. Ela crê que o barco realmente existe, do mesmo modo como o pecador crê que há um Deus e um Salvador. À medida que a maré vai subindo e as ondas aumentam, a pessoa vai olhar para o barco com emoção e interesse. Assim é o pecador, quando o Espírito o convence do pecado – ele começa a se preocupar com a sua segurança. Mas, quando a pessoa vê que a maré furiosa está prestes a jogá-lo nas águas traiçoeiras, ela entra no barco, como único meio de escape. Entrar no barco é o que realmente a salva. Não se pode dizer que ela confiou no barco, até o momento em que entra nele. Assim também o pecador talvez creia que Cristo é o Salvador, mas não será salvo até que o receba, pela fé – não é salvo até depender de Cristo para sua salvação. A própria essência da fé é esperança ou confiança. Cada crente vai confessar alegremente: “Quebrei a lei de Deus, Cristo Se interpôs e dependo dEle para me salvar”.

Atribulado coração, em Cristo alívio encontrarás;
Consolo, paz e seu perdão. Sim dEle tu receberás.
Oh vem sem demora ao Salvador! Porque vacilar e ter temor?
Oh vem! Vem já! Descanso te dará!

Dilacerado pela dor das tuas culpas do pecar,
Vem sem demora ao Salvador, e vida nova hás de gozar.
Oh vem sem demora ao Salvador! Porque vacilar e ter temor?
Oh vem! Vem já! Descanso te dará!

A Cristo, sem demora, vem, pois Ele almeja te valer;
E sempre quer buscar teu bem; confia nEle em teu viver!
Oh vem sem demora ao Salvador! Porque vacilar e ter temor?
Oh vem! Vem já! Descanso te dará!

ATRIBULADO CORAÇÃO, Cantor Cristão - 236.

CAPÍTULO 11 - A SEGURANÇA DOS SANTOS

Neste capítulo usaremos três expressões de modo alternado: a Segurança dos Salvos, a Preservação dos Salvos e a Perseverança dos Salvos. Embora não sejam idênticas, estas expressões afirmam a mesma coisa em relação aos salvos, a saber: a segurança eterna que têm. O poder de Deus em preservar os Seus é responsável pela perseverança do salvo na fé e em santidade. “Porque o Senhor ama o juízo e não desampara os seus santos; eles são preservados para sempre; mas a semente dos ímpios será desarraigada”. Salmo 37:28.

Existem duas doutrinas mutuamente exclusivas, antagônicas e destrutivas. Não existe nenhuma possibilidade de conciliação entre as duas. Não podem nem

dão arrego. Uma é verdadeira, a outra é falsa. Uma se chama, popularmente, apostasia, que significa que uma pessoa salva, nascida de Deus, herdeiro da natureza divina, justificada pela fé em Jesus Cristo pode, por causa do pecado, perder a salvação, tornando-se filha de Satanás e no fim ficar perdida para sempre. A outra é conhecida como a perseverança dos salvos, que significa que alguém que nasce de Deus, salva pelo chamado eficaz do Espírito Santo, justificada pela fé no Senhor Jesus Cristo, pode fazer o que é errado, entristecendo assim o Espírito Santo, perdendo a alegria da salvação e trazendo sobre si a disciplina corretiva do Senhor; mesmo assim, esta pessoa persevera na fé e nunca perderá sua salvação.

A apostasia se baseia na salvação pelas obras, quer no todo ou em parte. A segurança se baseia na salvação pela graça de Deus. A primeira faz da salvação um projeto do homem; a segunda faz da salvação uma obra divina. Se a salvação vier do homem, o fracasso não só é possível, mas certo; a salvação que vem do Senhor é sempre bem sucedida.

Uma destas doutrinas é estabelecida pelas Escrituras, a outra é negada pela Bíblia. Por isso, todos os argumentos prós ou contra devem se basear nas Escrituras. A razão, experiência e prova humanas, não acham lugar neste debate. “O que diz a Escritura?”, deve ser nossa estrela-guia.

O QUE É A DOCTRINA

A doutrina que defendemos é raramente, quase nunca, corretamente enunciada pelos que a rejeitam ou se opõe a ela. Vestem-na de trajes falsos e horrendos, sendo ridicularizada e jogada ao desprezo. Os oponentes criam um homem de palha e depois o fazem em pedaços. Nunca tratam da doutrina, como é crida e pregada por seus amigos.

1. Não faz parte da doutrina que todos os membros da igreja estão seguros e, com certeza, vão para o céu.

Todos os membros da igreja devem ser salvos, mas, que pena, alguns não são. Àqueles que não têm outro alicerce ao pensarem que são salvos, a não ser a membresia, esta doutrina não oferece nenhuma esperança nem lugar para regozijo. A segurança é garantida aos salvos, pessoas que nasceram de Deus, que são justificados pela fé em Cristo! Estas pessoas são preservadas por Deus e perseveram em sua união com Cristo como Senhor e Salvador. A fé perseverante em Cristo é a grande característica distintiva dos salvos, em relação aos que a professam superficialmente.

“Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim”. (Hebreus 3:14) Quem se tornou participante de Cristo pela fé, vai perseverar nesta fé até o fim da vida.

“Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”. (João 8:31) Existe uma fé temporária, cuja raiz verdadeira não se acha no que a professa, onde nunca houve realmente a experiência da graça. É a fé do coração, cujo solo é pedregoso. Mas os discípulos verdadeiros possuem uma fé que lhes foi dada por Deus e que é contínua na Palavra de Cristo.

“Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós”. (I João 2:19) Estas pessoas são professos superficiais, não verdadeiros, não nascidos da graça de Deus e a saída deles da comunhão dos santos torna

manifesto o verdadeiro caráter que têm. O Apóstolo João afirma claramente que se fossem realmente salvos, continuariam na comunhão deles. Este versículo apóia, sem nenhuma dúvida, nossa doutrina. Judas Iscariotes oferece uma ilustração apropriada da apostasia de falsos professores. Ele nunca foi um crente de verdade, embora se associasse a eles. “Mas há alguns de vós que não crêem. Porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de entregar”. (João 6:64)

2. Não faz parte da doutrina que todos aqueles ativos em obras religiosas serão eternamente salvos.

Muitos obreiros religiosos não são salvos. Nunca nasceram de novo. Nunca se fizeram participantes da natureza divina. O Salvador diz: “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”. (Mateus 7:22-23) Os “Flagellants” faziam parte de uma seita religiosa na Itália, no século XIII. Continuaram ativos enquanto puderam desfilar pelas ruas, flagelando-se publicamente. Mas, quando as procissões foram proibidas, a seita acabou. Não conseguiram viver na obscuridade. Na época de Cristo, havia muitos que faziam coisas, a fim de serem notados pelos homens e receberem elogios. Existe ainda razão para se crer que o povo dos que amam o som do aplauso humano, não se acabou na terra. Os salvos devem mostrar sua fé pelas obras, mas estas obras são feitas por amor a Cristo, não em busca do aplauso humano. Que esta verdade possa sondar o coração tanto do escritor quanto do leitor.

3. Não faz parte da doutrina que os salvos não podem cair no pecado.

Os salvos já caíram e ficaram bem machucados na queda. Mas cada queda não significa um pescoço quebrado, quer física ou espiritualmente. Muitos caíram e viveram para contar a história. E, assim, na vida do crente, os salvos caíram no pecado e quem entre nós se atreve a negar que nunca pecou? Cadê esta pessoa que nunca pecou? O pecador não foi salvo para se tornar sem pecado, nem é mantido salvo ao viver uma vida sem pecado. O pecador foi salvo ao confiar em Cristo como Salvador e é mantido salvo pelo poder de Deus, através da fé. Ele continua como começou; Um pobre e débil pecador que confia num Salvador poderoso. A pessoa que nasce de Deus nunca pode se perder, porque nunca renunciará à sua fé em Cristo, nem sairá em busca de outro Salvador nem cederá ao desespero. Escute o que diz a Palavra de Deus: “Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz”. (Miquéias 7:8) “Porque sete vezes cairá o justo, e se levantará; mas os ímpios tropeçarão no mal”. (Provérbios) “Os passos de um homem bom são confirmados pelo Senhor, e deleita-se no seu caminho. Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a sua mão” 23. Os passos de um homem bom são confirmados pelo Senhor, e deleita-se no seu caminho”. (Salmo 37:23-24)

PROVA DE QUE A DOCTRINA É VERDADEIRA

Os argumentos das Escrituras são tão abundantes que mal se pode saber onde e como começar a organizá-los. Salvo é aquele que foi eleito por Deus Pai,

redimido por Deus Filho e regenerado por Deus Espírito Santo. Sendo assim, a primeira razão que damos para a segurança do salvo é a seguinte:

1. **Todas as pessoas da Trindade são por ele:** “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31)
 - A. O Pai é por nós na **eleição**: “Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica”. (Romanos 8:33) Ele é por nós na **predestinação**: “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”. (Romanos 8:29) Ele é por nós no **chamado eficaz**: “E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”. (Romanos 8:30) “Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça”. (Gálatas 1:15) Ele é por nós na **justificação**: “É Deus quem os justifica”. (Romanos 8:33b) Ele é por nós no **dom do Seu Filho**: “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?” (Romanos 8:32) Ele é por nós em Seu propósito de nos **glorificar**: “E aos que justificou a estes também glorificou”. (Romanos 8:30b)
 - B. O Filho é por nós na **redenção** (Gálatas 3:13); na **intercessão** (Romanos 8:34, João 17:9, Hebreus 7:25); Em Sua **segunda vinda** (João 14:3, Hebreus 9:28, I Tessalonicenses 4:14-18).
 - C. O Espírito Santo é por nós: na **regeneração** (Efésios 2:3); na **intercessão** (Romanos 8:26); como **um selo** (Efésio 4:30); em nossa **ressurreição** (Romanos 8:11). Ou repetindo a mesma coisa – o nascer do Espírito torna o salvo seguro (I João 3:9, I João 5:4, 18, I Pedro 1:23); o Espírito habitando no salvo o torna seguro (I Coríntios 6:19, João 14:16); o selo do Espírito o torna seguro. O selo é uma marca de propriedade; ele dá segurança ao que é selado; dá garantia de uma entrega segura. Haldeman descreveu um lindo vaso que viu certa vez. Era quase todo coberto com enfeites externos, tinha um selo enorme sobre ele e uma inscrição dizendo que havia sido comprado por um príncipe oriental. Devia ser-lhe entregue no palácio da capital. O salvo tem um selo, uma marca e uma inscrição que declara que ele foi comprado por Jesus Cristo. Este selo do Espírito Santo nos marca como propriedade de Cristo, garantindo nossa segurança e também que seremos entregues com toda segurança na cidade eterna, no céu. Ainda estamos cobertos com as marcas externas da carne pecaminosa, mas naquele grande dia estas marcas serão tiradas e brilharemos como o sol, no reino do nosso Pai.
2. **O salvo é seguro porque todos os atributos de Deus são por ele.** A **vontade** de Deus é por ele: “E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia”. (João 6:39) O **poder** de Deus é por ele. Cristo disse: “Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai”. (João 10:29) Ver também I Pedro 1:5 e II Timóteo 1:12. O **amor** de Deus é pelo salvo. Nada poderá nos separar do amor de Deus que está em

Cristo Jesus (Romanos 8:35-39, João 3:16). A **misericórdia** de Deus é pelo salvo. Deus é rico em misericórdia (Efésios 2:14) Foi a misericórdia que nos deu vida quando estávamos mortos e ela não destruirá o que salva. A **santidade** de Deus é pelo salvo: “Uma vez jurei pela minha santidade que não mentirei a Davi. A sua semente durará para sempre, e o seu trono, como o sol diante de mim”. (Salmo 89:35-36) A **Palavra de Deus e Seu juramento** foram dados àquele que correu para Cristo em busca de refúgio, a fim de que possa ter uma “firme consolação”. (Hebreus 6:16-18)

A **sabedoria** de Deus é pelo santo. A sabedoria encontrou um resgate (Jó 33:24). Cristo Se fez sabedoria por nós (I Coríntios 1:30). A sabedoria divina levou em conta todas as contingências na obra da salvação. A **justiça** de Deus é pelo santo. A justiça fez Cristo morrer pelos pecados do crente e ela não punirá duas pessoas pela mesma ofensa. Se uma morreu como substituto por todos (os eleitos), então segue-se que todos morreram (II Coríntios 5:14). O pecado pelo qual Cristo morreu foi nosso pecado imputado a Ele; portanto, Sua morte para o pecado foi nossa também, e isto levou Paulo a dizer: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. (Romanos 6:11)

3. **O salvo é seguro porque não está mais sob a lei moral como modo de ganhar a vida eterna.** Quem estivesse sob a lei teria que cumpri-la perfeitamente ou então seria condenado. Se quebrasse a lei uma vez, em um só ponto, tornava-se um transgressor, sendo condenado. O único modo possível de escapar à condenação e ao juízo é sair de sob a lei. E o único modo de fazer isto é confiar em Cristo, que é o fim da lei para cada crente (Romanos 10:5). Não podemos ficar livres da lei obedecendo-a. Se possível, a obediência impediria a condenação, mas não tiraria o culpado de sob a lei. Naturalmente, não podemos ficar livres dela ao quebrá-la; porque por ela, no fim, seremos condenados e punidos. Não se pode sair de sob a lei ao se lamentar, pois lamentar-se não satisfaz a lei. Ela também não pode ser deixada de lado. Tem que ser satisfeita. O único modo de se sair de sob a lei moral de Deus é através da fé em Cristo, o Qual enfrentou seu castigo e satisfaz suas reivindicações contra o pecador, através de Sua morte na cruz.

O crente é então declarado morto para a lei (Romanos 7:1-4). Paulo nos lembra que a lei tem domínio sobre um homem enquanto ele viver. Para se ser salvo, deve-se morrer para a lei. Ele ilustra o pensamento usando a lei matrimonial. A lei prende a mulher ao marido enquanto ele viver. Quando ele morre fisicamente, ela morre para a lei que a prendia àquele homem em particular. Então vive como mulher, mas não como esposa. Assim é o crente, diz Paulo. Ele está morto para a lei pelo corpo de Cristo. A morte de Cristo foi a morte do crente para a lei moral de Deus, e estando morto para a lei; ele não mais está sob ela como modo de ganhar a vida eterna. Cristo disse: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”. (João 14:6)

O crente está livre da lei do pecado e da morte (Romanos 8:2). Não há lei pela qual aquele que confia em Cristo possa ser condenado. Deus iria contra Sua própria Palavra, se mandasse um salvo para o inferno.

4. **O salvo está seguro eternamente do perigo do inferno, porque ele está morto para o pecado** (Romanos 6:11). Esta é a morte no sentido judicial e se baseia na morte vicária (que substitui) de Cristo. O crente não está morto para o pecado subjetivamente, apenas objetivamente. Ele ainda não está morto para o pecado como experiência, pois se torna mais sensível ao pecado como salvo do que quando era um pecador perdido. Ele está morto para a culpa e pena do pecado porque Cristo pagou o preço com Seu próprio Sangue na cruz do Calvário. “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas”. I Pedro 2:24-25.

Salvo por Jesus Cristo, tenho perfeita paz;
A comunhão com ele toda aflição desfaz.
Ele me deu certeza da minha salvação,
Que de inefável gozo enche meu coração.
Salvo por Jesus Cristo, tenho perfeita paz;
A comunhão com ele toda aflição desfaz.

Cristo é a minha vida, fonte de doce amor;
Ele me tira a mágoa, todo o pesar e a dor.
E se sofrer a prova, mui fácil me será;
Quando verter o pranto, logo Ele o enxugará.
Salvo por Jesus Cristo, tenho perfeita paz;
A comunhão com ele toda aflição desfaz.

E passarei a noite com Ele, sem temor,
Te que amanheça o dia de perenal fulgor.
Magnificante e santo vê-Lo-ei a me fitar,
E na mansão de glória vou com Jesus reinar!
Salvo por Jesus Cristo, tenho perfeita paz;
A comunhão com ele toda aflição desfaz.

SALVO, Cantor Cristão - 374.

CAPÍTULO 12 - O QUE VEM PRIMEIRO NA CONVERSÃO: A VIDA OU A FÉ?

O assunto sobre o qual vou falar tem sido, há muito tempo, motivo de controvérsia. Ele nos leva à arena onde os teólogos gladiadores lutam há séculos. As mais afiadas espadas intelectuais são desembainhadas neste longo combate. O arminiano declara, em tom triunfante que a fé vem antes da vida; o calvinista, com o mesmo espírito de certeza, afirma que a vida deve preceder a fé, sendo logicamente a sua causa.

Este autor acredita que a controvérsia sobre esta questão se deve à falta de se distinguir coisas diferentes. As Escrituras falam da vida em dois sentidos diferentes. Há a vida no sentido biológico, experimental e subjetivo e há a vida no sentido judicial e objetivo. Em outras palavras, há vida no sentido de regeneração ou novo nascimento e há vida no sentido da justificação. A primeira diz respeito a um estado interior; a segunda, a uma posição externa diante da lei de Deus. Romanos 5:18 fala de “justificação de vida”. A primeira é a vida biologicamente falando; a

segunda é legal ou judicialmente. A primeira é a vida dada ao pecador através do Espírito Santo; a outra é a vida dada ao pecador, através da morte redentora de Cristo. A vida, em um sentido, é do Espírito Santo; no outro sentido é de Cristo. A vida do Espírito Santo dá qualidades espirituais ao coração e à mente, os quais controlam a vontade; a vida de Cristo nos tira debaixo da maldição da lei. É a diferença entre concessão e imputação. A vida do Espírito é concedida; a de Cristo é imputada.

Esta distinção é uma inferência necessária ao fato de que o pecador está morto num sentido duplo. Ele está morto no sentido de que se encontra desamparado e incapaz de ver por si mesmo e entrar no reino de Deus, ou para realizar obras aceitáveis diante de Deus. Está morto também, no sentido de que a sentença de morte, que culmina na segunda morte (o lago de fogo) foi decretada a ele. Em um sentido, a morte é a depravação da natureza, na qual o pecador fica cego à luz do Evangelho; em outro sentido, a morte é a condenação na qual o pecador está exposto à ira de Deus. É a diferença entre a corrupção da natureza e a condenação da pessoa.

1. A VIDA JUDICIAL VEM APÓS A FÉ

Tendo em vista a distinção acima, ficamos preparados para afirmar e provar que a vida de Cristo – vida no sentido judicial e objetivo – vem após a fé. Cada versículo bíblico que prega a vida através da fé em Cristo, se refere à vida judicial e a apresenta em contraste com a condenação e castigo. Vamos ver apenas alguns exemplos. “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece”. João 3:36. Nesta passagem, a vida se baseia na fé em Cristo e faz contraste com a ira ou juízo de Deus. “E não quereis vir a mim para terdes vida”. João 5:40. Nosso Senhor diz aqui que os homens têm que ir a Ele em busca de vida, e ir a Cristo é a mesma coisa que ter fé nEle. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. João 3:16. A vida, neste versículo, se opõe ao castigo e é, portanto, a vida judicial. “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”. João 5:24. Note que aqui a vida se opõe à condenação e, portanto, tem que ser a vida no sentido da justificação. Ver também João 3:15, I João 5:12, Romanos 5:1. Todas estas passagens são fatais ao ultra-calvinismo – a posição que diz que pregar o Evangelho não é essencial à salvação. A vida eterna se baseia na fé em Cristo e os homens não podem crer nAquele sobre o qual nunca ouviram. Ver Romanos 10:14 e 17.

2. A VIDA ESPIRITUAL PRECEDE A FÉ

Pedimos a nossos leitores que mantenham nossa distinção na mente, enquanto provamos através das Escrituras que a vida que vem do Espírito Santo – vida no sentido biológico e subjetivo – precede a fé, sendo também sua causa lógica.

Que fique claro que não estamos contendendo que a vida precede a fé em questão de tempo. Não estamos dizendo que alguém talvez nasça do Espírito um dia ou semana e creia no dia ou semana seguintes. A ordem pela qual contendemos é aquela vista na relação entre causa e efeito. Estamos dizendo que a fé em Cristo é

o efeito ou evidência do novo nascimento. Não abrimos espaço para a pergunta: “Pode existir um descrente regenerado?” O efeito de uma coisa pode coexistir com esta própria coisa. Ilustramos: Faço um buraco à bala numa parede. A bala e o buraco estavam lá ao mesmo tempo, mas a bala fez o buraco e não o contrário. O novo nascimento e a fé podem ser simultâneos, mas a fé não causou o novo nascimento; o novo nascimento causou a fé.

Vamos provar agora, através de uma analogia das Escrituras que o nascimento do Espírito precede a fé, do mesmo modo como a causa precede o efeito. Vamos comparar três versículos das Escrituras. Lemos em I João 2:29: “Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele”. O verbo aqui é o tempo perfeito no grego e uma tradução da frase seria: “nasceu dele”. A questão a resolver é: Fazer a justiça é a causa ou o efeito do novo nascimento? A justiça prática segue ou precede o nascimento do Espírito? A fileira mais arminiana entre os batistas será compelida a dizer que o novo nascimento precede e é a causa da justiça prática. Em I João 4:7, lemos: “Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus”. O mesmo tempo é usado aqui e pode ser lido assim: “nasceu de Deus”. O amor espiritual é a causa ou o efeito do novo nascimento? Ele segue ou precede o novo nascimento? Mais uma vez a fileira mais arminiana entre nós dirá que o amor é o efeito ou evidência do nascimento do Espírito. Vejamos agora I João 5:1: “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido”. O mesmo tempo perfeito do verbo também é usado aqui, como o foi nos exemplos anteriores. O versículo pode ser lido então assim: “Quem crê nasceu de Deus”. E agora, o que o arminiano dirá? Será que se atreverá a dizer que a fé é a causa do novo nascimento? Se disser então, para ser consistente, também dirá que o amor espiritual e a justiça prática são também causas do novo nascimento.

3. O VALOR DA DISTINÇÃO

O valor teológico da distinção que fizemos é de longo alcance. É uma espada de dois gumes, que realmente dilacera o arminianismo de um lado e o ultracalvinismo do outro. O calvinista pode aceitar a distinção e posição de modo proveitoso, mas para o arminiano ou anti-missionário fazer isso será o mesmo que lavar a sentença de condenação da sua teologia.

Além disso, o que escrevemos está em completa harmonia com a Declaração de Fé de New Hampshire. O artigo oito diz que “arrepentimento e a fé são deveres sagrados, e também graças inseparáveis, operadas na alma pelo Espírito regenerador de Deus”. Isto torna claramente a regeneração a causa do arrependimento e da fé. O artigo sete diz: “a regeneração consiste em dar à mente uma santa disposição; que é efetuada de modo que ultrapassa nosso entendimento, pelo Espírito Santo, em conexão com a verdade divina a fim do assegurar nossa obediência voluntária ao Evangelho; e que sua evidência adequada aparece nos santos frutos do arrependimento, da fé e da novidade de vida”. Estes artigos afirmam que a fé é o efeito ou evidência do novo nascimento. A grande confusão entre os batistas hoje, resulta devido a muitos dos nossos pastores eminentes aprovando e recomendando a Confissão de Fé de New Hampshire, ao mesmo tempo em que a repudiam em suas pregações.

O valor prático de nossa posição é que ela honra o Espírito Santo ao fazê-lo o autor da vida que é essencial para se ver e receber o Evangelho. “Portanto, vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é

anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo”. I Coríntios 12:3. Nossa posição está em harmonia perfeita com outras verdades da Bíblia, tais como: o chamado eficaz, a depravação total, a responsabilidade humana e a soberania de Deus.

A distinção que fizemos foi feita primeiramente por nosso Senhor em Sua conversa com Nicodemos. Ele proclamou a vida primeiro, através do Espírito, como essencial à visão e atividade espirituais. Ele declarou que aquele que é nascido do Espírito é espírito. Esta é a vida no sentido biológico. Depois, na mesma mensagem, Jesus pregou a vida através da fé em Cristo e esta vida é o oposto de perecer. Ele não disse que os pecadores nasciam de novo pela fé, como muitos afirmam hoje. Vamos manter a regeneração e a justificação distintas em nosso pensar e pregar.

CAPÍTULO 13 - JUSTIÇA PARA O INJUSTO

“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé. Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça”. Romanos 1:16-18.

Se eu tivesse apenas um sermão para pregar e o mundo inteiro como platéia, seria esta a mensagem que pregaria. Não ia permitir que a falsa modéstia me impedisse de dizer que a verdade deste sermão é a mais vital para cada homem.

Paulo diz que não se envergonha do Evangelho porque é ele que Deus usa para salvar os pecadores. Depois, o apóstolo diz como o Evangelho salva, através da revelação da “justiça de Deus”, ou como um injusto pode se tornar justo diante de Deus. Eis aqui a pedra fundamental do Evangelho verdadeiro; ela revela como um pecador pode se tornar justo diante de um Deus justo e santo.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS

1. A salvação é uma necessidade tremenda porque os homens são ***injustos***, quer por herança, quer por prática. Deus é um Legislador e a falha dos seres morais em obedecerem a Sua lei os torna injustos diante de Seus olhos. Esta injustiça merece, e deve receber, o castigo de Deus. “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens”. Romanos 1:18.
2. A injustiça é universal entre os homens. “Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer”. Romanos 3:10. Isto significa que nenhum homem é justificado por seus próprios atos, nem por mérito próprio. Se considerar a si próprio, cada homem se encontra arruinado pela queda e maldito pela lei: “Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las”. Gálatas 3:10. “Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus”. Romanos 3:19.
3. Cada pessoa sem Cristo está sob a lei moral de Deus, como regra de vida. “Ora Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas”. Romanos 10:5. Há quem pense que todos estavam sob a lei antes da vinda de Cristo, e desde que Ele veio todos estão

sob a graça. Se isto fosse verdade, todos quantos existiram antes de Cristo estariam perdidos e todos os que existem depois de Sua vinda estão salvos. Isto significaria uma perdição universal em um período de tempo e uma salvação universal em outro período. É função da lei punir a desobediência; é parte da graça salvar o desobediente. Todos os homens são salvos do mesmo modo, pela graça mediante a fé, quer na época do Velho Testamento ou desde a vinda de Cristo. Todos têm o mesmo Salvador, não importa o ano em que viveram. Os crentes do Velho Testamento olharam para o futuro – para o Salvador que viria; os crentes do Novo Testamento olham para trás - para o Salvador que já veio. Romanos 4:1-7. Gálatas 3:21-24. O único meio de fazer isto é confiar em Jesus Cristo, “Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê”. Romanos 10:4.

4. A fim de ser salvo, um homem deve ter uma justiça que se conforma a tudo quanto a lei de Deus exige. De outro modo o pecador seria salvo às custas da justiça divina. Nenhum atributo de Deus sofre na salvação dos pecadores. O princípio da justiça opera na salvação tão verdadeiramente quanto na perdição, sendo a diferença que na salvação os atributos divinos da misericórdia, graça e amor entram em ação, a fim de satisfazer a justiça de Deus ao entregar Cristo para ser castigado como Penhor de Seu povo. Cristo morreu por meus pecados no sentido de que foi punido por eles e se foi punido por eles, então Deus, que é justo, não vai me punir por eles outra vez.

“Livres do medo temos ficado
Cristo morreu, levando o pecado;
Eis o resgate: o pacto se fez;
Fomos remidos de uma vez!”

Cantor Cristão – 376

A justiça do crente se chama “justiça de Deus”. Esta frase ocorre com freqüência e é uma das expressões mais importantes da Bíblia inteira. A fim de ser salvo, o pecador tem que ter a justiça de Deus e isto é o que se revela no Evangelho de Cristo.

SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO

A retidão de Deus não é o mesmo que a justiça de Deus (que Deus é justo e por isso pune o pecado e o pecador). Deus é justo no sentido de castigar o pecado, mas o Evangelho não salva ao nos dizer que Ele o é e vai nos dar o que merecemos. Dizer ao criminoso que a lei lhe fará justiça não são notícias boas, como não o é dizer ao pecador que Deus fará justiça – estas seriam más notícias. A expressão também não se refere a uma justiça que Deus requer do pecador. Dizer a um pecador que o salvará se ele realizar todos os atos justos exigidos na lei é zombar dele em seu desamparo.

Esta expressão que se encontra diante de nós refere-se à justiça que Deus já proveu para o pecador. E estas, sem dúvida, são notícias maravilhosas. Os homens precisam desta justiça. Sem ela eles estão eternamente perdidos. Ouvir que Deus oferece, pela cruz, a justiça exigida por Sua santidade são as notícias melhores que alguém pode escutar. Assim, o Evangelho revela uma justiça provida, não uma justiça exigida; uma justiça imputada, não uma justiça concedida; uma justiça importada do céu, não uma justiça exportada da terra. A justiça de Deus é uma

veste tecida de modo divino e não uma veste de fabricação humana. Quando os aventais de folhas de figueira de Adão e Eva não adiantaram nada, “E fez o SENHOR Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu”. Gênesis 3:21. Tipo notável da inutilidade das obras humanas na salvação e da obra do Cordeiro de Deus que tira o pecado, através do sacrifício de Si mesmo.

A justiça de Deus vem ao pecador pela fé. “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença”. Romanos 3:21-22. “Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê”. Romanos 10:4 21. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. II Coríntios 5:21.

Querido leitor, se é um perdido, deixe-me urgi-lo a reconhecer diante de Deus e diante dos homens que não possui nenhuma justiça própria e então confie em Jesus Cristo para receber a justiça que Ele ofereceu através de Sua obediência até à morte – e morte de cruz! Então, você poderá dizer como Isaías: “Regozija-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegrará no meu Deus; porque me vestiu de roupas de salvação, cobriu-me com o manto de justiça, como um noivo se adorna com turbante sacerdotal, e como a noiva que se enfeita com as suas jóias”. Isaías 61:10.

A JUSTIÇA DE DEUS DESCRITA

- 1. Quanto ao autor.** Como já vimos, Jesus Cristo é o Autor desta justiça. Ele a ganhou através de Sua morte na cruz. “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”. Romanos 5:19. Este versículo ensina, sem sombra de dúvida, que somos culpados pela desobediência de Adão e justos pela obediência de Cristo. A fim de ser justificado por Deus é preciso que se seja justo em pessoa ou por procuração. Teoricamente, há dois modos de se ser justo diante de Deus: um é pela obediência pessoal (Levítico 18:5, Romanos 10:5); o outro é através da obediência de um substituto e Penhor. Prática e realmente, só há um meio e este é através da fé em Jesus Cristo, o Penhor de uma melhor aliança. (Hebreus 7:22, 8:6).
- 2. Na sua extensão.** A justiça que Cristo ganhou para os pecadores alcança cada crente que nasceu de novo. Ver Atos 13:39, Romanos 5:1, 10:4, I Coríntios 1:30. A justiça que Cristo proveu não era para Si mesmo, pois Ele é Deus. Oficialmente, na eternidade passada, Jesus Cristo sendo Deus, exerceu Sua justiça de Legislador. A fim de se ser justo como legislador, a lei deve ser imposta e a desobediência punida. A fim de se ser justo como guardador da lei, esta lei deve ser obedecida. E assim Cristo cumpriu a lei por nós e também pagou a pena a que estávamos sujeitos, ao violarmos a lei. Gálatas 3:13. Eis aqui um argumento irrefutável para a divindade de Cristo. Se Ele fosse apenas homem, teria Suas próprias obrigações perante a lei de Deus, e embora sendo um homem perfeito, não poderia prestar conta diante de Deus por outros homens. Às vezes, ouvimos as pessoas dizerem que confiariam em Jesus como Salvador, mesmo que não acreditassem em Sua divindade. Mas este autor se atreve a dizer que não confiaria nEle se fosse apenas homem, por melhor e mais glorioso que fosse. A Bíblia diz: “Deixai-vos do homem cujo fôlego está nas suas narinas”. Isaías 2:22. Nenhum ser criado pode salvar pecadores. A divindade do Senhor Jesus é absolutamente

vital para que pudesse ser o Salvador. O Verbo eterno se fez Homem, a fim de representar outros homens diante do tribunal celeste. “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo”. I João 2:1. Nosso Redentor no Calvário é agora nosso Advogado no céu.

O Primeiro e Último Adão. Em I Coríntios 15:45, 47 Jesus é chamado o segundo homem e o último Adão. Ele é considerado aqui de modo representativo, não pessoalmente. Considerado como pessoa, Jesus não foi nem o segundo homem nem o último Adão. Houve muitos homens entre o Adão do Éden e o Adão do Calvário, e existiram muitos homens desde Jesus. Ele é chamado o segundo homem e o último Adão porque só houve dois homens que agiram como representantes. Deus trata com todos os homens, através de dois homens, e nosso destino eterno depende em qual destes homens temos nossa posição perante Deus. Os crentes são aceitos no Amado (Efésios 1:6) e são completos nEle (Colossenses 2:10). E assim, os crentes, considerados como seres morais, obedeceram a lei na pessoa do seu Representante e Substituto, e são portanto justos diante de Deus. Jesus Cristo é “O Senhor Justiça nossa”. Jeremias 23:6.

“Quando do pó ressuscitar
e a mansão celestial receber.
Minha justificativa mesmo assim, será
‘Jesus viveu e morreu por mim’”.

3. Na sua duração. Até quando durará a justiça provida por Cristo? Não se precisa argumentar que ela durará para sempre. “A tua justiça é uma justiça eterna, e a tua lei é a verdade”. Salmo 119:142. “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados”. Hebreus 10:14.

“A justiça de Adão ou dos anjos só podia existir enquanto estivessem num estado de obediência. A lei estava ligada a eles em cada momento de sua existência. No instante em que desobedeceram, os privilégios que existiam por causa de toda a obediência passada, deixaram de existir”. (Robert Haldane). Como contraste, Jesus Cristo é o Deus-homem, e tudo o que fez, era parte de seus méritos pessoais; portanto, num período limitado de tempo, Ele pôde ganhar uma justiça de valor infinito em cada aspecto”. “Levantai os vossos olhos para os céus, e olhai para a terra em baixo, porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra se envelhecerá como roupa, e os seus moradores morrerão semelhantemente; porém a minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será abolida”. Isaías 51:6.

O paraíso no qual Adão foi colocado, ao ser criado, era aqui na terra. Este paraíso foi perdido por causa da desobediência. Mas o paraíso prometido a nós será nosso pela virtude da obediência do último Adão, e é “uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação”. I Pedro 1:4-5. É com base nesta justiça que Deus justifica o crente de tudo, e o livra de cair no abismo da destruição eterna.

Meu Salvador Seu sangue derramou?
E meu Soberano morreu?
Por que sofreria tanto assim,

Por um verme como eu?

Foi pelos crimes que cometi
Que no madeiro deu a vida?
Piedade estupenda! Graça sem par!
E amor sem medida!

Bem podia o sol seu brilho esconder
E Sua glória encerrar.
Quando Cristo, o Criador morreu
Pecadores para salvar.

Só o arrependimento não pode pagar
Tal dívida de amor
Aqui, Senhor, a Ti me dou
É tudo o que posso fazer.

Isaac Watts

CAPÍTULO 14 - PREDESTINAÇÃO – PROFECIA - PROVIDÊNCIA

“Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. Efésios 1:11.

As três palavras bíblicas, do título acima, expressam doutrinas intimamente relacionadas, as quais encontram apoio no versículo citado. Desde que o conhecimento começa com uma definição, vou começar definindo os termos. Define-se predestinação como o propósito de Deus desde a eternidade em relação a eventos futuros. A profecia é uma declaração ou revelação de eventos futuros e de ações humanas. A providência é a obra de Deus em cumprir na história o que está predestinado na eternidade e profetizado no tempo. Estas três doutrinas se baseiam na vontade de Deus. Por isso lemos que Ele “faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. Efésios 1:11.

Podemos explicar melhor assim: Predestinação é a determinação ou propósito eterno da vontade divina; Profecia é a revelação da vontade divina e Providência é a execução da vontade divina.

Isto faz surgir a questão quanto a quem ou o que governa este mundo. Em resposta, há quatro grupos de pensamento. Um dos grupos diz que tudo veio a existir através de uma lei fixa – a lei da natureza. De acordo com esta opinião, o Criador fez o mundo, do mesmo modo como um homem talvez faça um relógio, deixando-o funcionar sem nenhuma interferência exterior. A única parte que Deus tem no que acontece no mundo é deixar que ele funcione através das leis morais e naturais que Ele mesmo fez. Esta opinião rejeita todos os milagres e acredita apenas no que pode ser racionalizado, na tão chamada base científica. O segundo grupo de pensamento diz que tudo acontece pelo acaso (chance). Não há nada fixo nem determinado. Uma coisa tanto pode acontecer quanto outra. O terceiro grupo acredita que tudo acontece através de uma força fria e impessoal chamada destino. Finalmente há a opinião bíblica e cristã que tudo acontece através da vontade divina na chamada Providência; isto é, através da administração de um Deus Todo-poderoso, sábio e cheio de amor. O Deus que criou, sustenta e governa para o louvor de Sua própria glória e para o bem do Seu povo.

A palavra traduzida “prudência” em Atos 24:2 na língua original (grego) da Bíblia é providência. Ela se refere aqui ao governo ou administração de Félix, o governador romano da Judéia. O apóstolo Paulo está sendo julgado por ele, acusado pelos judeus de crime de insurreição e como sendo o líder da seita dos Nazarenos. Ananias, o sumo sacerdote e os anciãos levaram com eles um advogado, chamado Tértulo, que fez as acusações contra Paulo. Mas, antes de apresentar o caso, Tértulo bajula o governador ao dizer: “Visto como por ti temos tanta paz e por tua prudência se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, Sempre e em todo o lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos reconhecer.” Atos 24”2-3. Que mentira lisonjeira! Durante o governo de Félix, as revoltas no país eram comuns e contínuas, culminando com a revolta final que terminou com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Embora a palavra “prudência” (providência) aqui se refira ao governo de Félix na Judéia, ela é muito mais aplicável ao governo soberano de Deus, cujo domínio é sobre todos e de eternidade à eternidade.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS

1. Embora os decretos e profecias divinos tornem uma coisa certa, não há força externa usada, para que se cumpram. Quando se prediz um ato mau de alguém, a providência não é uma força externa que leva ao ato. Nunca, podemos, verdadeiramente, dizer que o homem teve que pecar, no que diz respeito a uma força externa. Deus nunca força ninguém a pecar. Pelo contrário, Ele dá mandamentos, conselhos e persuasão para que não se peque. Nenhum homem ou grupo de homens podem forçar outro ser humano a pecar. Se alguém me pegasse pela força bruta, colocasse um revólver em minha mão e pela força me obrigasse a puxar o gatilho, resultando na morte de alguém, eu não seria culpado de homicídio, nem mesmo de delito.
2. Deixe-me lembrar e deixar bem claro, de uma vez por todas, que o pecado mora no coração do homem e tem que estar lá, antes que seja cometido. “Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias”. Mateus 15:19. Não nos esqueçamos nunca que Deus jamais coloca o pecado no coração de homem. Como ele chega lá é um mistério profundo. Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança, declarando-o bom. No mistério da administração divina, o primeiro homem pecou e perdeu a imagem de Deus na santidade. E a raça humana inteira caiu com o primeiro Adão. (Romanos 5:12-19). “Eis aqui, o que tão-somente achei: que Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias”. Eclesiastes 7:29. Deus nunca é o autor nem a causa do pecado.
3. Ao deixar que o mal aconteça, Deus permite que os homens façam o que já está no coração deles. “O qual nos tempos passados deixou andar todas as nações em seus próprios caminhos”. (Atos 14:16). É terrível imaginar que Deus pode, mais uma vez, abandonar nações inteiras à própria vontade. Em Romanos, capítulo 1, Paulo descreve a degradação moral das nações gentias (pagãs). Em primeiro lugar os homens “detiveram” ou suprimiram a verdade sobre Deus no livro da natureza. Fingindo-se sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em várias imagens como objetos de adoração. Havia Apolo para os gregos, a águia para os romanos, o boi sagrado para os egípcios e a serpente para os assírios. Deus deixou que esta

degradação fosse de mal a pior. O capítulo acaba com uma lista comprida de pecados prevalentes em nossa sociedade hoje, mesmo nos países que se dizem cristãos. É de estremecer, ao examinarmos o horizonte profético. Em Gênesis 6:11 lemos que a terra estava cheia de violência nos dias de Noé, logo antes do dilúvio. Lemos em Mateus 24:37 que estas mesmas condições existirão bem antes que nosso Senhor Jesus Cristo volte para julgar. As multidões estarão tão ocupadas com assuntos materiais e passageiros que o julgamento as pegará desprevinidas. Voltemos agora ao pensamento central. Isto é, os propósitos eternos e as profecias bíblicas fazem os males preditos como certos, sem impor qualquer necessidade de fazer o mal sobre ninguém. A soberania de Deus e a responsabilidade do homem são totalmente verdadeiras, embora não sejamos capazes de conciliá-las.

ILUSTRAÇÕES E EXEMPLOS PARA NOSSO TEMA CENTRAL

1. Examinemos o caso de Judas Iscariotes, que traiu Jesus. Este fato foi predito no Salmo 41:9 e citado por Jesus em João 13:18: “Não falo de todos vós; eu bem sei os que tenho escolhido; mas para que se cumpra a Escritura: O que come o pão comigo, levantou contra mim o seu calcanhar”. Nosso Senhor está dizendo aqui que Ele sabia o que estava fazendo quando escolheu Judas como apóstolo; Ele fez com que a Escritura se cumprisse. Quando Pedro fez sua confissão pelos doze, dizendo “... Nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus”, Jesus o corrigiu ao dizer a eles (aos doze): “Respondeu-lhe Jesus: Não vos escolhi a vós os doze? e um de vós é um diabo”. (João 6:67-69).

João nos diz que Ele falava sobre Judas Iscariotes que ia trai-lo. (João 6:69-71). Na festa da Páscoa, Jesus identificou quem O trairia ao lhe dar o pão molhado (João 13:26). Se Judas não tivesse traído Jesus, tanto o Salmista quanto o Salvador seriam taxados de mentirosos. Mesmo assim, ninguém obrigou Judas a fazer a coisa horrível que fez; foi sua própria vontade e acordo. Simplesmente expressava o que havia em seu coração. Nosso Senhor escolheu Judas, porque ninguém, a não ser um demônio, faria o que ele fez.

2. Considere algumas das muitas profecias em relação à morte de Cristo, exatas em muitos e diminutos detalhes. A primeira de todas encontra-se em Gênesis 3:15, que diz que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente e esta lhe feriria o calcanhar. Em Gálatas 3:13 Paulo cita Deuteronômio 21:23, a fim de indicar que Cristo morreria crucificado, o método romano da pena capital. Isto necessitava de uma mudança de governo, pois se Jesus fosse condenado à morte pela lei judaica, Ele teria que ser apedrejado. No Salmo 22 lemos sobre o grito de angústia (versículos 12 e 17) e a divisão de Suas roupas e jogo para quem ficaria com a túnica (versículo 18). Todas estas predições foram cumpridas no lugar chamado Calvário. Em Isaías 53 vemos o Messias desprezado e rejeitado pelos homens, ferido de Deus, sendo sepultado com os ímpios e com o rico na sua morte; como satisfeito com o resultado de Seus inimigos. Eis o mistério da Providência Divina no cumprimento de todas estas predições uns 700 anos após no Calvário. Em João 12:32 o próprio Jesus predisse o modo e o resultado de Sua morte: “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim”. Em João 10, Ele fala sobre Si mesmo como o Bom Pastor que dá a Sua vida por Suas ovelhas,

predizendo que elas ouvem Sua voz, seguem-nO e recebem a vida eterna. Em sua oração como Sumo Sacerdote, registrada em João 17, Jesus reconhece que o Pai Lhe deu autoridade sobre toda a carne, para que Ele pudesse dar a vida eterna a todos quantos o Pai Lhe desse e que enquanto estava na terra guardara os que Lhe foram dados, para que nenhum se perdesse. Depois Ele disse que o filho da perdição se perdeu, para que as Escrituras se cumprissem. Nos registros sobre a morte de Cristo, encontrados nos Evangelhos, vemos que toda a Escritura se cumpriu, tudo acontecendo através da Providência Divina.

No livro de Atos, Lucas, o historiador, confirma o cumprimento destas profecias. Em Atos 2:23 ele diz isto: “A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos”. Temos aqui a vontade ou o propósito de Deus na morte de Cristo sendo executado por mãos ímpias. Ninguém foi forçado a crucificar Cristo. Os homens agiram por vontade própria e revelaram o fato que a mente carnal é inimizada contra Deus. O Senhor Jesus é Deus em carne humana. Em Atos 4:26 lemos uma citação feita do Salmo 2, com este comentário: “Levantaram-se os reis da terra, porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer”. Temos aqui a predestinação (a determinação ou o propósito da vontade divina) e a Providência (a execução da vontade divina) na crucificação de Cristo. Os políticos e religiosos faziam a vontade de Deus. Mas o motivo deles não era o de executar Sua vontade. Simplesmente agiam segundo a maldade de seus corações. Deus não colocara este mal lá, porém Ele controlou e dirigiu tudo o que fizeram, a fim de realizar Seu propósito eterno em Cristo. O motivo humano era mau, porém Deus orquestrou (dominou) tudo para a salvação dos pecadores e para o louvor de Sua graça. Este é um dos muitos lugares onde Deus faz a ira do homem O louvar, impedindo o contrário (Salmos 76:10).

Por causa da providência dominadora de Deus, o que os irmãos de José fizeram vendendo-o como escravo, foi atribuído ao próprio Deus. Quando José se revelou aos irmãos e eles notaram o que haviam feito, começaram a chorar de medo. Mas José os conforta dizendo-lhes que a mão de Deus estava em tudo o que acontecera, para salvação de vidas. Gênesis 45:8: “Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito”. E em Gênesis 50:20 vemos que o que fez a diferença na vontade divina e na ação humana estava no motivo. José diz aos seus irmãos: “Vós bem intentastes mal contra mim; porém Deus o intentou para bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida”. E assim o que aconteceu no Calvário foi orquestrado por Deus, a fim de salvar muitos pecadores do castigo eterno, no inferno.

A Deus demos glória, com grande fervor;
Seu Filho bendito por nós todos deu;
A graça concede ao mais vil pecador,
abrindo-lhe a porta de entrada no céu.

Oh graça real, foi assim que Jesus,
Morrendo, seu sangue por nós derramou!
Herança nos céus, com os santos em luz,
Comprou-nos Jesus, pois o preço pagou.

A crer nos convida tal rasgo de amor,
Nos merecimentos do Filho de Deus;
E quem, pois, confia no seu Salvador,
Vai vê-lo sentado na glória dos céus.

Coro

Exultai! Exultai! Vinde todos louvar
A Jesus, Salvador, a Jesus Redentor;
A Deus demos glória, porquanto do céu,
Seu Filho bendito por nós todos deu.

Cantor Cristão, Nº 15, Exultação – Fanny Jane Crosby

CAPÍTULO 15 - QUEM QUISER

“Quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida”.
Apocalipse 22:17b.

Há virtude na justiça. Devemos ser justos com todos. Acho que a maioria das pessoas já foi, alguma vez, vítima de injustiça. Somos injustos com alguém quando o interpretamos mal e não deixamos que se defenda. Somos injustos com a Bíblia quando não a deixamos dizer o que diz. Não devemos fazer a Bíblia se encaixar em nossas opiniões; pelo contrário, devemos fazer nossas opiniões se encaixar à Bíblia. A Palavra de Deus pode ser mal interpretada em, pelo menos, duas maneiras: ao não considerar porções nela e ao se interpretar mal, textos considerados. Creio que a mal interpretamos dos dois modos. Interpreta-se mal os versículos, quando lhes dão um significado errado e também assuntos, quando não se leva em conta toda a verdade expressa no mesmo.

A doutrina do “Quem Quiser” é muito mal interpretada porque não lhe atribuem toda a verdade, ao lidarem com ela. Certa vez ouvi um pregador dizer que João 5:40 não diz “não podeis vir a mim” mas “não vireis”. Ele não era culpado de citar o versículo de forma errada, mas era culpado de interpretar mal o assunto, ao não considerar também João 6:44. “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxe; e eu o ressuscitarei no último dia”. “Quem quiser” existe, a fim de ensinar que cada pessoa pode vir a Cristo; ao passo que o oposto é verdadeiro, pois a tradução literal de João 6:44 é: “Homem nenhum pode vir a mim, a menos que o Pai que me enviou o não trouxe”.

1. QUEM QUISER VENHA A CRISTO E SEJA SALVO”.

Ninguém é desprezado nesta época da graça. Deus não faz acepção de pessoas. Ele não faz distinção de cor: preto, branco, seja qual for a cor pode vir a Cristo e ser salvo. Ele também não impõe limites sociais: rico ou pobre, servo ou livre; banqueiro ou sapateiro; erudito ou analfabeto; rainha da sociedade ou prostituta de bordel – quem quiser pode vir a Cristo com certeza de que será recebido. (João 6:37b). Esta verdade bendita já foi amplamente demonstrada. Observe alguns que vieram e encontraram salvação: o ladrão

na cruz: a samaritana (João 4:5); o perseguidor Saulo de Tarso; o carcereiro implacável (Atos 16); Raabe, a prostituta; Maria Madalena que foi possuída por demônios; Joao Newton, o traficante de escravos (escreveu o hino – A Graça de Deus); João Bunyan, o funileiro blasfemo; e muitos outros, numerosos demais para se mencionar. Se algum pecador desesperado estiver lendo estas linhas, deixe-me urgi-lo a ir a Jesus Cristo – confiando nEle – olhando para Ele – dependendo dEle – e, com certeza, será salvo.

2. HOMEM NENHUM PODE VIR A CRISTO POR SI MESMO.

Somente os que o Pai trazer, virão. Há diferença entre **poder** fazer algo e **ter permissão** para fazê-lo. Há uma grande diferença entre **poder e ter permissão** para se fazer alguma coisa. Apocalipse 22:17 é um convite para se ir a Cristo e fala de permissão. João 6:44 e 65 fala da capacidade e diz que ninguém é capaz de vir ou crer em Cristo, a menos que seja trazido. Este trazer é feito pelo Pai e não é uma força externa; nem tampouco o uso de uma força física. Pelo contrário, é uma obra graciosa e interna de Deus na alma, e o vir é o exercício da mente e do coração no qual a pessoa toma o lugar de pecador e coloca sua fé em Jesus Cristo como Salvador. Quando Jesus disse: “E não quereis vir a mim para terdes vida.”, as pessoas a quem falava já estavam diante de Sua presença física. Ele estava dizendo: “Vocês não confiam em Mim para a salvação”. A implicação clara é que se houvessem confiado nEle teriam recebido vida. Este versículo fala da responsabilidade de se crer em Cristo. Cada pessoa deve ir a Cristo, pois quem crê não será condenado. (Marcos 16:16).

Isto nos leva a uma difícil questão: Pode haver responsabilidade onde não há capacidade? A resposta: Depende da natureza da incapacidade. Se ela for constitucional ou criada, então não há responsabilidade. O homem, considerado uma criatura feita à imagem e semelhança de Deus, tem a capacidade de confiar, amar e obedecer a Seu mestre. Mas a incapacidade causada pelo pecado não cancela a responsabilidade. Não é pelo fato do pecador ser homem que ele não pode ir a Cristo para ser salvo; é porque ele é um homem caído. Não pode ir por causa do estado de sua mente e coração – não possui nem disposição nem vontade de ir. Não é que queria ir e não pode. O pecador está morto em ofensas e pecados e tem que ser vivificado pelo Espírito Santo, antes que possa fazer qualquer coisa que agrade a Deus. Leia João 3:3, Romanos 8:7-8 e Efésios 2:1-10.

“Quem quiser” implica no livre arbítrio do homem. Através do livre arbítrio a pessoa age conforme a sua mente e natureza, sem nenhuma força externa ou compulsão vinda de fora. O ímpio é livre ao rejeitar a Cristo; ninguém o força a rejeitá-lo. O regenerado (nascido de novo) vem voluntariamente a Cristo, embora seja trazido a Ele por Deus. Ao se ir a Cristo há uma expressão livre do novo coração e mente sã – a natureza nova criada por Deus através de Sua graça maravilhosa. A capacidade de se crer em Cristo como Salvador é dada pela graça. Esta verdade é reconhecida quando oramos pela conversão (salvação) dos perdidos. O arrependimento e a fé são graças inseparáveis criadas no homem pelo Espírito Santo. Os dois são dons de Deus. Atos 5:31, 11:18, II Timóteo 2:25, I Coríntios 3:5-7.

3. OUTRA VERDADE CLARAMENTE REVELADA PELAS ESCRITURAS É QUE TODOS QUANTOS O PAI DEU AO FILHO, COM CERTEZA VIRÃO A ELE.

Cristo diz: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. (João 6:37). Isto torna a vinda deles certa, e dizer o contrário é contestar o que a Verdade, O Deus-Homem, diz. Isaías 40:31, João 3:36, João 10:16 e 28. Assim, nosso Senhor diz que todos aqueles que o Pai Lhe deu, com toda certeza, virão a Ele. Não podemos esquadrinhar os segredos do conselho eterno, a fim de descobrir quem são estes que o Pai deu, mas eles podem ser identificados, após virem a Cristo. (I Tessalonicenses 1:4-6). Podemos ter a certeza de que cada um que vem foi dado a Cristo pelo Pai. Ao orar ao Pai, Jesus diz: “Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste”. (João 17:2). Temos aqui o domínio soberano de Deus com um propósito específico. (Ver também João 17:6, 9, 11, 12, 20). Estes versículos falam de alguns “do mundo” que o Pai deu ao Filho. (João 17:6). Há um limite aqui, quer queiramos quer não. Cristo deu Sua vida pelas ovelhas (João 10:11). As ovelhas ouvem Sua voz e O seguem (João 10:26-29). Não existe tal coisa como uma expiação geral baseada numa redenção universal. Meditemos no que diz Apocalipse 5:9-10. “E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra”.

“REDENÇÃO PARTICULAR”

Concluimos este capítulo dando uma citação completa de Spurgeon sobre a “Redenção Particular”.

Bem, estamos cientes que há teorias diferentes sobre a redenção. “Todos os crentes defendem que Cristo morreu para redimir, mas nem todos os crentes ensinam a mesma redenção. Diferimos quanto à natureza da expiação e quanto ao propósito da redenção. Por exemplo: o arminiano defende que Cristo, ao morrer, não morreu com a intenção de salvar qualquer pessoa em particular - que a morte de Cristo não assegura a salvação de qualquer pessoa viva – de acordo com eles Cristo morreu, tanto por Judas no inferno quanto por Pedro que foi para o céu. Eles acreditam que para aqueles designados ao fogo eterno, houve uma redenção tão real e verdadeira quanto para os que estão agora diante do trono do Altíssimo. Bem, não cremos em tal coisa. Defendemos que Cristo, ao morrer, tinha um objetivo em vista, e este objetivo, com toda a certeza e sem sombra de dúvida, será realizado. Medimos o propósito da morte de Cristo pelo efeito dela – não cremos que Cristo tenha feito nenhuma expiação eficaz por aqueles que estão condenados para sempre. Não nos atrevemos a pensar que o sangue de Cristo tenha sido derramado com a intenção de salvar aqueles que Deus em sua pré-ciência sabia que nunca poderiam ser salvos, e alguns que estavam no inferno, quando Cristo morreu para salvá-los. Muitas vezes nos dizem que limitamos a expiação de Cristo, ao dizermos que Ele não fez tal expiação por todos os homens, do contrário todos os homens seriam salvos. Nossa resposta a esta acusação é que, por outro lado, nossos oponentes a limitam e não nós! Os arminianos dizem que Cristo morreu por todos os

homens. Perguntem a eles o que querem dizer com isto: Cristo morreu para assegurar a salvação a todos os homens? A resposta é: Não, com certeza! Então, quem limita a morte de Cristo? Pedimos-lhes perdão por dizerem que nós limitamos a morte de Cristo. Na verdade são eles que a limitam. Dizemos que Cristo morreu para que, infalivelmente, assegurasse a salvação de uma multidão que não se pode contar – você é bem vindo à sua expiação; pode ficar com ela. Nunca vamos renunciar à nossa em troca do que se acredita por aí. Dizem-me que é minha obrigação afirmar que todos os homens foram redimidos e que há um versículo nas Escrituras que apóia esta idéia: “O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo”. (I Timóteo 2:6). Bem, parece-nos haver grande argumento por trás desta questão. Mas veja o que a Bíblia fala. Lucas 2:1: “E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse”. Era para o mundo inteiro se alistar? Não, somente os sujeitos do reino falado. Marcos 1:5: “E toda a província da Judéia e os de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados”. Era toda a Judéia ou toda Jerusalém, batizada no Jordão? I João 5:19: “Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno”. Todo o mundo aqui significa “todo mundo”? As palavras ‘mundo’ e ‘todos’ são usadas em uns sete ou oito sentidos nas Escrituras e raramente ‘todos’ significa todas as pessoas individualmente. As palavras geralmente são usadas para significar que Cristo redimiu alguns, de todos os tipos de pessoas: alguns judeus, alguns gentios, alguns ricos, alguns pobres e não restringiu Sua redenção nem a judeu nem a gentio”. (fim da citação de Spurgeon).

Nosso coração só pode dizer: Amém! a estas palavras de Spurgeon, e pregador nenhum é tão grande quanto ele desde o Apóstolo Paulo. Podemos acrescentar que Spurgeon fez mais para moldar nossa teologia do que qualquer outro homem que não foi inspirado, como Paulo foi.

A raça humana ficou perdida, em massa, quando o primeiro Adão pecou. “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”. (Romanos 5:19). O homem não foi redimido em massa, porém como indivíduo em particular. Os pecadores também não são regenerados em massa, mas como indivíduos, um por um. As massas não demonstram arrependimento e fé, mas sim os indivíduos, um a um. E repetimos: “Quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida”.

Quem ouvir as novas, vá proclamar:
Salvação de graça, vinde desfrutar!
Oh! Que o mundo inteiro ouça anunciar:
Todo que quiser, é vir!

Quem quiser agora, venha receber;
Eis a porta aberta, já podeis entrar;
É Jesus caminho para ao céu chegar;
Todo que quiser, é vir!

Que fiel promessa tens pecador!
Queres tu a vida? Vem ao Salvador!
Ele todos fala com mui terno amor:
Todo que quiser, é vir!

Coro
Todo que quiser, venha receber!
Possam todos essa boa nova ouvir.
É o Pai celeste que convida assim:
Todo que quiser, é vir!

Cantor Cristo – Quem Quiser, Nº 213
Autor, Philip Paul Bliss

PARTE 3 – A DOCTRINA BÍBLICA DO SERVIÇO

CAPÍTULO 1 - AS BOAS OBRAS

As Escrituras têm muito a dizer sobre as boas obras. Fomos criados em Cristo Jesus para as boas obras. (Efésios 2:10). Os crentes devem ter o cuidado de manter as boas obras (Tito 3:8). Os ricos deste mundo devem ser ricos em boas obras, prontos a repartir seus bens com os necessitados. (I Timóteo 6:18).

Nosso Senhor testificou que as boas obras do mundo são más. (João 7:7). Ele também testificou em relação aos fariseus, dizendo que as obras que faziam eram feitas para receberem elogios dos homens. (Mateus 23:5). Lemos também, na Bíblia, sobre obras mortas, obras da carne e obras do diabo. Assim, precisamos discriminar ao tratar do assunto sobre as boas obras.

1. A Qualificação para as Boas Obras.

Quem pode realizar uma boa obra diante de Deus? A Bíblia torna claro que ninguém, a não ser o salvo pode fazê-la. Efésios 2:10, Romanos 8:8, Hebreus 11:6.

As boas obras são o fruto do Espírito e somente os salvos têm o Espírito. As boas obras são o resultado da salvação e não sua causa. A ordem divina é primeiro salvação, depois o serviço. Somos salvos para servir a Deus e aos outros. Em cada plano, exceto na mecânica, tem que haver vida antes de haver atividade. Cada homem, por natureza, está morto em seus pecados e alienado da vida de Deus. Crer que um pecador pode trabalhar para ser salvo é uma grande heresia. Ver Tito 3:5, II Timóteo 1:9, Efésios 2:8-9. Tudo o que o perdido pode fazer, a fim de agradar e receber o favor de Deus é sem valor e precisa de arrependimento. Não há meio de obter o favor de Deus, a não ser por Seu Filho. “Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto”. (Efésios 2:13).

2. A Natureza das Boas Obras.

Uma boa obra no sentido bíblico, que é o único sentido verdadeiro, é aquela que agrada a Deus e traz sobre quem a fez a aprovação e bênção de Deus. Um homem pode realizar um ato que seja considerado bom na concepção humana, mas Deus pode vê-lo de outra maneira. O que os homens talvez considerem bom, Deus pode rejeitar como mau. Os homens podem recompensar algo que Deus vai censurar.

Como se pode saber se o que fazemos é bom? Esta é uma pergunta muito importante. Multidões vivem no afã da tão chamada atividade cristã, executando nervosamente programas criados por homens, para no fim colherem apenas um terrível despertar e um grande desapontamento. Ler Mateus 7:22-23.

Não é nosso objetivo enumerar as boas obras que o crente pode fazer. Pelo contrário, queremos mostrar os elementos necessários em qualquer obra que a tornam uma boa obra à vista de Deus. Como indivíduos, aquilo que fazemos em

particular pode variar, de acordo com nosso relacionamento com a sociedade e com nossas oportunidades. Observe:

A. Uma Obra de Fé é uma Boa Obra.

Fazer o que Deus manda, só porque Ele o manda, é uma boa obra. Uma obra de fé só é possível aos que têm fé. As obras de fé geralmente são opostas à razão humana. O capítulo 11 de Hebreus é cheio de obras de fé. A razão humana não determinou os atos de Noé, Abraão e outros mencionados neste capítulo. A única razão por trás de uma obra de fé é que Deus diz para fazê-la. E isto é tornar-se tolo aos olhos do mundo. Foi só porque Noé creu em Deus, que ele construiu a arca.

B. Uma Obra de Amor é uma Boa Obra.

Cristo disse: “Se me amais, guardai os meus mandamentos”. (João 14:15). I Coríntios, capítulo 13, enfatiza a necessidade do amor como ingrediente nas boas obras. A fé age por amor. (Gálatas 5:6). A fé e o amor são graças gêmeas dadas por Deus, e onde existirem certamente haverá boas obras.

O perdido, até onde vai atos externos, pode fazer uma boa obra; contudo, o motivo interno tanto quanto o ato externo são essenciais para uma boa obra diante de Deus. Um pouco de água fria, dado no nome de um discípulo de Cristo, é uma boa obra, ao passo que um presente de milhões de dólares para uma boa causa, talvez não seja considerado como tal. Eis o teste decisivo para cada boa obra: ela é feita para a glória de Deus e por amor a Cristo? Se for...

- a. Ela não é feita em troca de recompensas humanas. Era este o motivo dos fariseus ao darem esmolas. Temo que muitos crentes professos queiram suas recompensas aqui e agora e portanto, o motivo deles é agradar aos homens e não a Deus. Este autor deve confessar que sua maior tentação é pregar para agradar os homens ... algo que já foi confessado diante de Deus. Ele não se atreve a reivindicar um motivo santo para tudo o que já fez. Uma boa obra é feita para a glória de Deus e será recompensada por Ele no dia do juízo. Não é errado agradar aos homens, se eles ficam contentes em ver nossa busca para agradar a Deus.
- b. Uma boa obra de amor não é feita por inveja nem contenda. “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal”. (I Coríntios 13:4-5).
- c. Ela não será feita em busca de prêmios, aplausos, etc. Todos os tipos de meios são usados hoje, a fim de manter os membros da igreja ativos em alguma forma de atividade cristã. O que é necessário hoje é a pregação fiel da Palavra, falar a verdade em amor e depender completamente do Espírito Santo em relação aos resultados.
- d. Um culto aceitável tem que fluir de uma comunhão íntima com Cristo. Se não tivermos aprendido a adorar em secreto, não podemos adorar em público. Se Cristo não é real para nós; se não andamos nem temos comunhão com Ele, é apenas zombaria falar

sobre Ele aos outros. É apenas quando Jesus Cristo é precioso para nós que podemos sinceramente apontá-LO para os outros.

Paulo disse que a cristandade nos últimos dias seria caracterizada por pessoas “tendo a aparência de piedade, mas negando a eficácia dela”. (II Timóteo 3:5). Este é o resultado certo de muito culto público sem muita oração em secreto.

ILUSTRAÇÃO

Conta-se a história que, quando Handley Page fazia um vôo ao Oriente, ele e os companheiros desceram em Khobar na Arábia. Um rato, atraído pelo cheiro da comida, entrou no avião. Ao levantar vôo, o sr. Page descobriu a presença do rato ao ouvir o som que fazia ao roer as coisas. O piloto pensou horrorizado no estrago que aqueles dentes inclementes poderiam fazer a uma parte vital do avião. O que fazer agora? De repente, veio-lhe ao pensamento que um rato não agüenta altitude; ele foi feito para viver na superfície ou em tocas abaixo do chão. Por isso, o sr. Page decidiu voar bem alto; tão alto que ele próprio estava achando difícil respirar. Depois, apurou o ouvido para ver se ouvia algum som e para imensa alegria, encontrou o rato morto. Bem, há pestes morais na natureza da concupiscência carnal que guerreiam contra a alma: diversões mundanas de várias formas. Estas coisas mundanas não agüentam o ar do céu. Elas morrem na presença de Cristo, que morreu por nós. Orar e ler a Bíblia nos leva a uma altitude acima demais das diversões mundanas.

A IMPORTÂNCIA DAS BOAS OBRAS

As boas obras são importantes e também evidências necessárias da salvação. Elas não produzem a salvação, mas a manifestam. Não são a causa, mas o efeito do novo nascimento. “Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”. (Efésios 2:10).

As obras do crente, no tribunal de Cristo, serão rejeitadas ou recompensadas. Isto não é verdade em relação aos pecados do crente; eles foram levados por Cristo, em Seu próprio corpo, na cruz. Em relação à salvação, os pecados do crente foram colocados sobre Cristo e julgados nEle. Em relação à correção, são tratados nesta vida. (Hebreus 12:5-11). O crente será recompensado por suas boas obras quando Cristo vier. “Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor”. (I Coríntios 4:5).

Vamos nós trabalhar, somos servos de Deus,
Com o Mestre seguir no caminho dos céus;
Com o seu bom conselho o vigor renovar,
E fazer prontamente o que Cristo mandar!

Vamos nós trabalhar, os famintos fartar;
Para a fonte os sedentos depressa levar;
Só na cruz do Senhor nossa glória será,
Pois Jesus salvação pela graça nos dá!

Vamos nós trabalhar para Cristo, o Senhor,
Contra o reino das trevas será vencedor,

Ele então para sempre exaltado será,
Pois real salvação pela graça nos dá!

Vamos nós trabalhar, ajudados por Deus,
Que coroa real nos dará lá nos céus;
Na mansão dos fiéis o descanso será,
Pois Jesus salvação pela graça nos dá!

Coro

No labor com fervor,
A servir a Jesus,
Com esperança e fé
E com oração,
Até que volte o Redentor.

Cantor Cristão - Trabalho Cristão, Nº 422
Autor, William Howard Done

CAPÍTULO 2 - MANUAL PARA UM VIVER SANTO (Exposição de Romanos 12)

Se fosse possível escolher uma porção das Escrituras como manual ou guia para a vida cristã, com certeza não haveria passagem melhor que ir até os capítulos finais de Romanos. Temos aqui a responsabilidade do crente nos vários relacionamentos da vida. Neste capítulo tentaremos fazer uma exposição de Romanos 12.

Entraremos no que se chama a parte prática da carta de Paulo aos romanos. Se a parte doutrinária desta carta é desagradável para alguns, a parte prática o será mais ainda. Aquele que despreza as misericórdias de Deus, vai se rebelar contra Seus mandamentos. A cristandade prática deve se firmar numa cristandade doutrinária. Não se pode separar doutrina da vida. É como G. Campbell Morgan diz: "Não se pode plantar tulipas do Reino de Deus, a menos que se tenham os bulbos do céu". A conduta do homem é fruto do que ele crê. A flor de uma vida temente a Deus tem raízes profundas no solo da graça que se experimenta.

Paulo, após nos dar a maior de todas as exposições da graça e misericórdia de Deus; extravasa seus sentimentos de êxtase adoradora ao ver como Deus age: e segue com uma exortação para se tornar esta a conduta por parte daqueles que podem segui-lo nas experiências gloriosas das misericórdias de Deus.

O GRANDE APELO DE PAULO (v. 1-2).

- 1. *Ele roga.*** Ele não ordena como Moisés que deu a lei. O ministro crente não pode dar ordens nem obrigar; ele só pode conseguir que as coisas sejam feitas ao rogar. Uma hierarquia cristã, quer na forma de uma Missão Batista, ou por Bispo Metodista, ou Papa Católico Romano, é contrária à própria norma da cristandade do Novo Testamento.
- 2. *Ele roga pelas misericórdias de Deus.*** Este é o maior dos argumentos para uma vida consagrada. Paulo quer que as misericórdias de Deus sejam notadas e produzam fruto para a glória de Deus. O mais alto e mais puro de todos os motivos humanos é agir em apreciação pelas misericórdias de Deus.

3. **Paulo roga aos irmãos.** A exortação é ministrada aos santos. Ele não apela a pecadores, mas àqueles que tiveram uma experiência com a graça e a misericórdia de Deus.
4. **Ele roga que apresentem seus corpos a Deus.** O corpo do crente deve ser um sacrifício vivo em contraste com os animais mortos oferecidos sob a lei. Não é para se obter, mas sim para se reconhecer a bênção da salvação. É um sacrifício de louvor. O corpo é para ser um sacrifício santo. Sob a lei, os animais oferecidos em sacrifício tinham que ser cerimonialmente puros e fisicamente saudáveis. Sob a graça, o corpo humano deve ser moralmente puro. Um corpo impregnado de bebida alcoólica é um sacrifício imundo. O sacrifício deve ser agradável a Deus. Não é ao homem e nem mesmo à igreja que devemos agradar – é a Deus. A consagração é primeiramente a Deus e não a uma causa ou um serviço. Pode-se consagrar a uma boa obra sem ao menos se pensar em Deus. Tudo deve ser feito como ao Senhor. O sacrifício do crente constitui seu “culto racional”. A palavra grega para racional é “logikos” e quase sempre é traduzida como inteligente, racional, espiritual, etc. Ela é encontrada em outro lugar apenas no Novo Testamento grego (I Pedro 2:2) onde está traduzida pela frase “o leite racional”, que tem a mesma raiz que “logos”, significando “palavra”. O culto do crente a Deus tem que ser regulado pela Palavra de Deus. Isto é de suma importância, pois é fácil se ocupar com o que Deus não ordenou, de um modo também não ordenado por Deus; isto mesmo, talvez até se esteja fazendo o que Deus já proibiu.
5. **Ele roga que os crentes sejam diferentes.** “E não vos conformeis com este mundo”. Mundo aqui significa os habitantes do mundo moralmente considerado. O mundo é mau; ele jaz no maligno (I João 5:19). O diabo é seu deus. Ele domina o mundo. O mundo é centralizado em si mesmo e controlado por Satanás. O crente não deve concordar nem ser igual a ele. Ele não deve se conformar com o mundo em seu modo de pensar e de agir. O crente deve pensar e agir de acordo com a Palavra de Deus.
6. **“Mas sede transformados”.** A palavra grega é “matamorfoo”, e significa “mudar de aparência”. É a palavra usada para a transfiguração de Cristo. Em nosso texto, denota uma mudança moral, a ser realizada pela renovação da mente. Mudança de mente – novos pensamentos e novos ideais – acontece na regeneração, e esta mudança de mente deve ser renovada e aprofundada. A transformação exterior deve começar na mente e no coração. Se a conduta do homem tiver que ser certa, seu pensar tem que ser certo. Deste modo o crente vai saber qual é “a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”, sendo capaz de demonstrá-la no seu dia-a-dia. Os crentes são os “mostruários” de Deus. Temos que mostrar o fato e o valor de Deus na vida humana. O mundo comercial usa este método para vender. O vendedor de carro o colocará na direção do carro dele, a fim de mostrar-lhe a velocidade e o conforto ao dirigir. O vendedor de geladeira vai colocar uma geladeira em sua casa, com experiência, para que você possa ver suas qualidades de refrigeração. Nesta época de tanta competição muita coisa é vendida sob experiência. É uma questão solene e pertinente que o crente deve fazer a si mesmo: Que tipo de “mostruário” estou sendo para Jesus Cristo, a Quem professo confiar, amar e obedecer? Que impressão minha vida faz nos outros?

TAREFAS ESPECIAIS BASEADAS EM DONS ESPECÍFICOS (v. 3-8).

1. **Faça uma estimativa justa do seu dom.** Há medidas diferentes de fé – não pense que sabe tudo – não aja como se fosse o “Dr. Sabe-Tudo”. Pense seriamente em você e suas habilidades. Não se envenene com o orgulho. Reconheça os dons dos outros. Seja humilde.
2. **Somos muitos membros em um só corpo.** Cada igreja (a assembléia local) é um corpo de Cristo e se parece com um corpo humano. Cada membro tem seu próprio dom e lugar no corpo e o que ele faz afeta todo este corpo. Cada membro da igreja deve ser querido e bem-amado pelos outros membros.
3. **Cada membro deve exercer seu próprio dom.** Não é um talento natural, mas um dom dado de modo soberano pelo Espírito Santo. Há sete deste dons dados abaixo.
 - A. **Profetizar.** Esta é a capacidade dada pelo Espírito de articular a verdade divina. Significa especificamente a predição de eventos futuros, mas parece ter um sentido mais amplo no Novo Testamento, inclusive o dom de explicar as Escrituras. Tanto é predizer quanto proclamar. Não há mais predição, desde que o Novo Testamento foi completado. Temos na Bíblia toda a verdade que precisamos para nosso bem-estar espiritual.
 - B. **Ministrar.** A palavra grega significa serviço e é usada num sentido amplo. É usada em relação a Cristo em Romanos 15:8; a Febe em Romanos 16:1; refere-se ao ofício de diácono em Filipenses 1:1, I Timóteo 3:8. Em nosso texto não parece se referir a um ofício, mas a um serviço prático na igreja, o qual não é nomeado. Cada membro tem que prestar algum serviço.
 - C. **Ensinar.** A capacidade de ensinar a Palavra de Deus é um dom do Espírito. É um dom que o pastor deve ter (I Timóteo 3:2). Um simples exortador nunca deve ser ordenado pastor.
 - D. **Exortar.** Isto significa chamar à responsabilidade e dissuadir do pecado, e requer um talento peculiar – o dom do Espírito. Não é um ofício. Precisamos de leigos em nossas igrejas com o dom da exortação – homens que possam desafiar os irmãos à uma atividade maior; que sejam mais que “esquentadores de banco”. A exortação de um leigo temente a Deus parece ter mais efeito do que a de um pastor.
 - E. **Dar.** Dar tanto é uma responsabilidade quanto é uma graça (II Coríntios 8:9). É responsabilidade de todos e graça concedida a alguns. Onde esta graça é exercida, haverá grandes presentes para o trabalho da igreja. Vamos ser grandes doadores, mas sem fanfarra nem ostentação.
 - F. **Governar.** A palavra no grego significa “ir adiante” ou “tomar a liderança”. É usada para o pastor em I Timóteo 3:4 e 5:17. Como líder, o pastor deve ser zeloso e diligente. Pastorado não é lugar de preguiçoso.
 - G. **Exercer Misericórdia.** O dom de ajudar o necessitado e de perdoar o inimigo. Deve ser feito com alegria; ansiosa e sinceramente. João Gill (pastor inglês do século 18) acredita que os três últimos dons: dar, governar e exercer misericórdia se referem a três funções diferentes do ofício de diácono. Talvez sejam.

RESPONSABILIDADES GERAIS BASEADAS NOS RELACIONAMENTOS ESPIRITUAIS (V. 9-16).

Versículo 9. O amor deve ser sincero, sem hipocrisia. Amor fingido é ódio disfarçado. “Aborrecei o mal”. Não basta deixar de fazer o que é errado: é preciso odiar o pecado. “Apegai-vos ao bem”. Nosso dever cristão não é só o lado negativo; há também um lado positivo ao seu caráter. À medida que odeia o mal, ele deve amar e se apegar ao que é bom.

Versículo 10. Devemos amar uns aos outros, como membros da mesma família. E onde estiverem envolvidas a honra e a preferência, devemos querer que outro irmão as receba. A visão do mundo é receber honra, mas os crentes devem competir uns com os outros em dar honra.

Versículo 11. “Não sejais vagarosos no cuidado”. Isto não se refere ao trabalho secular, mas ao serviço ao Senhor. Devemos ter fervor pelo trabalho de Deus. Stifler traduz este versículo assim: “No zelo (na parte exterior) não sejam preguiçosos; no espírito (a parte humana interior) sejam fervorosos; servindo ao Senhor”.

Versículo 12. “Esperança ... tribulação ... oração”: a parte principal da vida de muitos. Talvez não possamos nos regozijar nas presentes condições, mas podemos nos regozijar na esperança de um dia melhor. E esta esperança dará paciência e perseverança no dia da aflição, porque a esperança vê um fim para ele. E, ao mesmo tempo em que esperamos e sofremos, podemos continuar orando.

Versículo 13. Temos que aliviar as necessidades dos crentes e praticar hospitalidade. Isto implica na posse particular de bens e está muito longe do que pregam o socialismo e o comunismo. Alguns têm mais que outros. Aqueles que têm, devem compartilhar, voluntariamente, com o que não têm. Mas nunca se deve tolerar nem encorajar a indolência. Ver II Tessalonicenses 3:10-11 para uma verdade equilibrada. Cada lar cristão deve ser uma pousada onde membros da família da fé possam encontrar acolhida. Hebreus 13:2.

Versículo 14. Abençoe os que o perseguem. O crente nunca deve reagir igual a eles. Não devemos lutar contra o diabo com fogo; ele sabe mais sobre essa arma do que nós. Temos que abençoar a quem nos amaldiçoa; e não reagir “dente por dente”.

Versículo 15. Compartilhe as experiências pelas quais os outros passam. Regozije-se com os que se regozijam e chore com os que choram. Eis aqui a sabedoria cristã. Cristo não chorou em Caná, nem riu no túmulo de Lázaro.

Versículo 16. “Sede unânimes entre vós”. Seja uma pessoa fácil de se conviver. Respeitem-se mutuamente e que esta atitude alcance os mais humildes. Não seja esnobe nem exclusivista. O mundo negligencia e rejeita quem é humilde, mas Cristo morreu por pessoas assim e devemos ter comunhão com elas no corpo de Cristo. Não se ache o maior!

GRAÇAS CRISTÃS PARA COM O MUNDO (v. 17-21).

Versículo 17. “A ninguém torneis mal por mal”. Vença o mal com o bem. Seja honesto. Os olhos do mundo estão a observá-lo, por isso, cuidado como anda! Mateus 5:16.

Versículo 18. Faça tudo para viver em paz com todo mundo. Certifique-se que não está entre os culpados, quando a paz for destruída. Se os homens o odeiam, deixe que o odeiem por seu amor à verdade e não pelo mal que faz.

Versículo 19. Não procure se vingar. A vingança pertence a Deus. Quando um crente busca vingar-se – quando tenta descontar o que o inimigo lhe fez – ele próprio se solta das mãos do Pai Celestial. É como se dissesse que pode resolver o caso com o inimigo, melhor do que Deus. Não usurpe o lugar de Deus no juízo; espere e Ele vai agir! Ele resolverá tudo no tempo certo.

Versículo 20. Seja bondoso para com seu inimigo. Ajude-o, se estiver precisando. Deste modo, você vai amontoar brasas vivas sobre a cabeça dele. Este é o único castigo que poderá lhe infligir – e cuidado para não fazê-lo literalmente. Perguntaram a certa senhora, que se queixou dos maus tratos do marido, se já tentara amontoar brasas vivas sobre a cabeça dele. Ela respondeu: Não, mas já joguei um balde de água quente em cima dele!

Versículo 21. Seja um vencedor. “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”. Lute contra o seu inimigo com as armas da bondade. Você vence ao fazer do inimigo um amigo, deixando a vingança com Deus, a quem ela pertence. Que tanto o autor quanto o leitor possam receber graça para darem atenção a estas admoestações que repreendem a carne!

CAPÍTULO 3 - ADORNANDO A DOCTRINA DE DEUS, NOSSO SALVADOR

A ênfase da carta de Paulo a Tito são as “Boas Obras”. Em Tito 1:16, ele escreve aos que professam um conhecimento de Deus, mas são “reprovados para toda boa obra”. Em Tito 2:7, ele exorta a Tito a ser um padrão ou exemplo de boas obras. No versículo 14, do capítulo 2, o Apóstolo diz que Cristo nos redimiu, para que pudesse ter um povo Seu que fosse “zeloso de boas obras”. Em Tito 3:1, a exortação é obedecer às autoridades civis e estar “preparado para toda a boa obra”. Contudo, no versículo 7, do capítulo 3, ele torna claro e positivo que não somos salvos por obras de justiça, mas sim de acordo com a misericórdia de Deus. O versículo 8, do mesmo capítulo, diz que os crentes devem “aplicar-se às boas obras e no versículo 14, somos mandados a “aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias”.

Tito, um jovem grego e também ajudante de Paulo, recebeu algumas tarefas bem difíceis. Parece que ele era mais forte que Timóteo, tanto na saúde quanto na coragem. O Evangelho de Cristo deve ter sido primeiramente pregado na ilha de Creta pelos judeus, que estavam em Jerusalém no dia de Pentecostes. Evidentemente, Paulo e Tito tinham ido lá, a fim de dar continuação ao trabalho e, quando Paulo foi embora, Tito ficou, a fim de pôr “em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesse presbíteros”. (Tito 1:5). Em outras palavras, Tito recebeu a tarefa de organizar os crentes em igrejas, com bispos ou presbíteros (que são os pastores) como líderes e supervisores. Esta carta foi escrita cerca de 65 d.C., uns 30 anos após a morte de Cristo.

Nesta epístola, Tito recebe uma mensagem para vários grupos e faixas etárias: velhos, jovens e escravos. E o motivo para todas as boas obras era que a Palavra de Deus não fosse blasfemada (2:5). E para que a doutrina de Deus, nosso Salvador, pudesse ser adornada (2:10).

É uma esperança maravilhosa que se deve mostrar aos crentes, a fim de que possam adornar o Evangelho de Cristo. E esta esperança foi mostrada, em primeiro lugar, aos escravos da ilha corrupta de Creta. Não era esperança de obter liberdade política, social ou econômica, mas de adornar a doutrina de nosso Salvador. Fica bem dizer aqui que para o crente é “o viver é Cristo e o morrer é ganho”. O melhor ainda vem para nós depois lá nos céus. O que o crente espera, está guardado para

ele no céu. (Colossenses 1:5). Nossa herança está reservada no céu para nós. (I Pedro 1:4). Cristo não morreu para garantir uma vida fácil aqui, mas para nos assegurar um tempo glorioso por toda a eternidade. Isto não significa que os crentes não devem se interessar pelos direitos humanos e justiça social para todos sem distinção de cor, raça ou cultura. O crente verdadeiro está cômico de suas obrigações para o bem de todos.

1. A POSSIBILIDADE DE ADORNAR A DOUTRINA DE CRISTO

O mundo julga a igreja pelo modo como seus membros vivem. Cada crente é um modelo prático do que a igreja ensina. Se tivesse dinheiro para investir e alguém o procurasse com uma nova invenção no papel, urgindo-o para ajudá-lo a patentear a invenção, se for sábio, primeiro lhe pedirá um modelo da invenção que funcione. Se tiver um câncer e alguém lhe recomendar certo remédio, primeiro vai querer saber se já houve casos de cura. Do mesmo modo, quando um crente professa que tem algo que faz alguém se tornar melhor – que encha essa pessoa com desejos novos, esperanças novas e novas alegrias – algo que a faça diferente do que era antes, é normal que o mundo pergunte: “É assim mesmo? Isto mudou sua vida? Ela é um modelo prático de cristandade?” O maior motivo que qualquer crente pode ter, é viver de uma maneira para que o mundo admita que há algo verdadeiro na religião de Jesus Cristo.

O pensamento é este: A doutrina de Deus, nosso Salvador é mais bonita, quando incorporada a uma vida. A prática tem que combinar com a profissão. A Bíblia é melhor ilustrada nas boas obras daqueles que professam tê-la como guia e modo de vida.

2. A ALTERNATIVA SOLENE

Ou adornamos a doutrina de Deus ou damos ocasião para que os outros blasfemem dela. Ou vivemos para Cristo ou estamos contra Ele. Somos um bom exemplo para o Evangelho ou uma vergonha para ele. Não existe meio termo. Ou lutamos o bom combate da fé ou nos rendemos ao diabo, à carne e ao mundo. Não se pode ficar “em cima do muro”. Ou estamos no campo da GRAÇA ou no da DESGRAÇA, que pertence ao diabo. No Dia do Senhor, estamos na casa de Deus com o povo de Deus ou então onde não devemos estar, se não houver nenhum empecilho?

Numa reunião de Alcoólicos Anônimos em Louisville, KY, EUA, há vários anos atrás, o líder foi de homem a homem e perguntou: Por que está aqui? Cada homem deu a mesma resposta: Se não estivesse aqui, estaria em outro lugar, bêbado. Esta é minha única proteção contra a embriaguês.

Que pastor já não se sentiu envergonhado por acusações feitas à sua igreja por causa do modo de vida de seus membros? Viver de modo temente a Deus talvez não o ajude aos olhos do mundo, mas ajudará sua igreja e impedirá que a doutrina de Deus seja blasfemada.

3. O TIPO DE VIDA QUE ADORNA A DOUTRINA DE DEUS

Deve ser uma vida de conformidade e consistentemente guiada pela Palavra de Deus. Uma vida que é basicamente diferente da vida mundana. Uma vida tão distinta que não seja preciso um microscópio, a fim de encontrar princípios cristãos nela. Muitos de nós parecemos ser crentes em certas ocasiões e algo completamente diferente em outras. Como os gálatas, que corriam bem, mas logo paravam. Ou como Rúben, o primogênito de Jacó, tão estável quanto a água

(Gênesis 49:4) – que ninguém dependesse dele. Diz-se bem que a melhor habilidade é a confiança.

Suponha que todo mundo que já tivesse se unido à nossa igreja fosse fiel até o fim – que igreja teríamos! Quase todo mundo, vez por outra, já se meteu numa religião, mas tantos são superficiais e não perseveram. Cristo disse a alguns judeus que creram nEle: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”. (João 8:31). Perseverar na união com Jesus Cristo como Senhor e Salvador é grande marca de um crente realmente nascido de novo. Viver a vida cristã é às vezes, como juntar dinheiro: cuide das moedinhas menores que as células cuidarão de si mesmas. Cuide das virtudes mais simples, tais como um falar são, honestidade nas questões financeiras, manter a palavra, ser assíduo aos cultos, ser constante na oração e leitura bíblica – e as grandes coisas as acompanharão.

Veja como estes escravos na ilha de Creta iam adornar a doutrina de Deus. Eles deviam obedecer aos mestres, fazendo o que lhes mandavam, sem reclamar. Não deviam roubar dos mestres, mas mostrar fidelidade; assim adornariam a doutrina. Os escravos crentes, e havia muitos na igreja primitiva, eram diferentes dos outros escravos. Seja qual for o tipo de nossa sociedade, devemos ser diferentes do mundo lá fora, adornando assim, de modo lindo o Evangelho de Cristo. E agora para concluir.

4. COMO SE OBTÉM TAL VIDA

Como se consegue a força moral e espiritual para se viver assim? Não vamos esquecer que ninguém é capaz de viver sozinho de modo que adorne a doutrina. Cristo disse: “Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”. (João 15:5). Deve haver comunhão íntima com Cristo, se quisermos tornar o Evangelho bonito. Ele deve primeiro nos fazer bonitos, antes de podemos fazer o mesmo por Ele. Precisamos estar no monte, como Moisés, em comunhão com Ele, se quisermos descer e andar por entre os homens, de modo a irradiar os princípios da religião verdadeira e adornar a doutrina de Cristo.

Conta-se a história de certa viúva, de 51 anos, que vivia na cidade de Oklahoma City, OK, EUA, à qual o médico disse que só teria um ano de vida, devido a problemas no coração. Esta senhora havia trabalhado muito e economizado um dinheirinho. Ao saber do que lhe estava reservado, tirou dez mil dólares do que havia juntado, a fim de gastá-lo em busca da felicidade. Ela pediu conselhos sobre como poderia gastar o dinheiro. Disseram-lhe que fosse viajar, mas ela não gostava disto. Disseram-lhe para comprar uma casa e carro novos, mas ela respondeu que a casa e o carro que tinha eram ótimos. Disseram-lhe que saísse pela noite, a fim de “aproveitar a vida”, porém ela respondeu que quando caía na jogatina, sempre ganhava. Pobre mulher desiludida! Como tal atitude é típica de multidões que têm **como** viver, mas não têm nada **por que** viver: não têm nenhum motivo nem objetivo dignos na vida. Que tanto o escritor quanto o leitor recebam graça, a fim de vivermos de modo a adornarmos a doutrina de Deus, nosso Salvador!

Guia, ó Deus, a minha vida
Neste mundo de aflição,
Frágil sou em minha vida,
Mas é forte a tua mão.
O meu ser de paz reveste,

Livra-me da tentação,
Livra-me da tentação.

O Hinário para o Culto Cristão
Guia, ó Deus, a Minha Vida, Nº 42
Autor, William Williams

APÊNDICE

”DEUS É POR NÓS”

D.F. Sebastian
Pastor da Primeira Igreja Batista em Plant City, Flórida, EUA

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31)

INTRODUÇÃO

Este texto mostra o fato mais glorioso que já penetrou a consciência da minha alma. “Deus é por nós!”. O “se” podia e deve ser traduzido “desde que”. O texto não expressa uma esperança duvidosa, mas uma certeza estabelecida. “Desde que Deus é por nós, quem será contra nós?” Ele marca o início de uma gloriosa conclusão climática dos oito primeiros capítulos de Romanos. Paulo já mostrou que todos os pecadores são miseráveis, inescusáveis e condenados (capítulo 1 – 3:20). Depois ele mostra que Deus ofereceu uma justiça suficiente para os pecadores em Cristo, a qual é recebida pela fé e não pelas obras (3:21-5:11). A seguir, ele mostra a experiência pessoal de quem recebe esta justiça (capítulos 6-7). O oitavo capítulo começa com “Nenhuma condenação” e termina com “nenhuma separação” para os que estão em Cristo Jesus. Nosso texto é o clímax da doutrina gloriosa da salvação pela graça expressa nesta passagem: “Que diremos pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

PRIMEIRAMENTE, QUERO QUE GRAVEMOS EM NOSSO CORAÇÃO O PENSAMENTO CENTRAL DO TEXTO: “DEUS É POR NÓS”.

Nos céus acima de nós, ao contemplarmos o universo de mundos e planetas, vemos que Deus está acima de nós. Na natureza, vemos que Deus está ao nosso redor. Em Sua lei sentimos que Ele está contra nós, pois somos culpados diante de Sua lei justa e santa. Porém, em graça, somos assegurados que “Deus é por nós!” Ele é nosso defensor, justificador, escudo e campeão. Ter Deus por nós significa que cada atributo do Seu ser, e cada grama de Seu poder inexaurível estão engajados a nosso favor e eterna segurança. Sua imutabilidade garante que Deus será por nós para sempre. Ele não muda. Ele não é volúvel em Seus propósitos, nem deixa uma tarefa inacabada. “O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo estão os braços eternos”. (Deuteronômio 33:27). “Porque eu, o Senhor, não mudo” é Sua própria declaração que nos dá segurança, “por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos”. (Malaquias 3:6). A segurança do crente não se baseia na sua perseverança, mas na imutabilidade de Deus.

Quem pode ser contra nós?

Se Deus é por nós, que o inferno e a terra, as trevas e a maldição, homens e demônios façam o que há de pior. Todos os seus esforços para nos destruir serão em vão e nosso Deus trará sobre eles eterna confusão. Se Deus é por nós, por que temer a face do homem? Por que se acovardar diante dos insultos insignificantes do homem? Por que viver num complexo de derrota? Deus é por NÓS – Deus é por NÓS! Aleluia!

QUANDO E COMO DEUS É POR NÓS?

1. *Deus é por nós na Eternidade Passada.*

- A. Por nós em Sua presciência: “Os que dantes conheceu”. “Dantes conheceu” significa mais do que um conhecimento sobre nós, pois conhecia o diabo e todas as outras pessoas. É igual à predestinar, ou escolher, ou eleger. Significa que conhecia de antemão com um propósito e de modo eficaz. I Pedro 1:2 diz: “Eleitos segundo a presciência de Deus Pai”. “Segundo” significa “em harmonia com” ou “de acordo com”. Sua escolha foi feita de acordo com, ou medida por ou igual a Sua presciência de nós. Ele é por nós em presciência. Antes mesmo de termos nascido, de termos feito bem ou mal, Deus era por nós em Seus propósitos de graça.
- B. Por nós na predestinação. Deus predestinou o destino e a santificação de cada um de nós na eternidade passada – decretou e determinou nosso destino. Não só decretou que íamos para o céu, mas também que seríamos “conformes à imagem de seu Filho”. (Romanos 8:29). “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos”. (I João 3:2).

2. *Deus é por nós no Tempo Presente.*

- A. Por nós no Chamado Eficaz – “A estes também chamou”. (Romanos 8:30). “Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”. (I Timóteo 1:9). Chamou-os segundo o que Ele propôs na eternidade passada, para realizar Seu propósito na eternidade futura. Os pecadores não são chamados por acaso nem por mera sorte, mas de acordo com o propósito de Deus. Há uma diferença imensa entre um chamado e um convite. Os pastores fazem convites ao pecadores, mas Deus os chama da morte para a vida. Há um chamado geral no Evangelho para cada homem, mas há um chamado eficaz e particular de Deus para os “que dantes conheceu” e para os predestinados – “a estes também chamou”. (Romanos 8:30).

Ele nos chama pelo Espírito Santo e pela Palavra. Ele chama à vida (regeneração) pelo Espírito e à justificação pela Palavra. A primeira é vital, a outra é legal e as duas acontecem no momento em que o pecador é salvo.

- B. Por nós na Justificação – “A estes também justificou”. (Romanos 8:30). Justificação significa ser declarado justo ou inocente diante da lei de Deus. “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?”

(Romanos 8:33). Quando Deus justifica ou declara Seu eleito justo, nunca haverá acusação mantida contra ele. Os eleitos podem ser acusados por Satanás ou caluniados pelos homens, mas a declaração do céu nunca será revertida nem nunca serão postos em perigo por seus pecados de novo. “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”. (Romanos 5:1).

- C. Por nós na Providência – “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Deus é por nós através de todas as experiências desta vida: na doença e na saúde, em casa e no estrangeiro, na prosperidade e na adversidade, na terra e no mar. Sua providência opera em todas as coisas para o nosso bem – nada pode ser contra nós no final das contas. No momento atual as nuvens podem estar escuras, ou o fardo pesado, ou a estrada difícil demais, mas tudo se encaixa em Seu plano e propósito de cooperar para o nosso bem. Quem pode ser contra nós? “Os passos de um homem bom são confirmados pelo Senhor, e deleita-se no seu caminho. Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a sua mão”. (Salmo 37”23-24). “Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou”. (Romanos 8:37).

3. Deus é por nós na Eternidade Futura.

- A. Por nós na Glorificação – “A estes também glorificou”. (Romanos 8:30). A glorificação é futura. Então seremos como Ele é. Lá nosso corpo vil será modelado à semelhança de Seu próprio corpo glorioso. A glorificação é a consumação de todo o propósito e ação prévios da graça. Todas as verdades da presciência, predestinação, chamado, justificação, santificação e providência terão seu lugar no padrão divino e se revelarão na imagem de Jesus Cristo. Seremos semelhantes a Ele e Deus, o Pai, olhará para nós como o produto final de Sua redenção eterna.

4. Deus é por nós em um Eterno Presente.

Fala-se tudo isto no pretérito (Romanos 8:28-30) como se já tivesse acontecido. Os propósitos de Deus são tão certos de cumprimento que Ele os expressa como já realizados. Não pode haver sombra de dúvida quanto à nossa segurança, desde que Deus, o qual não pode mentir, já declarou o fim do começo.

Dr. A. C. Dixon diz que esta passagem retrata o plano de Deus da Salvação Eterna como uma grande ponte suspensa que se estende sobre um abismo profundo. Os grandes cabos são ancorados nas montanhas rochosas em ambos os lados e são esticados por sobre o abismo. Outros cabos fortíssimos de aço são ligados aos cabos horizontais e sustentam a estrutura da ponte, à medida que o tráfego constante a atravessa de um lado para outro.

A Presciência e Predestinação têm uma âncora segura nos Conselhos Eternos do Deus Triuno antes de haver tempo - a Glorificação ancora o cabo da Graça Divina na Eternidade ainda futura – ao passo que o Chamado e a Justificação sustentam o eleito na experiência real aqui, no tempo enquanto somos levados são e salvos sobre as correntes turbulentos da vida. Deus é por nós o caminho inteiro!

O EFEITO PRÁTICO DESTA DOCTRINA EM NOSSA VIDA

1. Ela nos dá um senso de segurança.

“Quem nos separará do amor de Cristo?” (Romanos 8:35). Não somos mais crentes cheios de dúvidas e medrosos, mas pessoas confiantes e destemidas, que descansam em Seu poder e promessas.

2. Produz Lealdade e Fidelidade.

“Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia”. (Romanos 8:36). Perseguição, fome, tribulação, nudez, perigo ou espada não nos afastam do nosso Senhor, pelo contrário, levam-nos ainda para mais perto dEle. Tudo o que Satanás puder fazer contra nós nos aproxima mais de nosso Deus; preferimos morrer do que sermos infiéis a Ele.

3. Produz Vencedores.

“Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou”. (Romanos 8:37). Esta doutrina é muitas vezes contradita, com base em que produz descuido, indulgência e preguiça por parte dos que crêem nela. Esta é uma calúnia de Satanás aos crentes. Nenhuma doutrina jamais produziu tantos mártires quanto esta doutrina gloriosa. Façam a chamada dos mártires e poucos arminianos estarão na lista. Paulo, o escritor do nosso texto, selou seu testemunho com seu próprio sangue.

4. A Maior de Todas as Âncoras Para a Alma.

A maior fonte de paz para a mente e a base mais gloriosa para o regozijo que meu coração já experimentou são estas: “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Amém e Amém!!!